

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

000 0 90291

Dissertação de Mestrado

O VÔO DA ÁGUIA QUE "QUASE" VIROU GALINHA:
o educativo do projeto de desenvolvimento
"Grupos de Vizinhaça"

EDLA EGGERT

Porto Alegre, agosto de 1992

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

O VÔO DA ÁGUIA QUE "QUASE"

VIROU GALINHA.

O Educativo do Projeto de Desenvolvimento Grupos de Vizinhança.

EDLA EGGERT

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

ORIENTADOR: NILTON BUENO FISCHER

PORTO ALEGRE, agosto de 1992.

CIP - Catalogação na Publicação

E29v Eggert, Edla
O vôlei da águia que "quase" virou galinha: o
educativo do projeto de desenvolvimento "Grupos
de vizinhança" / Edla Eggert. - Porto Alegre
UFRGS, 1992.

p. 112

Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de
Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação.

ÍNDICES ALFABÉTICOS PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Educação Popular
37.018.8

Conscientização social
316.63.052

Desenvolvimento econômico e social: Alvorada, RS: Projeto
330.1:316.42(816.94)

Ação comunitária: Igreja Luterana: Alvorada, RS: Estudo de
caso
316.354.054:284.1(816.52ALVORADA) (078.7)

Bibliotecária responsável:
Maria Hedy Lubisco Pandolfi, CRB - 10/13

Pra mãe ler ...

Pro pai ver ...

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFRGS

"Hansel and Gretel are alive and well
And they're living in Berlin
She is a cocktail waitress
He had a part in a Fassbinder film
And they sit around at night now
Drinking schnapps and gin
And she says: Hansel, you're really
bringing me down
And he says: I've wasted my life on
our stupid legend
When my one and only love
was the wicked witch.

She said: What is history?
And he said: History is an Angel
Being blown backwards into the future
He said: History is a pile of debris
And the angel wants to go back and
fix things
To repair the things that have been
broken
But there is a storm blowing from
Paradise
And the storm keeps blowing the angel
Backwards into the future.
And this storm, this storm
is called
Progress."

(Laurie Anderson)

Na hora dos agradecimentos ...

Lembro de abraços

Que me fizeram sentir

Acolhida na cidade

Do por do sol do guaíba.

Sou muito feliz por ter, nestes três anos, recebido o carinho de pessoas que me viram tomar consciência de mim. Tornei-me ainda mais mulher, parida pela própria saliva... Quantas conversas com as amigas, com os amigos, com os amores, comigo mesma.

Meu PROCESSO.

Estou agradecida pela vida.

pelo sonho.

É tanta gente, que tenho medo de esquecer...

Por isso fica aqui em verso

O que gostaria de nomear pra cada homem.

pra cada mulher.

APRESENTAÇÃO

Este estudo, intitulado O v^o da Águia que "quase" virou galinha: o educativo do projeto de desenvolvimento "Grupos de Vizinha", pretende estabelecer um retorno ao conceito de conscientização na realidade eclesial e avaliar, a partir de uma prática, as conseqüências de determinadas compreensões no âmbito da educação popular.

A dissertação está dividida em cinco capítulos: o primeiro ... "foi seu pai", que justifica a pesquisa, define o problema e caracteriza metodologicamente a investigação. O segundo ... "seu irmão", dá a contextualização do que é a Igreja Luterana na relação com a Educação Popular. Reflete um pouco a influência da Teologia da Libertação e da Pedagogia da Libertação na construção de uma prática mais comprometida com a realidade brasileira e latino-americana. Apresenta, ainda, o que significa toda estrutura do apoio financeiro do primeiro mundo, analisando o último documento da entidade financiadora do projeto em questão, Pão Para o Mundo. Tenta, de forma simples, introduzir a/o leitora/leitor na organização deste mundo eclesial relacionado com os Projetos de

Desenvolvimento. O terceiro ..., é a massa. O que se tentou (re)criar a partir do óbvio. Isto é, tenta fazer o exercício de retornar a antigos conceitos, bastante badalados na Educação popular e lançar sobre eles um olhar mais cuidadoso. Corro sérios riscos...

Tenho medo,

Tenho Sonhos,

Não vou deixar de sonhar.

Só quem não sonha,

Não tem medo.

... Só quem não sonha, disse Paulo Freire.

O quarto ... "foi aquele" que incluiu os depoimentos e as reflexões que tentam relacionar e dimensionar o referencial teórico-prático. Aqui também indico alguns limites e faço algumas propostas. O quinto ... não tem mais verso. Exerce porém a capacidade da prosa de não cair na tentação das conclusões, muito antes das perspectivas, porque quando chegamos "ao fim" aí então percebemos que começamos!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
RESUMO	
PROJEKTDESCREIBUNG	
1 - PRIMEIRAS PALAVRAS	01
2 - REALIDADE LUTERANA E EDUCAÇÃO POPULAR	09
2.1 - Projetos de Desenvolvimento	14
2.2 - Agências Financiadoras de Projetos de Desenvolvimento	15
2.3 - Serviço de Projetos de Desenvolvimento da IECLB ...	20
3 - DA CONSCIENTIZAÇÃO IDEAL À CONSCIÊNCIA POSSÍVEL	21
3.1 - Reflexões Sobre a Conscientização da Consciência ..	22
3.2 - Numa Dimensão Um Pouco Mais Filosófica	29
4 - A CONSCIÊNCIA, A CONSCIENTIZAÇÃO E SEUS PERCALÇOS NO TEMPO	34
4.1 - Reflexões a Partir das Falas das Pessoas Entrevistadas	35
4.2 - O Processo da Consciência Possível na Linguagem das mulheres do Lugar	35

4.3 - O Processo Educativo das/o Agentes	49
4.3.1 - A História em Processo	50
4.3.2 - Um Olhar de Fora para Dentro	62
4.3.3 - O Tempo Como Limite	70
5 - PERSPECTIVAS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
ANEXOS	85
Anexo nº 1	86
Anexo nº 2	95
Anexo nº 3	97
Anexo nº 4	108
Anexo nº 5	112

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo avaliar a trajetória de um Projeto de Desenvolvimento denominado "Grupos de Vizinhança", financiado por uma Organização Não Governamental: Pão Para o Mundo e, gerenciado pela Comunidade Evangélica de Porto Alegre da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Este projeto foi realizado na Vila Piratini pertencente a cidade de Alvorada, município da Região Metropolitana de Porto Alegre, nos anos de 1982 e 1983. Dentro desta avaliação me propuz a avaliar o processo de conscientização de pessoas que vivenciaram o projeto na vila, assim como também avaliar o processo de conscientização que se desencadeou nas/o agentes. Estes últimos passam a ser destaque no meu processo reflexivo, pelo fato de, ao entrar em contato com o mundo concreto destas pessoas, através dos relatos, percebi que o processo de conscientização se concretizou também nas/o agentes do Projeto. Descobri que os estágios da consciência são de uma dinâmica de fluxo e refluxo especialmente quando se trata da consciência das pessoas que viveram o Projeto e que são da vila. Chamei este processo de "heterogeneidade da consciência".

A avaliação deste Projeto quer ser uma retomada histórica e uma contribuição para uma reflexão dos atuais Projetos de Desenvolvimento.

PROJEKT BESCHREIBUNG

Die vorliegende Analyse versucht, den Verlauf eines Projekts zur Bewußtseinsentwicklung, genannt "Nachbarschaftsgruppen", auszuwerten. Es wird von der regierungsunabhängigen Organisation "Brot für die Welt" finanziert und von der Evangelischen Gemeinde der IECLB in Porto Alegre geleitet. Dieses Projekt wurde in den Jahren 1982/83 in der Siedlung Piratini durchgeführt, die zu Alvorada, einer Stadt im Großraum Porto Alegres, gehört. In der vorliegenden Analyse versuche ich, den Bewußtseinswerdungsprozeß derjenigen Personen, die an dem Projekt in Piratini teilgenommen haben, sowie Analyse spezielle Hervorhebung, da ich anhand der Auswertung der Berichte festgestellt habe, daß durch den unmittelbaren Kontakt mit der Lebenswirklichkeit in der Siedlung Piratini, auch bei den ProjektleiterInnen ein Bewußtseinswerdungsprozeß stattgefunden hat. Ich habe herausgefunden, daß die zunächst heterogenen Bewußtseinsniveaus besonders dann zu einem wechselseitigen und dynamischen Austausch gelangen, wenn es sich um Personen handelt, die das Projekt selbst mit durchlebt haben und in der Siedlung wohnen. Ich habe diesen Prozeß "Bewußtseinsheterogenität" genannt.

Die Bewertung dieses Projektes soll ein historischer Rückblick sein und zu einer Reflexion der aktuellen Projekte zur Bewußtseinsentwicklung beitragen.

1 - PRIMEIRAS PALAVRAS

Já dizia o poeta que "memórias não podem ser esquecidas."¹ Elas de fato entram em nosso sangue, contornam nossas siluetas e não faz sentido querer extirpá-las de nós. Memórias, passado, história...

A protestante (luterana) que vive dentro de mim por causa das lembranças que possuem cheiro, gosto, tristeza, amor, ódio, alegria, fazem renascer o desejo de "lutar com a palavra"². E fico comprometida em pesquisar a partir da minha história. Não que eu esteja de bem com ela, mas porque estou convicta da possibilidade de pesquisar o "de dentro" de uma determinada realidade.

Esta dissertação quer ser uma pesquisa que remexe em documentos, "visita" vidas através de entrevistas com pessoas que

¹ Rubem ALVES. Dogmatismo e tolerância. p.9

² Cf. a poesia de Carlos D. de Andrade: "lutar com palavras é a luta mais vã, enquanto lutamos mal nasce a manhã."

planejaram e vivenciaram um trabalho comunitário. A preocupação destas pessoas está voltada para o processo de conscientização - Educação Popular.

Uma boa parte das pessoas que participaram deste trabalho, que era um "projeto de desenvolvimento", tem algo em comum com a pesquisadora: são protestantes (luteranas). Diria nas palavras de um teólogo que

"Sou protestante. Hoje muito diferente do que fui. Não há retornos. (...) Perderão seu tempo aqueles que tentarem descobrir minha fé em catecismos ou teólogos. O amor e a dor vêm primeiro. É só muito mais tarde que a gente pensa a fim de entender o sofrido e o desejado. (...) não foi no cérebro que me tornei protestante. Ao contrário, minha fé é companheira de imagens, memórias, perfumes, solidões, retiros, caminhadas por montanhas e beira de mar, rostos, sorrisos, acampamentos de trabalho em favelas, funerais, injustiças, esperanças enterradas, algumas ressuscitadas, certezas de lealdade a toda prova (...). Não sou protestante em virtude das idéias que tenho. Não somos o que somos por termos as idéias que temos. Temos as idéias que temos por sermos o que somos. Primeiro vem a vida, depois vem o pensar."³

Estou misturada, no ato da pesquisa, com tudo que diz respeito ao jeito de ser protestante. A pesquisa acontece por estas e outras vias que abordam a vida eclesial, misturada no mundo também da Educação Popular.

³ - Rubem ALVES. Dogmatismo e tolerância. p.10

O Projeto de Desenvolvimento, Grupos de Vizinhança, atendeu a Vila Piratini, que se situa no município de Alvorada, distante uma hora de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. O município era, e é ainda hoje, um aglomerado de vilas, sem que pudesse se delinear um centro. Hoje em dia o centro é mais definido pelas instalações de bancos e comércio. Há dez anos atrás a cidade se formou ao longo de uma estrada parcialmente calçada, onde se situavam casas comerciais e uma empresa de ônibus. O número de habitantes então perfazia aproximadamente 100 mil, espalhados entre 49 vilas. Considerada uma cidade dormitório de Porto Alegre, onde a predominância das/os moradoras/es faz parte do mercado informal: faxineiras ou empregadas domésticas e trabalhadores da construção civil. A média salarial era de um a três salários mínimos. É possível salientar que a situação atual não é muito diferente desta de dez anos atrás. Observo que a realidade de vida das pessoas que encontrei na vila parece que não melhorou. Algumas mudanças ocorreram, como por exemplo, a rua de acesso à Vila foi calçada, uma escola a mais, porém todo serviço prestado através do Centro Piratini não existe mais. A organização de associações é precária, apenas uma na vila São Pedro. Na observação que faço, as pessoas continuam basicamente na mesma situação.

O Projeto teve um programa de ação comunitária através do Centro Comunitário Piratini, que é um departamento da Comunidade Evangélica de Porto Alegre, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

A composição do pessoal neste Projeto tinha na coordenação uma pastora da IECLB, duas estagiárias da área de serviço social e um estagiário da área de direito, além de agentes comunitários.

O planejamento do Projeto teve início em fins de 1981, sendo executado em 1982 e 1983. O início e o fim de um Projeto de Desenvolvimento tem, na verdade, dois padrões de tempo:

- a) Uma estipulada pelo próprio planejamento que segue certos critérios da entidade doadora;
- b) Outra estipulada pelo tempo real do andamento do projeto no seu cotidiano.

Foi preciso delimitar a questão do tempo pelo fato de eu estar no limite de uma pesquisa que visa concluir o curso de mestrado. José de Souza Martins diz que "A dimensão do tempo é essencial para decifrar os movimentos sociais. Ela tem implicações metodológicas."⁴ Considerei o tempo do projeto estipulado pelo planejamento (1982 e 1983), porém esta realidade foi enriquecida pelo próprio tempo que passou. Ou seja, as pessoas entrevistadas, depois de dez anos relembrou o início, mas tinham presente o que se passou depois. Até por que a maioria destas pessoas continuou pelo menos mais dois ou três anos participando de outro projeto que foi uma continuação do primeiro.

⁴ José de Souza Martins, in.: Angelina T. PERALVA, et alii. O retorno do ator. p. 151.

Coletei dados através da pesquisa documental, de entrevistas e, através destes instrumentos, tentei chegar mais perto das pessoas que vivenciaram o projeto, pela história que cada um/a contou. Considerei o dizer das pessoas como um fio condutor a fim de criar uma dinâmica mais própria ao depoimento de cada entrevistada/o.

Identifico este trabalho como um estudo de caso, além de possuir um registro histórico. A idéia básica está em aprender com a própria história. Eu me coloco nesta história pelo fato de ter assessorado por um ano (1991) os projetos de desenvolvimento do Serviço de Projetos da IECLB.

A preocupação de tornar a pesquisa uma fonte de aprendizagem é fazer com que a análise deste projeto aponte problemáticas comuns a outros projetos de desenvolvimento e com isso gere a dúvida, a angústia e a consciência crítica possível e passível de se viver também dentro de uma realidade eclesial, onde o trabalho comprometido com as bases se faz presente.

Além da pesquisa documental, quis, através dos depoimentos, pesquisar duas situações bem definidas:

A primeira, é a entrevista com três mulheres que no decorrer do projeto foram despontando e que estão até hoje lá, na Vila Piratini, e puderam falar sobre este primeiro projeto, por terem

participado dele. Uma delas teve a experiência de conflitos com a pastora e acabou saindo do Projeto. Considerei importante fazer emergir sua fala de dor e reavaliação do seu próprio processo.

A segunda situação, é a entrevista com pessoas que planejaram o projeto: a pastora, uma estagiária, e um estagiário. Nesta parte eu me detive com maior destaque ao processo educativo destas e deste agente, compreendido aqui como a pessoa que vem de fora e atua junto a um grupo. Considerei mais este processo em detrimento do processo das mulheres que viveram o projeto na vila, por compreender, neste momento (histórico), que a avaliação da trajetória de quem elaborou e executou (numa palavra bastante mecânica) tem tido pouca penetração nas avaliações de práticas, na Educação Popular. Isto é: poder avaliar o processo de quem quis conscientizar e também se conscientizou no campo da ação.

Quero, com isto, possibilitar um parâmetro de discussão aos atuais projetos que têm ainda hoje direcionamentos envolvendo objetivos de participação e conscientização. A partir da observação e avaliação de um trabalho, que foi na época uma inovação, desejo contribuir no planejamento e na avaliação de novos projetos.

A pesquisa se limita a um projeto de desenvolvimento, pois ao entrar em contato com vários projetos deparei-me constantemente com o tema "conscientizar a população". A escolha de um Projeto de Desenvolvimento fará com que haja um aprofundamento da questão onde

o desenrolar do mesmo na teoria e na prática do cotidiano revelarão conceitos e redefinições na compreensão de conscientização.⁵

Pesquisa sobre conscientização na medida em que percebo a preocupação dos projetos de desenvolvimento em "organizar" e "conscientizar" as classes populares em vários locais do país. No campo e na cidade, a preocupação apontada nos projetos é a mesma: possibilitar à população marginalizada e empobrecida um modo mais digno de viver, criando alternativas de produção, de organização sindical, de centros comunitários, etc. Depois de pesquisar um ano, por vias institucionais, sobre como se organizam e se executam projetos de desenvolvimento, percebi que era fundamental compreender de fato o universo de um projeto. Aquela coisa de perceber o desejo, a carne, o gosto. O que pode realmente existir para além dos papéis e das letras de um projeto. Mais do que isto: nas palavras de Hobsbawm seria "... não apenas descobrir o que foi o passado, mas explicá-lo e, ao fazê-lo, forjar um elo com o presente"⁶.

Sendo assim, elaborei o problema da seguinte forma: é possível conscientizar através de um Projeto de Desenvolvimento?⁷

⁵ O termo conscientização será retomado e reconstruído no segundo capítulo.

⁶ Eric J. HOBBSBAWM. in: Frederick FRANK. A outra história. p.31.

⁷ Ver anexo nº 1.

E, no caso a ser especificamente pesquisado: foi possível conscientizar a população freqüentadora do Centro Comunitário Piratini da IECLB, do projeto Grupos de vizinhança, na Vila Piratini, da cidade de Alvorada, no período de 1982-1983?

Esta questão foi proposta especialmente e de forma explícita às agentes e ao agente que puderam no decorrer do seu relato avaliar a conscientização das pessoas e a própria conscientização. A questão foi observada de outra forma no que diz respeito aos relatos das mulheres que residem na vila. Muito mais pela observação da linguagem do que pela pergunta direta.

Em ambas as situações, busquei ser observadora atenta para a realidade concreta das pessoas que viveram o dia-a-dia do Projeto. Trazer à tona o cheiro, a cor, o peso de momentos que ainda estão vivos na experiência vivida. Tem história, tem vida em tudo que foi dito pelas pessoas e escrito por mim. Muito mais do que saber, tentei também sentir o contexto vivido por pessoas que, como eu, "sonham" com uma vida mais digna, tentando concretizar isto a partir do próprio trabalho.

2 - REALIDADE LUTERANA E EDUCAÇÃO POPULAR

Os movimentos populares que surgiram a partir do final da década de 50, traziam em seu bojo a esperança de criar novas estruturas sociais. A tônica da época centrava-se na discussão da cultura popular e esta levava conseqüentemente à (outra) Educação Popular. Neste contexto encontram-se os Centros Populares de Cultura - CPC; Movimentos de Cultura Popular - MCP; Movimento de Educação de Base -MEB. Quero citar este momento histórico, mas não me aprofundar nele, pois sobre isto há vasta literatura⁸. Quero destacar um segmento que é a Igreja Luterana e seu envolvimento no contexto mais popular, seus ensaios com projetos de desenvolvimento mais especificamente com o tema da Educação Popular.⁹

As/Os luteranas/os seguem timidamente uma trajetória que vai tomando corpo com base no desempenho das Comunidades Eclesiais de

⁸ cf. Celso R. BEISEGEL. Política e educação popular.; Luiz F. WANDERLEY. Educar para transformar.; Osmar FÁVERO (org). Cultura popular e educação Popular: memória dos anos 60.; Vanilda PAIVA. Educação popular e educação de adultos.

⁹ Veja-se: dissertação de mestrado em teologia de Rolf SCHÖNEMANN. Do quieto à participação.

Base (CEBs). As CEBs vêm comprovar a existência de uma Igreja voltada para o povo empobrecido e marginalizado. Aparece a rotulação dos padres e pastoras/es "progressistas". Embasados na Teologia da Libertação, eles constroem um novo referencial teórico. Isto se dá em quase toda América Latina entre fins da década de 60 e década de 70. Tanto católicos como protestantes vivem a conflitividade entre o conservadorismo e o revolucionário. A organização da Educação Popular tem a soma destes cristãos que não influenciaram apenas na filosofia da dignidade humana, mas preocuparam-se com os métodos de trabalho.

"A preocupação com o homem, com sua promoção, era tão importante que muitos dos esforços do grupo cristão se concentraram no método. Influências de outros países aliadas a formulações nacionais conduziram à utilização da metodologia de animação popular nas comunidades rurais e à formulação do sistema Paulo Freire para educação de adultos, reintroduzindo-se no pensamento pedagógico brasileiro a reflexão sobre o social, desde há muito abandonado nos meios onde predominava o "otimismo pedagógico".¹⁰

Há um misto de Teologia da Libertação e Pedagogia Libertadora em processo durante toda a década de 60 que continua nas décadas de 70 e 80 com desdobramentos os mais variados. Leonardo Boff e Paulo Freire são desestruturadores de um cotidiano empoeirado, triste e cansativo caminho em direção à Igreja e à escola. A palavra LIBERTAÇÃO possui significado amplo e variado para todos aqueles que se envolvem com a luta por vida digna, justiça e igualdade.

¹⁰. Vanilda PAIVA. Educação popular e educação de adultos. p.44

"Esta libertação se faz com inspiração nitidamente evangélica; nasce da meditação, da colocação em comum e da prática das palavras do evangelho, dos evangelhos de Cristo e dos primeiros cristãos. São as Comunidades Eclesiais de Base, grupos de bairro, movimentos de operários e de jovens. Ensaia-se uma libertação muito humilde, porém efetiva, porque se mudam as atitudes, a práxis, as relações de sociabilidade e o projeto de fundo da sociedade e também da Igreja institucional."¹¹

Além da Teologia da Libertação, a Educação Popular através de autores como Freire, Brandão, Paiva, Fals Borda, entre outros, passa a ser tema em várias comunidades luteranas e também na Faculdade de Teologia da IECLB. Através de uma formação teológica mais crítica e politizada, a Educação Popular tem lugar em seminários avançados no curso de graduação em teologia. De maneira que são oriundos da Faculdade de Teologia, pelo menos em parte, os poucos conhecimentos na área da Educação e da Educação Popular para uma prática pastoral mais libertadora e popular. A conscientização, a relação sujeito-sujeito, o sujeito histórico fazem parte da linguagem de um bom número de pastoras/es formadas/os nesta escola.

É necessário destacar que dentro desta Igreja havia algumas propostas indicadoras de várias faces. Uma proposta, a que poderia ser chamada de mais "progressista": Repartir Juntos; outra mais conservadora, tendo uma linha mais espiritualista e individual,

¹¹. Leonardo BOFF. Teologia do Cativo e da Libertação. p.10

chamada: Movimento Encontro. Existiam outras propostas um tanto quanto marginais a estas duas polarizações e que eram criticadas pelos "progressistas", bem como pelos "conservadores". Propostas como o trabalho com jovens chamada "Operação Impacto", que possuía a característica de inserção em áreas rurais para um trabalho junto aos colonos, trazendo noções básicas de saúde, higiene, plantio, etc.

E é nas comunidades luteranas, ou a partir delas, que a prática se concretiza na elaboração de projetos de desenvolvimento, no contato com Movimentos Populares, a fim de fazer algo que esteja mais comprometido com o povo empobrecido.

E, aos poucos, começa a preocupação em teorizar e clarear conceitos com base na realidade luterana. Um exemplo disto foi a realização do seminário nacional sobre "O Papel da Igreja Junto aos Movimentos Populares", realizado em Belém do Pará, de 28 a 31/08/90. Deste encontro nacional, a nível luterano, surgiu um documento final que se posiciona frente à condição da Igreja junto aos Movimentos Populares (MP), que não é mais de protegê-los (como protegeu na década de 60 e 70) e sim, que a Igreja deve servir aos Movimentos Populares.¹²

São ensaios como este, onde observo a construção de uma prática em Educação Popular, que vão se fazendo aos poucos em comunidades luteranas.

¹² Ver anexo nº 2.

Compreendo a Educação Popular como a prática refletida e recriada no cotidiano das lutas dos movimentos populares. Faço minhas as palavras de Carlos Rodrigues Brandão:

"(...) a educação popular é mais um modo de presença assessora e participante do educador comprometido, do que um projeto próprio de educadores a ser realizado sobre pessoas e comunidades populares. Ela se realiza em todas as situações onde, a partir da reflexão sobre a prática de movimentos sociais e movimentos populares, as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações, aprendem e se instrumentalizam. A educação popular não é uma atividade pedagógica para, mas um trabalho coletivo em si mesmo, ou seja, é o momento em que a vivência do saber compartilhado cria a experiência do poder compartilhado."¹³

Esta educação popular, regida pela experiência da troca de saberes, da possibilidade de construir o conhecimento a partir da necessidade, tem, para mim, a prioridade no ato de fazer a pesquisa.

A Teologia da Libertação (TdL), da mesma forma, resulta num exercício de compreensão contextual, latino-americano. Compreendo a trajetória da Teologia da Libertação, e também da Pedagogia da Libertação (onde inclui a educação popular), como um aceno que dá

¹³ Carlos R. BRANDÃO. Educação popular. p.72.

seqüência ao sinal de esperança que elas representam. Como muito bem expressa o teólogo Pablo Richard:

"As condições históricas que deram origem à TdL seguem vigentes. Enquanto existirem o escândalo da pobreza e a opressão e enquanto houver cristãos que vivem e refletem criticamente sua fé na luta pela justiça e a vida, haverá TdL.(...) Fazemos TdL para que o futuro da vida dos pobres, o futuro da vida humana, o futuro da libertação e o compromisso dos cristãos com esta vida sigam existindo."¹⁴

2.1 Projetos de Desenvolvimento.

Poderíamos discorrer ao longo de toda pesquisa sobre a polêmica da noção de desenvolvimento, mas como este não é meu objetivo, quero deixar este termo definido dentro do contexto da Igreja Luterana, onde se encontra e se confronta com a pesquisa. Desenvolvimento é, neste contexto, a possibilidade de um projeto de ajuda com o objetivo de proporcionar mais qualidade de vida.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB - com raízes nitidamente germânicas, mantém laços com a Igreja-mãe até hoje, através de relações de parceria em várias áreas. Uma delas é o intercâmbio de obreiras/os (os assim chamados pastores/as, diaconisas, catequistas, teólogas/os). Uma outra - e da qual tratarei com mais dedicação - é a manutenção de projetos de

¹⁴ Pablo RICHARD. A Teologia da Libertação na Nova Conjuntura. in.: Estudos Teológicos, 3(31):206.

desenvolvimento.

Estes projetos eram elaborados até quase fins da década de 70, com o objetivo de construir casas pastorais, hospitais, escolas, asilos e alguns trabalhos de cunho basicamente assistencialista. Houve uma mudança bastante significativa nos objetivos dos projetos, no final desta década e início da década de 80, onde a perspectiva passa a ser de cunho mais educativo com relação ao enfoque dos projetos.

Comunidades evangélicas envolvidas com agricultores que perderam suas terras por causa da construção de barragens, ou qualquer outra situação mais direcionada para a necessidade das pessoas ligadas diretamente ou indiretamente às comunidades/paróquias luteranas. As/Os alemães luteranas/os sempre tão orgulhosos do seu trabalho também estão a caminho da cidade, sem referencial de vida, sem nome e, com isso, passam a engrossar os cinturões de pobreza das grandes cidades brasileiras. Agentes pastorais com uma formação mais politizada começam a elaborar propostas pastorais que incluem os sem-terra, os sem-teto e marginalizados do processo produtivo. E a década de 80 passa a ser o marco inicial dos projetos de desenvolvimento cuja proposta é de conscientizar, politizar, incentivando os sindicatos, as associações de bairro, etc. Não se sabe ao certo se, por pressão ou por "conscientização" própria, as entidades doadoras passam também a incentivar projetos cuja proposta seja de organizar a população em

torno dos seus problemas de manutenção de vida, enfocando muito mais o lado educativo .

A entidade doadora (PPM) que financiou o projeto de desenvolvimento a ser pesquisado por nós tem, em seus documentos, a orientação de dar ênfase no aspecto educativo da organização do povo empobrecido. Os projetos de desenvolvimento vem tendo uma dimensão mais popular em que termos como Educação Popular, conscientização, cultura, organização de base, opressão e libertação, etc, acentuam o compromisso com o povo brasileiro empobrecido e marginalizado.

2.1 Agências Financiadoras de Projetos de Desenvolvimento.

As agências financiadoras dos projetos de desenvolvimento da IECLB são basicamente quatro:

- Community Development Service (CDS), Genebra/Suíça.
- Federação Luterana Mundial (FLM), Genebra/Suíça.
- Pão Para o Mundo (PPM), Stuttgart/Alemanha.
- Evangelische Zentralstelle für Entwicklungshilfe (EZE), Alemanha.

Deter-me-ei na agência financiadora Pão Para o Mundo (PPM) que financiou o projeto a ser pesquisado: Grupos de vizinhança na

Vila Piratini, em Alvorada.

Esta agência já possui vários documentos, posicionando-se sobre a sua função e seu compromisso cristão, de ajudar os povos empobrecidos do Terceiro Mundo.

Em seu último documento, "Declaração de PPM sobre justiça para os pobres"¹⁵, a entidade faz uma análise sobre a sua atuação em 30 anos de doações para o Terceiro Mundo. Ela quer "combater a pobreza no hemisfério sul do Terceiro Mundo", mas percebe que os resultados são imperceptíveis. O documento salienta que em meio a muita miséria e fome, alguns países estão se industrializando, confundindo a visão global de crescimento (desenvolvimento) e de miséria do povo do Terceiro Mundo.

"Registra-se nesses países relativamente bem sucedidos uma ampla difusão de pobreza e fome, pois numerosas pessoas, sobretudo em áreas rurais, ficam privadas da participação no processo de crescimento. Não encontrando trabalho assalariado nem mesmo nas aglomerações urbano-industriais destes países recentemente industrializados, estas pessoas são jogadas à margem da sociedade, nas favelas.(...) O desenvolvimento dos países latino-americanos, e particularmente o do Brasil, apresenta exemplos impressionantemente elucidativos deste fato."¹⁶

O documento reitera que não basta superar a pobreza e a fome

¹⁵ Ver anexo nº 3.

¹⁶. Declaração de PPM - Justiça para os Pobres. p.4

e sim que se conquistem direitos fundamentais de cidadania, entre eles a "liberdade de organização sindical, níveis mínimos de qualidade de trabalho."¹⁷ E além disso retoma o termo "países em desenvolvimento" e conclui que por desenvolvimento pode-se entender: "Um processo de mudança social no sentido de melhorias de condições de vida." E, neste mesmo documento, salienta a atual ambigüidade do termo - desenvolvimento - que supera qualquer possibilidade de entendimento já que a fome e a fartura estão cada vez mais acentuadas.

A tônica do documento está em que os empobrecidos devem organizar-se em comunidades onde seus interesses possam ser reconhecidos e de onde surge a coragem de lutar por melhores condições de vida. E, ao que parece, o documento deixa transparecer a relação dos fatores externos à realidade de pobreza do Terceiro Mundo.

"Não se trata apenas de uma hipoteca histórica herdada do colonialismo. Ante a profunda crise da economia mundial na atualidade e perante o crescente endividamento das nações, os fatores externos tornaram-se hoje decisivos para a evolução social e econômica nos países de Terceiro Mundo. São eles que determinam e delimitam a margem de manobra dos países em desenvolvimento, dado o elevado grau de dependência internacional de suas economias em relação à evolução do mercado mundial e particularmente quanto à política comercial e monetária dos países industrializados."¹⁸

¹⁷. Ibidem p. 5

¹⁸. Ibidem. p.9

Quem perdeu com esta política econômica foram os "pobres da cidade e do campo." A partir daí o documento enumera uma série de realidades coletadas com base nos relatórios dos projetos de desenvolvimento financiado pela Organização Não Governamental (ONG) "Pão Para o Mundo" (PPM).

Nesta pesquisa, com relação ao documento de PPM ainda quero descrever e iniciar uma pequena análise sobre o critério que norteia a "corresponsabilidade" de uma ONG ante a pobreza e a injustiça social. E, ao que me parece, PPM assume um discurso comprometido com o exemplo de Cristo.

"Quando o homem se deixa renovar por Cristo, torna-se possível modificar em profundidade a situação deste mundo. No ambiente deste serviço integral da Igreja, PPM assumiu a tarefa de dar subsídios destinados a garantir as condições externas da vida. O chamado de Deus nos incita a uma vida de partilha mútua. (...) Mesmo aos que não crêem em Cristo."¹⁹

A impressão que me passa é a de que há um sentimento de culpa no documento. A palavra culpa aparece várias vezes no decorrer do texto. Não quero e nem posso me aventurar numa análise deste documento agora, porém fica uma pergunta: o cristão do Primeiro Mundo é movido a ajudar o Terceiro Mundo pelo sentimento de culpa? A culpa é uma das pregações básicas do discurso cristão. Ela existe

¹⁹. Ibidem p.12

por causa da transgressão, desobediência, ou seja, o pecado. O pecado seria a injustiça social?

2.3 Serviço de Projetos de Desenvolvimento da IECLB

O Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD) é um setor do Departamento de Diaconia que por sua vez está inserido na Secretaria de Missão da Igreja Luterana. Ele é composto por uma diretora, um secretário executivo, uma assessora e uma comissão de sete pessoas com formação em áreas técnicas - agronomia, economia, pedagogia, arquitetura, direito, medicina. Esta comissão se reúne três vezes ao ano para avaliar e selecionar novos projetos.

É o SPD que intermedia a verba procedente do Primeiro Mundo. Esta é uma das funções, sendo que a outra é a de acompanhar os Projetos em suas bases, avaliar os mesmos e, às vezes, auxiliar no replanejamento de projetos que na prática não coincidem com o projeto inicialmente proposto.

A IECLB possui um documento chamado Diretrizes para Projetos de Desenvolvimento, que objetiva dar um padrão geral para a elaboração dos mesmos. Este documento vem sendo reavaliado em média de três em três anos e já existe desde 1983.²⁰

²⁰ Ver anexo nº 4.

3 - DA CONSCIENTIZAÇÃO IDEAL A CONSCIÊNCIA POSSÍVEL

Compreendo a consciência como manifestação singular do ser humano por este constituir-se como sujeito que pensa e age a partir do ato da razão consciente. Quero pensar a conscientização a partir da noção de consciência existencial do ser. Longe de mim a pretensão de elaborar um tratado existencialista da consciência, mas não quero falar da consciência em Paulo Freire sem remexer um pouco mais na compreensão deste conceito. A minha compreensão de consciência é a minha conscientização. Ela transcende o exercício filosófico do "dasein", da consciência "transitiva" e "intransitiva".

A consciência tem algo de muito próprio que não pode ser descrito de forma geral, já que a pessoa é e tem seu tempo e seu Ser consciência. Este tempo da consciência singular está e deve, na minha compreensão, estar relacionado a um tempo social que se constrói no coletivo.

3.1 Reflexões Sobre a Conscientização da Consciência.

A compreensão de consciência na concepção de Freire tem na origem a idéia básica de que a pessoa "é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade".²¹ A conscientização emerge depois que se enfoca a consciência intransitiva, a consciência ingênua ou transitiva e a consciência crítica.

A consciência intransitiva possui a noção de verbo intransitivo, que dá a idéia do sujeito que não deixa passar a sua ação a outro. É nesta consciência que o mundo do ser humano está estático, fechado. "A sociedade é assim porque é; não há por que e nem como mudar a situação." Há uma distância muito grande entre as elites governantes e o povo por elas governado. Não existe possibilidade de diálogo. A situação mais concreta que me ocorre é a postura de um/a professor/a em sala de aula. Se ele/a for uma pessoa com a consciência intransitiva, possuirá uma sala de aula com características "fechadas". Isto é, por mais criativos/as que sejam seus alunos/as, eles/as estão muito distantes, e com muito medo para, eventualmente, manifestarem-se frente a qualquer possibilidade de "trânsito".

"Uma comunidade intransitivada em sua consciência, como era a sociedade fechada brasileira, se caracteriza pela quase

²¹. Paulo FREIRE. Educação e mudança. p.39

centralização dos interesses do homem em torno de formas mais vegetativas de vida. (...) Falta-lhe teor de vida em plano mais histórico. É a consciência, predominante ainda hoje, dos homens de zonas fortemente atrasadas do País. Esta forma de consciência representa um quase compromisso entre o homem e sua existência.²²

O descompromisso com a própria existência, a limitação de gerar expectativas e planos, a dificuldade de discernir as relações sociais, a característica de interpretar a realidade com uma boa dose de misticismo (mágica), a ausência de senso histórico e a centralização quase total da vida na forma vegetativa, corresponde às características da consciência "intransitiva".²³ Quando numa "sociedade fechada", segundo uma compreensão inicial de Freire, começa a haver "processos internos de mobilização de seus recursos e modificação de seus valores culturais"²⁴ iniciou-se o "processo de passagem". Este processo, que não é mais estático e sim dinâmico, torna o ser humano aberto às situações da realidade onde vive sem a acomodação característica de uma sociedade fechada. Começa, então, o processo de humanização. É preciso acreditar, ter fé no ser humano. Acreditar que ele não é uma galinha, como afirma Rubem Alves na estória da "Águia que quase virou galinha".²⁵ Nada contra as galinhas, mas tudo contra a tentação de não acreditar na

²² Paulo FREIRE. Educação como prática da liberdade, p.59.

²³ Julio BARREIRO. Educação popular e conscientização, p.67.

²⁴ Julio BARREIRO. Educação popular e conscientização, p.66.

²⁵ Cf. Rubem ALVES. Estórias de bichos. Ver no anexo nº 5 a estória recontada.

capacidade criativa de cada pessoa em si. Na estória acima citada a águia queria ser galinha porque nasceu no meio delas e por não ser igual não se sentia aceita. A diferença isola. Foi necessário que viesse alguém de fora do galinheiro para acreditar e fazer a águia-galinha acreditar que ela sabia voar, e com isso, ver o galinheiro de cima. Tomar a distância necessária para o discernimento.

Na consciência transitiva ingênua, a capacidade de interpretação da existência toma parte no desenvolvimento do "trânsito" da pessoa na sociedade. Segundo Barreiro as características continuam muito semelhantes às da consciência intransitiva, diferenciando-se na capacidade da pessoa, neste "trânsito", de apreender seu mundo além da esfera biológica. Quer dizer, suas características são superadas, porém estão pontilhadas pelo simplismo com que se interpretam as situações-problemas, porque ainda estão apegadas a valores do passado. É como se a águia teimasse em não alçar vôo e apesar de saber voar, insistisse em voltar para o galinheiro. É neste momento que, segundo Freire e Barreiro, a "intervenção educativa libertadora" entra em cena, para que se avance da consciência transitiva para a consciência crítica.

A consciência transitiva (ou ingênua) é uma consciência algo menos fechada para a realidade e mais disposta para a compreensão da sua própria origem como ser histórico.

Na passagem da consciência transitivo-ingênua para a consciência crítica é onde se efetiva o processo educativo da conscientização. A consciência crítica é o amadurecimento de um processo que se acredita possível através do despertar da consciência.

Estas são as fases da consciência apresentadas por Freire. Neste discurso está a compreensão da relação de opressão entre patrão (opressor) e trabalhador (oprimido) e a dinâmica interna, que está contida no oprimido, de armazenar dentro dele o opressor.

A conscientização é o processo pelo qual se supera a consciência intransitiva e transitiva ingênua, chegando à consciência crítica. A conscientização para Freire ultrapassa a visão ingênua, chegando a uma leitura crítica da realidade com a mudança de ação.

"A conscientização implica pois que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível. (...) Conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização."²⁶

A consciência de ser e estar no mundo historicamente, recria o ser da pessoa enquanto sujeito que se liberta da objetificação

²⁶. Paulo FREIRE. Conscientização. p.26 e 29

produzida sobre ela, pela ideologia que integra o patrão (opressor) dentro dela mesma (oprimido).²⁷ A prática de uma "pedagogia humanizadora" revela, no discurso de Freire, a convicção da mudança. É no jeito de trabalhar com o oprimido que se vai perceber a dimensão da libertação. A problematização é necessariamente um instrumento para que se atinja a conscientização. Ela evidencia o confronto com a realidade ou "situação limite" através do diálogo.

A transitividade da consciência e a intransitividade da mesma, são passagens que uma sociedade pode viver. Freire, quando elaborou estes conceitos possuía uma noção de sociedade fechada e aberta, que foi criticada posteriormente como ingenuidade e nacionalismo desenvolvimentista.²⁸ É importante destacar a historicidade e a dinâmica do crescimento teórico em autores comprometidos com uma pedagogia de transformação, como Paulo Freire. Percebemos que os conceitos usados naquela época, relacionando sociedade fechada e aberta, representava o Brasil num determinado momento histórico. E as principais situações do homem brasileiro seriam às seguintes:

"A consciência intransitiva - se caracteriza pela quase centralização dos interesses do homem em torno de formas vegetativas de vida. A consciência transitiva situa o homem acima dos

²⁷. Paulo FREIRE. Pedagogia do oprimido, p.36

²⁸. Vanilda PAIVA. Paulo Freire e o nacionalismo desenvolvimentista.

interesses meramente vegetativos."²⁹

A sociedade mais aberta vem como consequência da industrialização que ao mesmo tempo faz emergir o povo, porém também o massifica.

Retomando o que já disse inicialmente, os estágios de transitividade apontam a necessidade da mudança de consciência. O voo da águia faz com que ela aviste o galinheiro de cima.

A consciência oprimida (intransitiva, transitivo-íngênua) não é consciente. Ela é, porém, uma "consciência possível" onde conscientizar seria a possibilidade, única, de "criar" situações e provocar reações à medida em que são apresentadas as contradições das relações sociais.

A tomada de consciência se realiza no ato de

"(...) pensar as relações entre o significado próprio da existência humana e a circunstância histórica que determina pelo menos alguns dos aspectos mais importantes dessa existência. Assim, concluímos que a consciência conscientizada é aquela capaz de pensar a sua época histórica ao mesmo tempo em que se pensa e se determina nessa época. O homem conscientizado não pode deixar de ser, então, o homem comprometido com a história de sua época."³⁰

²⁹. Paulo FREIRE. Educação e Atualidade Brasileira. Apud Celso BEISEGEL. Política e educação popular. p.58

³⁰. Julio BARREIRO. Educação Popular e Conscientização. p. 59-60.

A mulher e o homem comprometidos com a sua época estão e são conscientizados. Há, a partir desta elaboração, a construção de uma noção mais clara de consciência de classe. Condição mínima para a transformação social.

Barreiro apresenta a consciência como sendo aquela que determina os modos pelos quais a pessoa se relaciona com o mundo e com outras pessoas. Ela (a consciência) é socialmente determinada e pode transformar-se, pressupondo uma atuação pedagógica para que se transforme. A conscientização é apresentada como o processo através do qual a consciência se atualiza e chega a um nível adequado da realidade social. Este nível é que motiva à participação em processos de transformação social. E a Educação Popular é um instrumento pedagógico de conseqüência libertadora. é o que se criou como oposição às técnicas usadas pelo poder dominante (educação bancária).²¹

Ao refletir sobre a consciência e a conscientização, pude perceber que este é um tema já bastante "ultrapassado" no cotidiano da pesquisa em educação, pelo menos em nosso meio. Devo insistir, pois às vezes o óbvio precisa ser retomado e dito. Neste momento histórico, quando o próprio Paulo Freire reescreve "A Pedagogia do Oprimido"²² e reconhece que exagerou um pouco sobre o papel da

²¹. Ibidem. p. 103 - 104.

²² Mario CORTELLA e Paulo de Tarso VENCESLAU. Entrevista com Paulo Freire. Revista Teoria e Debate, Nº17, p.28.

conscientização e sua influência na feitura da história, resvalando em posições idealistas que foram retificadas³³, ainda assim, estou convencida do valor que tem a Educação Popular e seus variados temas.

O termo conscientização não é mais usado por Freire há aproximadamente 20 anos. Na linguagem relacionada com os movimentos populares e, especialmente, na igreja o termo conscientização continua sendo amplamente usado. Seria por acaso uma forma de perpetuar o discurso da conversão? do nascer de novo?

Os níveis de consciência passam a ser substituídos da compreensão formal e racional para uma compreensão que admite o desejo, o inconsciente e a intermediação do corpo como um processo de descobrimento do sujeito.

3.2 Numa Dimensão um Pouco Mais Filosófica...

O "comportamento do filosofar", segundo Bornheim, aprofunda a perspectiva da definição de conscientização baseada em Freire e Barreiro. Em Bornheim encontrei uma análise de como se dá a atitude básica do filosofar dentro de uma linha de pensamento existencialista, linha na qual Freire também busca inspiração.³⁴

³³ ibidem p.29.

³⁴ Veja-se: Marta BARDARO. Paulo Freire e o Pensamento Existencialista. in.: Carlo A. TORRES. Leitura Crítica de Paulo Freire, p. 53-62. Freire é apontado como um pensador de "ótica

Interessa-me compreender as dimensões da admiração, da dúvida e da insatisfação moral apresentada pelo autor como algumas das atitudes básicas do ato de filosofar.

É na admiração que se compreende o "impulso inicial de todo filosofar. No comportamento admirativo o homem toma consciência de sua própria ignorância." ⁵⁵ E esta consciência vai interrogando a pessoa sobre o que ela não vislumbra até eliminar a ignorância, substituindo-a pelo conhecimento. Já na dúvida está o exercício metódico da pergunta que aguça o espírito crítico. E na insatisfação moral está a pergunta pelo sentido da própria existência.

Estas três atitudes são uma possibilidade de síntese sobre o pensamento filosófico. O predomínio de uma das atitudes é apresentado pelo autor como um problema que depende do valor que cada pessoa dá a elas. E, ao que parece, a admiração compreende para o autor uma abertura maior para explicar a complexidade inicial do ato de filosofar. Antes, porém, a melancolia é indicada como outro problema ao ser relacionada por Aristóteles como uma característica natural ao Ser que filosofa. E isto define a

periférica" que avança a reflexão do ser humano como "ser-no-mundo" quando afirma que o mundo que cerca o homem não é por acaso, mas é por produto da ação humana. E, esta realidade quando se faz opressora modifica o ser, no sentido de libertar-se desta opressão. Para Freire o ser humano é capaz de re-criar sua condição de "ser-no-mundo."

⁵⁵. Gert BORNHEIM . Introdução ao Filosofar, p.10

admiração como mais voltada para o exterior, enquanto a melancolia está voltada mais para o interior.

"... realmente, não nos diz como relacionar a admiração com a experiência da melancolia. E os problemas se impõem: por que a melancolia implica em uma espécie de desgosto, um tornar o homem solitário, mas de uma solidão que exige dele a abertura para a compreensão do real. Tal como a descreve Aristóteles, há, na experiência da melancolia, um esforço, ou melhor, ela adquire dimensão filosófica a partir deste esforço."³⁶

Farei o exercício da comparação, o que pode não parecer muito filosófico, entre o ato de filosofar e a conscientização, obteremos algumas semelhanças. A condição de que a conscientização só acontece quando o sujeito se percebe perante a sua própria história, isto é, se percebe objeto, ele está entrando para uma atitude filosófica. E se ele se percebe ignorante é porque se colocou na condição de admiração. Estou tentando dizer que a conscientização passa necessariamente pela atitude filosófica da admiração, da dúvida e da insatisfação moral. Sendo que é na admiração que vamos conseguir mais subsídios para a compreensão da consciência crítica.

A admiração traz consigo o sentido da abertura, uma confiança básica diante da realidade. Esta é a admiração ingênua, "aquela que se processa sobre um fundo amoroso, raiz última que em seu silêncio

³⁶ Gerd BORNHEIM, Introdução ao Filosofar, p.17.

deixa a realidade falar."³⁷ Esta é a abertura da pessoa, do sujeito, para o real. E o ato admirativo não se dá como fusão com o real, já que uma característica da admiração é justamente "o reconhecimento do outro como outro." Há uma distinção entre consciência e mundo num exercício de distanciamento com relação ao outro, a realidade ou até de si próprio. Isto implica em compreender que não há fenômeno de admiração se não houver vida consciente.

O autor aprofunda esta reflexão apontando para a consciência dogmática, aquela que petrifica noções de realidade e de vida; e analisa a consciência crítica como sendo a consciência que dá o salto qualitativo da noção de ser e estar na vida a partir do ato admirativo-reflexivo, assumindo a angústia da busca pela mudança do apático para o crítico.

Neste exercício de idéias quero lembrar Gramsci, e fazer uma ponte com o que ele elaborou sobre o filósofo e o filosofar. Todo ser humano possui dentro de si um filósofo. Um ato pensante, uma possibilidade de transformar algo em sua volta. Nem todos se dedicam ao trabalho específico do filosofar, como a/o filósofa/o, mas todos possuem a condição de fazê-lo.³⁸ E, ao fazer o exercício filosófico, qualquer trabalhador passa pelo espinhoso caminho da

³⁷. Ibidem. p. 23

³⁸. Veja-se: Antônio GRAMSCI. Concepção dialética da história. e Os intelectuais e a organização da cultura.

dúvida e da angústia. Ele pode, na caminhada, parar e ficar com a consciência petrificada (dogmática) sem a perspectiva da angústia que leva à consciência crítica. Isto é o que Barreiro aponta em determinado momento do seu trabalho e é também o que pode ser detectado em Bornheim. Quando não há um processo constante de reflexão a partir da realidade vivida, fica-se na apatia. E não menos enfático é Freire, na introdução admirável elaborada para o livro de Sílvia Mello, "Trabalho e Sobrevivência". Ele vai mais além do processo da consciência, pois fala da consequência da conscientização.

"Na verdade, a milhões de brasileiros e brasileiras vem sendo negado o direito de sofrer. É que, de fato, viver o sofrimento, "transar" o sofrimento, só é possível quando no domínio da necessidade, começa a haver brechas através das quais a liberdade, rebelando-se e lutando para se afirmar, cria "espaços" no tempo da dor. "Espaços" que são, no fundo, momentos para a curtição da dor como direito e não como distorção masoquista."³⁷

O que é conscientização se não: possibilitar ao ser humano a percepção da realidade de sua limitação?; da limitação no seu contexto sócio-político gerada pela relação de exploração do capital? A "situação limite" falada desde a pedagogia do oprimido não seria "ocasionar" o sofrimento?

³⁷. Paulo FREIRE. Apud Sílvia MELLO. Trabalho e sobrevivência. p.3

4 - A CONSCIÊNCIA, A CONSCIENTIZAÇÃO E SEUS PERCALÇOS NO TEMPO.

É sobre o DIZER que gostaria de escrever neste ensaio. Dizer como foi, através da própria fala, a experiência de planejar e sonhar com um trabalho de conscientização na Vila Piratini. Dizer como foi conviver com pessoas vindas de fora e, realizar com e a partir delas um trabalho organizativo que desse condições de viver melhor na vila.

No trabalho de pesquisa de Sílvia MELLO, "Trabalho e Sobrevivência", vislumbrei a possibilidade de deixar a entrevista mais integral. Às vezes, pode parecer cansativo, porém esta foi a única forma que me deu condições de elaborar, numa linha de tempo, a fala das pessoas.

4.1 Reflexões a Partir das Falas das Pessoas Entrevistadas.

"Os limites da minha linguagem, denotam os limites do meu mundo"⁴⁰. Disse uma vez Wittgenstein e assim posso assegurar que os meus limites delineiam-se na minha linguagem, bem como os limites da linguagem apreendida nesta troca ou melhor nesta entrega de informações. Afinal as pessoas que me receberam e que abriram mão do seu tempo e dos seus espaços confiaram informações há muito adormecidas em suas memórias.

Elaborei dois momentos que apresento como:

O processo de consciência possível na linguagem das mulheres.

E o processo educativo das/o agentes do projeto.

4.2 O Processo da Consciência Possível na Linguagem das Mulheres do Lugar.

A conversa com estas mulheres (D. Noemi, D. Valda e D. Margarida) teve por objetivo vislumbrar um lado mais do cotidiano onde elas viviam e vivem. Além disso, perceber o universo de "conscientização" possível de compreender a partir do que me foi dito. É interessante observar que para estas mulheres "contar a história" desde o início era fundamental. Vou trazer aqui o relato

⁴⁰ Wittgenstein, apud Rubem ALVES. Dogmatismo e tolerância. p. 21.

base da D. Noemi que remonta bem o crescimento do trabalho na vila. Aos poucos vou incluir as falas das outras mulheres para prosseguir na reflexão mais global sobre o tema proposto.

"Você gostaria de saber só a partir do trabalho da pastora Ana ou desde o início? (Noemi)

"Pode ser desde o início" (Edla)

"É, desde o início é melhor. Aqui óh tem uma foto⁴¹ do pastor me entregando um diploma de cabelereira. Olha foi assim: Nos anos setenta a vila aqui era pobre, o pessoal atrasado, eu com meu filho pequeno, meu marido desempregado e como outros vizinhos estávamos vendendo as coisas de dentro de casa pra gente podê se sustentar. Ai uma senhora me disse: - olha D. Noemi a senhora não venda nada por que chegou um pastor aqui na vila e tá ajudando muita gente. Ai eu fui dá. Conteí pro pastor Roberto né. E ele me disse: -A senhora não me venda mais nada. A senhora vem aqui e vamos ver o que a senhora pode fazer. Ele disse: - nós vamos montar um Centro Comunitário. Aqui na vila não tinha nada, nada. Ele botou o ambulatório médico, tudo ali pra atender. Ai então eu fui com ele ver a construção do Centro Comunitário. Ele disse: - Olha nós temos que plantar arvoredo ao redor, vocês sabem, né? Eu sabia, tinha outras mulheres que também sabiam. Então nois fazia assim: nós ajudava o pastor a plantar verdura e arvoredo e no fim da tarde ele dava assim um ranchinho pra nós. A gente ia assim uma vez por semana no Centro Comunitário e ganhava um ranchinho que vinha ... não sei da onde, uma cooperativa né? Vinha assim uns donativo pra ajudar as pessoas né. Qué dizer que aquilo não era de mão beijada não, a gente trabalhava pra adquirir e a gente foi indo. Tinha os culto, a gente ia visitar as pessoas nas casas, convidar as pessoas periféricas pra

⁴¹ A foto está colocada num quadro fixado na sala entre outras fotos de família e a imagem de Nossa Senhora.

assistir os cultos todas as quartas feiras. Depois ele fez uma capelinha pra gente ter os cultos aos domingos e era maravilhoso. E depois disso o pastor Roberto teve que ir embora. Não, minto. Antes de ele ir embora teve a greve da construção civil. Então todos trabalhadores se reuniam no Centro Comunitário e saiam a pedir coisas na rua por que a greve, se não me engano, durou quase um mês. E juntavam todas as coisas que ganhavam e no fim do dia repartia entre todos trabalhadores. Era uma beleza. E eu então era a cozinheira deles. Quando terminou a greve o pastor perguntou se eu não queria continuar a cozinhar no Centro Comunitário foi daí que ele assinou minha carteira. Ele nos libertou, a gente tava parada, tudo encolhida e ele dizia: -Não D.Noemi faça alguma coisa. Quem tem boca vai a Roma, se a senhora tá necessitada de alguma coisa, peça, vá pra luta. Agradeço ao pastor Roberto que a gente renasceu, né? Quando eu cozinava pra ele comecei a ficar doente. Fiquei com um problema nas mãos. O pastor tinha uma leitura do Aleijadinho que tinha um problema nas mãos e não sei se foi mera coincidência de repente, minha filha, minhas mãos começaram a entortar e meus pés também. Eu já trabalhava pro pastor, aí ele foi lá no hospital e me disse: - olha D.Noemi a senhora não se preocupe que estes dois meis que faltam pra fechar um ano eu vou continuar pagando. Olha minhas mãos... O pastor sempre lembrava do Aleijadinho. Agora graças a Deus e a minha força de vontade consegui abrir as minhas mãos. Tavam fechadas e consegui abrir. Graças ao pastor ele pagou os dois meses que faltavam pra fechar um ano. Aí fechou um ano e o pastor disse pra eu me encostar. Eu fazia pericia de três em três meses até me aposentar.

"É a senhora não trabalhou mais?"(Edla)

"Naquele meio tempo quando eu melhorei o pastor veio pra mim e disse: - Olha pra senhora não ficar assim parada nós temos no Centro Comunitário uns cursos, o que que a senhora prefere? e eu respondi: - ah, eu prefiro o curso de cabelereira. - Mas a senhora com as mãos assim...

Mas eu disse que não doendo dava pra eu corta os cabelos.(risos)

Entra aqui quero te mostrar o salãozinho, não

repare. É humildezinho viu, agradeço ao pastor. Botei o salão pra quebrar um galho. As vezes as mãos e os pés incham daí não dá pra trabalhar e, por isso, eu sempre deixo o salão fechado. Quem me conhece vem e bate e daí eu corto o cabelo. A gente não pode trabalhar a semana corrida, deixar aberto o dia todo daí tem que pagar imposto né? Sabe como é o governo... Eu tinha tudo direitinho, mas aí eu piorei, vendi e agora trabalho como dá. As vezes eu encho a minha bolsa de trocados, viu?"

Esta primeira parte revela todo processo anterior a vinda da pastora Ana. Existia uma boa movimentação na vila antes do projeto Grupos de Vizinhança. Isto por que o pastor, que era da Alemanha, tinha uma prática comunitária, porém assistencialista. "Praticamente trazia todas as coisas prontas" tornando as pessoas acomodadas. Ao que tudo indica há uma prática assistencialista misturada com o ensinamento cristão de "ajudar o próximo". Pensando mais sobre o assunto da ação de "ajuda ao próximo", trago a reflexão de Leonardo e Clodovis BOFF de acrescentar ao compromisso de ajuda a compreensão do conflito de classes, que é onde a Teologia da Libertação se distingue de uma teologia tradicional:

"Numa dimensão social, amar significa colaborar na criação de novas estruturas, apoiar aquelas que representam um avanço na gestação de qualidade melhor de vida e situar-se bem no campo político à luz da opção solidária com os pobres."⁴²

Para o momento histórico na Igreja luterana, fazer o que o P.

⁴² Clodovis e Leonardo BOFF. Como fazer Teologia da Libertação, p.88.

Roberto fazia era entendido como muito progressista, era uma inovação. Quando analisei mais de perto compreendi, na fala de D. Noemi, que de fato o pastor não assumiu um referencial que abraçasse a questão política desta prática. Não havia clareza de objetivos por parte de quem tentava organizar esta comunidade. Ou então, me parece que na prática os encaminhamentos se tornavam assistencialistas. Mesmo com tal prática, percebo na trajetória de D. Noemi uma mudança de postura, quer dizer: ela começou a se pensar. Pode até ser que tenha achado mais fácil procurar o pastor para ver o que ele fazia, mas com isso, ela sai da condição de vender o que ainda possuía para fazer algo que lhe desse a noção de que ela valia mais do que os objetos que vendia pra poder comer.

Revela-se, então, o início de um processo de conscientização. Saber-se miserável, pensar a própria limitação. Esta era a situação de D. Noemi. Não tenho dúvidas que o que a fez procurar o pastor foi uma tentativa de sair da sua condição de miserável. Uma saída individualizada, mas enquanto indivíduo que pensou a sua condição. Já a postura do pastor é determinante no ato de querer resolver o problema por si só. Ele tinha a solução. Não se pensou em reunir os vizinhos que também estavam vendendo suas coisas para sobreviver. Resolveu-se um problema individualmente. O que me ocorre neste momento é a caracterização da consciência intransitiva abordada por Julio Barreiro (1980) donde entre elas está a ausência do senso histórico, a vida vegetativa a tendência de interpretar a realidade com uma quantidade razoável de misticismo. Entendo que esta última

aparece especialmente na admiração quase sagrada da figura do pastor que "tudo pode". Estou me dirigindo para a consciência do pastor que sugere muito a consciência intransitiva em trânsito para a consciência ingênua. A solução do problema de D. Noemi é interpretada com um simplismo quase ingênuo.

Isto se confirma também na entrevista realizada com a pastora. Ela aponta que o pastor Roberto, na sua opinião, possuía uma visão bastante assistencialista no seu trabalho de base. A observação que me parece pertinente aqui é que também antes do projeto Grupos de Vizinhança já vinha dinheiro da Igreja luterana da Alemanha e que o pastor centralizava a distribuição do mesmo. O que difere no projeto Grupos de Vizinhança é que havia um planejamento e uma equipe que gerenciava o dinheiro. É neste aspecto a pastora divergia em questões de trabalho com relação ao trabalho do pastor.

Importa observar aqui que estou mencionando o trabalho do pastor e da pastora sem me referir diretamente ao projeto Grupos de Vizinhança, pelo fato de ouvir nas histórias de D.Noemi, D. Margarida e D. Valda a presença marcante do pastor. A presença do projeto Grupos de vizinhança não aparece com clareza na fala de D.Noemi, assim como a presença da pastora no cotidiano da sua vida, inclusive decisões que ela precisou tomar, não se refletem da mesma forma como no tempo do pastor. Sobre a pastora ela não fala tanto assim. Nesta altura da entrevista ela parece mais empolgada em

contar o que foi que ela fez. Constatou que ela trabalha em busca das outras pessoas. Isto me parece interessante já que a pastora, na sua entrevista, ressalta a diferença de postura em seu trabalho. Um trabalho que não quer ser centrado na sua pessoa. Embora quando perguntada qual a diferença entre o trabalho da pastora e do pastor, D.Noemi não encontrou diferença nenhuma. Ambos são citados como incansáveis na ajuda às pessoas necessitadas.

"O trabalho da Ana Maria foi igualzinho a o pastor." (D.Noemi)

"No jeito de trabalhar?" (Edla)

"Sim igualzinho ao pastor. Porque a Ana Maria cuidava muito das pessoas que necessitavam. Ela sempre esteve por perto. O pastor então... Todos os dois eram incansáveis." (D.Noemi)

Da mesma forma a D. Margarida sugere que o pastor "conduzia tudo" e trazia as coisas praticamente prontas, enquanto a pastora queria que todos se envolvessem, mas ela permanecia no centro das atenções.

"O pastor conduzia tudo, tudo. Por que ele era aquela pessoa que sabia tudo, tudo podia né. Pra mim ficou mais difícil no tempo da Ana ela entra e nós tava acostumado com aquela pessoa que praticamente trazia todas as coisas prontas, acho que isso ficou ruim, por que depois que ele saiu as pessoas estavam mal acostumadas. A pastora queria que todos se envolvessem. Ela queria que todo mundo trabalhasse, mas ao mesmo tempo ela queria ser a líder." (Margarida)

Um aspecto que me chamou a atenção, pois na leitura da "agente" sua linha de pensamento era diferente, seus encaminhamentos também, mas será por que aos olhos de quem vivia o processo não havia diferença? Na fala da D. Margarida consegue-se perceber a diferença de consciência da pastora e do pastor: ela possui uma consciência mais crítica com relação a assistência realizada no Centro Comunitário, o pastor por sua vez transparecia possuir uma consciência bastante ingênua no que diz respeito ao trabalho assistencial do Centro Comunitário. A postura de ambos é centralizadora, porém com "jeitos" diferentes: um bastante sutil e controlador, outro mais agressivo e radical. Continuando na mesma linha de pensamento, D.Noemi diz que: "Com a saída da Ana Maria muita gente saiu de arrastão junto". Inclusive ela e D.Valda, que se tornaram lideranças, saíram completamente da circulação de qualquer trabalho na vila e na Igreja inclusive. Estas duas mulheres são mulheres negras que entraram para a Igreja Luterana já no tempo do pastor Roberto. Atualmente estão afastadas e não participam de outra Igreja. Da mesma forma, com a saída do pastor Roberto, também saíram pessoas próximas que atuavam junto com ele. Por que toda vez que a liderança de um trabalho "termina" acabam-se as forças, o poder é espalhado, o medo se instala e as pessoas se dispersam? Parece que sempre precisa haver uma pessoa (ou instituição?) aglutinadora do processo.

Aparece muito pouco uma remontagem que indique uma atuação participativa e de aprendizagem entre as pessoas. Muito mais clara

é a proposta dos serviços de atendimento.

"Tinha orientação pra mulheres gestantes, o almoço para as crianças... o trabalho da Ana Maria também foi maravilhoso. Ela fazia visitas. Nós fomos nestes encontros com mulheres, fomos de ônibus, esses congresso de Igreja. Tinha um trabalho com deficientes físicos, nós visitava onde tinha doentes, assim deficientes né e convidava pra vir no Centro Comunitário cada primeiro sábado do mês e aqueles que não podiam caminhar, tinha uma kombi que buscava e levava. Eu era coordenadora. Duas vezes por ano a CEPA dava agasalho era na páscoa e no natal. Na páscoa dava agasalho de inverno e no natal dava agasalho de verão. Era muito bonito este trabalho. A gente procurava fazer com que as famílias aceitassem a deficiência. Algumas dessas pessoas acabaram saindo de dentro das casas e trabalham até hoje." (D.Noemi)

"A gente luta por que que um bem. Foi com os cursos do Centro Comunitário que eu comecei a sair de casa. Tinha muita gente. Eles davam caderno pros meus filhos e eu ensinava a fazer acolchoado. A gente fazia muito acolchoado. Quando terminou lá no Centro Comunitário eu ainda fiz acolchoado aqui em casa." (D. Valda)

"Trabalhei com ela até onde deu. Eu trabalhava com uma turma de crianças e a gente não queria só dar comida." (Margarida)

Parece-me uma diferença que na trajetória da D.Noemi soa como um processo progressivo. Isto é, enquanto no tempo do pastor ela "não ganhava tudo de mão beijada", pois ajudava a plantar o arvoredo ao redor do Centro e, assim, ganhava o rancho no fim do dia; depois cozinhava e tinha o seu salário e a carteira assinada, e, ainda no tempo do pastor, fazendo o curso de cabelereira ela começa um novo jeito de se relacionar com o trabalho no Centro

Comunitário. Com a D.Noemi está tudo bem, afinal ela é do lugar e tem na sua lógica a realidade que a cerca e que faz com que ela busque as mais variadas possibilidades de resistência na sobrevivência. Mas com a postura do pastor não há porque concordar. A proposta de troca de serviços e serviços individuais, aparece como fator que compromete a consciência de quem está liderando trabalhos desta natureza.

É por estar encostada e depois aposentada que D. Noemi vai poder trabalhar na coordenação do trabalho com deficientes físicos no tempo da pastora. Neste momento ela sai de casa e consegue como ela mesma diz: "deixar de ser encolhida".

Percebo um avanço progressivo, mas que não é completo na consciência de D.Noemi, mulher que conquistou espaços de liderança. A "consciência possível" que se historiza, possui no fator tempo a possibilidade de atuar e comprometer-se com o momento histórico. Retomando Julio Barreiro, reconstruo com mais riqueza o conceito de consciência. Não é uma consciência acabada esta que eu aponto a partir da Noemi. Parece-me uma consciência com "ir-e-vir", ou, com fluxo e refluxo, pois o momento em que ela se encontra hoje é um momento de solidão e apatia. O que se vê é uma Noemi quieta em sua casinha, cortando o cabelo de quem eventualmente aparece no seu salão, cuidando do netinho e da casa... E quando falava da movimentação dos trabalhos no Centro Comunitário a voz tremeu e os olhos se encheram d'água. Quando perguntada sobre o que faz hoje

respondeu: "Às vezes dou uma chegadinha lá no Centro. Dá uma saudade..."

Houve avanços de consciência, porém eles se apresentavam na prática quando de fato havia algo pra ser feito, o que hoje não acontece mais, por não haver nenhuma movimentação como a do tempo do Projeto. A pergunta que faço é: será que esta "consciência" só aparecia na relação com o trabalho que foi sendo desenvolvido no projeto Grupos de Vizinhança, no contato com o pastor e depois com a pastora? Então que tipo de conscientização é esta? É possível estar consciente criticamente em relação a algum determinado aspecto da vida social e não estar consciente em outro aspecto? E que tipo de conscientização possui para considerar ou não considerar a consciência de Noemi uma "consciência conscientizada"?

¹³. Faço a mesma pergunta partindo dos relatos de D.Valda e D.Margarida.

Para D. Valda o Centro Comunitário também estabeleceu um marco da saída da casa e da descoberta da própria liderança. Há inclusive uma diferença na atual situação de vida em que se encontra a D. Valda, por ela estar envolvida na Associação do bairro São Pedro. Não é propriamente uma diferença, é um modo de

¹³ Conforme Julio BARREIRO: " o processo de conscientização (consciência conscientizada) começa essencialmente pela descoberta do significado da existência do homem no mundo, da dimensão específica desse significado ou deste modo de existir, e, das decorrências de relação e compromisso que tudo isso implica para cada homem."p.60

percorrer sua trajetória. Se D.Noemi possui até hoje o seu salão de beleza como elo de ligação com um tempo de maior integração e movimentação na vila. D. Valda está ligada através de um jeito mais "lutador" de ser e de se relacionar com seu mundo. Embora ela se manifeste presente na Associação por querer implantar lá o mesmo trabalho que possuía há dez anos atrás no Centro Comunitário, que era a confecção de acolchoados.

Um contra-ponto talvez seja a D. Margarida que durante a primeira fase do projeto acabou sendo distanciada do trabalho, por não concordar com os encaminhamentos feitos. Com a D. Margarida o processo é diferente já que ela não concordou com determinadas posturas da pastora. A opção foi sair do Centro Comunitário e transferir-se inclusive de paróquia. O trabalho teve que ser abandonado, mas a relação com a Igreja continuou em outra paróquia. Hoje em dia ela está de volta no trabalho com a paróquia, de maneira muito tímida, com olhos curiosos observando a movimentação dos novos agentes pastorais que chegaram há pouco mais de um ano.

Ousarei me aventurar numa reflexão que tem por base um texto de Maria Célia Paoli⁴, onde ela aponta para o conceito de heterogeneidade. Ele explica a variação do movimento da classe operária em suas trajetórias de greves, organizações, "pequenas

⁴ Maria Célia PAOLI, Os Trabalhadores Urbanos na Fala dos Outros. p. 53 - 101. in: José S.L. LOPES. Cultura e identidade operária.

lutas que levam a encarar a própria luta de classes como que acontece em tempos descontínuos, divergentes e eventualmente convergentes."¹³ Esta heterogeneidade tem a ver com experiências múltiplas que a classe operária brasileira teve, e tem, na sua trajetória de constituir-se como classe, e que, de alguns anos para cá, ela vem sendo reconhecida e redescoberta pelas ciências sociais. Não é de todo rejeitada a idéia de que na Educação Popular não existe uma definição clássica e sim, nas palavras de Brandão ela é hoje, "a possibilidade da prática regida pela diferença." Com isto quero levantar a possibilidade de pensar a conscientização na perspectiva da heterogeneidade pelo fato de ser a "conscientização" um dos elementos básicos na construção da Educação Popular. Outro elemento seria, ou é, a "participação". A "consciência conscientizada" é experiência única e intransferível que dá vazão à heterogeneidade da consciência, pois a partir do que foi visto nas histórias das mulheres que acompanharam o projeto Grupos de Vizinhança, percebo uma variada experiência de "conscientização". Não dá para enquadrar a conscientização numa forma que diz: "a ultrapassagem da esfera espontânea da apreensão da realidade para a conquista de uma esfera crítica, onde a desmitologização de fato acontece".¹⁴ O que de fato posso estabelecer como conscientização revisitada é ter muito presente que a consciência não vai avançando em um desenvolvimento linear, mas ela é diferente, heterogênea e por isso não apenas racional e consciente. Se, de fato, há a

¹³ ibidem. p.62.

¹⁴ Paulo FREIRE. Conscientização, p.29

intenção de "conscientizar" por parte das/os agentes, tenho a impressão que este universo divergente precisa estar presente. Ter presente que há a possibilidade da heterogeneidade da consciência, permite que a gente não congele os conceitos e tente encaixar experiências que são, no mínimo, diferentes e vulneráveis no tempo de se fazer consciência conscientizada.

É marcante a forma bonita como D.Noemi foi contando todas as passagens e como ela também foi pontuando com expressões do tipo: "era uma beleza."; "foi maravilhoso."; "era lindo". E, mais forte ainda é o sentimento avaliativo que D. Margarida demonstrou ao dizer:

"Este tipo de trabalho não existe mais. Acabou tudo. Hoje é completamente diferente. É só um trabalho de paróquia. Estes pastores têm vontade de começar a conscientizar a população devagarinho com o jeito deles. Do jeito como o pastor Roberto conduziu as coisas as pessoas ficaram um pouco meio mal acostumadas, né? É, no fundo, no fundo a Ana tava certa, ela queria realmente mudar e com razão, porque as pessoas tem que ter uma vez consciência que tem que aprender a andar com as próprias pernas. Mas ela era radical, acho que isso estragou o trabalho, aí foi que muitos não entraram na dela. Trabalhei com ela até onde deu. Para ela foi difícil, eu entendo que não foi fácil... Apesar da gente ter se desentendido, pra ela foi muito pesado."
(Margarida)

Percebi nesta reavaliação um amadurecimento causado pelo fator tempo. D. Margarida não esqueceu de nada que aconteceu, mas reviu sua própria postura. Ela diz no final da entrevista que

"A gente achava que estava fazendo certo. Só que agora passado um tempo, a gente vê que podia ter deixado as coisas acontecer, ficado de fora."
(Margarida)

José de Souza Martins indica o fator tempo como fundamental no andamento de uma pesquisa que envolve pessoas e/ou movimentos. "Os processos são demorados. É no âmbito dessa demora que o teor mais profundo dos movimentos sociais se revela."⁴⁷ No caso da pesquisa em questão, esta revela um tempo passado que não tem condições de dizer como foi exatamente, e sim, como é revisto depois de dez anos.

4.3 O Processo Educativo das/o Agentes.

Assim como a D.Noemi considerou importante relatar a "história desde o início ...", as pessoas que participaram da elaboração deste projeto também reconstruíram através da rememoração as suas trajetórias. O primeiro aspecto a ser destacado é o processo educativo das pessoas que planejaram e dirigiram o projeto.

⁴⁷ José de Souza MARTINS, in: Angelina T. PERALVA, et alii. O retorno do ator, p.151.

4.3.1 A História em Processo.

A pastora (hoje pastora licenciada) teve uma formação que vinha inicialmente de uma prática em grupos de Juventude Evangélica com ênfase em trabalhos de dinâmica de grupo. Foi neste contexto que ela percebeu a realidade brasileira e a necessidade de um compromisso com ela. Já neste tempo (1971-1973) eram realizados acampamentos com universitários em áreas do interior dos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Jovens luteranos/as levavam, para colonos luteranos e não luteranos, informações sobre higiene, saúde, técnicas agrícolas. E neste momento esta moça é incentivada pelo pastor mais próximo a cursar a faculdade de teologia. Segundo o seu relato, todo curso de teologia foi pontilhado pela busca de dar sentido às relações humanas e conhecer uma teologia que fosse ao encontro as necessidades das pessoas empobrecidas. Nesta época (1976-1980) houveram significativas mudanças no currículo da Faculdade de Teologia.

"Quando fiz o trabalho de conclusão na Faculdade de teologia eu descobri que tinha um outro ponto de vista sobre o que era fé. Eu trabalhei muito mais sob o ponto de vista das relações fraternais do Reino do que da fé mística (usando um termo católico), de buscar o conteúdo da vida fora da vida. Na avaliação do trabalho o primeiro avaliador argumentou que eu tinha fugido da argumentação sistemática e que o trabalho poderia ser tratado numa perspectiva gnóstica, mas o

segundo corretor me defendeu dizendo que a perspectiva que eu tinha era a de um Jesus sem a mediação do estrutural. Esta questão me levaram a estudar filosofia. (...) Todos os meus trabalhos anteriores na teologia tinham esta perspectiva de dar sentido às relações humanas. Não tive a experiência de "conversão" e sim o que me levou para a teologia foi o envolvimento com a realidade das pessoas." (Ana Maria)

O que se percebe neste relato é uma construção teológica comprometida com a realidade, com a prática. E esta teologia parece não ser uma teologia que busca apenas a relação individual com Deus. É uma teologia que se realiza praticamente fora da instituição Igreja. E é esta postura que inclusive dificulta a entrada da pastora no campo de trabalho. "A instituição cerceia." (Westhelle) e delimita a liberdade da teologia de maneira que esta possa acontecer e re-criar-se.

"Quando terminei o curso de teologia pedi à Igreja que me liberasse para fazer filosofia na UFRGS. A Igreja não permitiu. Entrei na filosofia mesmo assim, já em 1981, e não fui para um trabalho da Igreja. Eu não queria um trabalho tradicional, queria ter um trabalho de Pastoral Urbana. Quando em 8 de março de 1981 fiquei sabendo que o P. Roberto estava procurando alguém para substituí-lo em Alvorada, começamos a conversar. Embora a Comunidade Evangélica de Porto Alegre, a CEPA, quisesse, com a saída do Roberto, fechar este campo de trabalho. Começamos a negociar com a paróquia de Alvorada e aí valeram meus conhecimentos de política eclesiástica que já vinham de antes da faculdade, pois trabalhei no Conselho Regional da Juventude. Eu já tinha 10 anos de trabalho na liderança em várias instâncias. Comecei o trabalho dia 17 de julho daquele ano. Vim pra cá como posseiro, morei num quarto do Centro Comunitário. Já naquela época havia um trabalho só de assistência e de uma comissão dos Direitos Humanos e a CEPA já não queria mais o trabalho aqui. A época era

de bastante motivação, todo pessoal que se formou comigo tinha uma proposta progressista. Com meus colegas de turma discutíamos os problemas da sociedade e da teologia - da prática. Estava com a cabeça pronta pra trabalhar num trabalho assim. Naquela época eu ainda acreditava que era possível trabalhar dentro da Igreja. Achava que era importante segurar este espaço dentro dela, como mulher, na época eu acreditava..." (Ana Maria)

A relação tida com a instituição é dificultosa principalmente quando uma obreira (que seria na linguagem secular uma profissional) tem clareza por uma opção de classe aqui se entende classes populares¹⁰. A Igreja parece resistir ao confronto com pessoas de posturas políticas definidas. Embora todo seu discurso, principalmente no além mar - sua Igreja mãe, seja de compromisso com os/as empobrecidos/as. Na verdade, ao que me parece, a Igreja Luterana também possui características de verossimilhança, definidas por Kristeva como forma de se perpetuar. Verossimil é o discurso que se perpetua como sendo a sobreposição de discursos diferentes, onde um deles "se projeta sobre o outro, que lhe serve de espelho e se identifica com ele por cima da diferença."¹¹ Ou

¹⁰ Para classes populares, tomarei a liberdade de emprestar o sentido que José de Souza Martins dá ao conceito de classes subalternas: "Nesta perspectiva, a subalternidade ganha dimensões mais amplas. Não expressa apenas a exploração, mas também a dominação e a exclusão econômica e política. A teoria da superpopulação relativa teria maior consistência se fosse melhor examinado o seu elemento central - a criação de excedentes populacionais úteis, cuja utilidade está na exclusão do trabalhador do processo de trabalho ao capital." José de Souza MARTINS. Caminhada no chão da noite. p.99.

¹¹ Kristeva, in BARTHES et alii. Lo verissimil. 1992. p.66

soja, tornar verdadeiro o que apenas aparenta ser: a Igreja oficial e a Igreja que milita na base do dia-a-dia; a Igreja que encara o Sagrado como dogma insubstituível e a Igreja que convive com o religioso e vai mudando a cada nova situação. O discurso que se sobrepõe e que faz com que haja maior identificação com ele próprio é o que perpetua uma linguagem. O que fazer com o discurso que se sobrepõe sempre do mesmo jeito? O discurso (linguagem) que não se sobrepõe é fraco? ou é um discurso enfraquecido? Por que ele continua na sombra mesmo sendo um discurso "conscientizador"? Encontro-me nas palavras de Westhelle:

"Em 20 anos após a perda da mãe, a teologia na IECLB tem a tarefa de não apenas encontrar uma Igreja e fazê-la madura, mas também de encontrar uma nova linguagem. Mas sacar uma nova linguagem de onde, se é verdade que a teologia não apenas não se ancorou na realidade das comunidades mas até mesmo fomentou o descolamento de sua linguagem religiosa da prática cotidiana e do imaginário das comunidades?"⁵⁶

Sob uma outra ótica, ainda posso indagar sobre o processo de verossimilhança da Igreja que milita com o discurso das classes populares. Como esta Igreja se aproxima da linguagem que não lhe é própria e sob que condições vai se apropriando deste discurso?

Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) há poucos espaços de pastoral urbana e no início da década de

⁵⁶ Vitor WESTHELLE. Uma Fé Em Busca de Linguagem. Estudos Teológicos. 1(32), p.79.

oitenta os espaços eram realmente mínimos. A luta da pastora se deu então por um trabalho pastoral numa periferia urbana que possibilitasse realizar o sonho de pôr em prática toda teoria conquistada em anos de estudo, discussão e problematização.

"Quando assumi o trabalho, a idéia que eu tinha dele era o que me foi passado: um trabalho alternativo. O que encontrei na verdade era um trabalho bastante assistencial, não tinha nada de consciência. Tinha algumas coisas muito boas, pessoas maravilhosas que me acompanharam. Fui buscar fora da vila pessoas que pudessem me ajudar. Eu estava sem ter com quem discutir as coisas. O pessoal da minha turma da teologia já estava todo espalhado, não tinha mais contato. O Bruno estava se formando em direito, iniciou teologia mas saiu logo no começo nós tínhamos contato através do PT. A paróquia era muito fraca, vinha dinheiro da Alemanha e na época do Roberto era ele quem gerenciava. (Ana Maria)

É fundamental ter presente que Alvorada tem características de uma cidade dormitório e que possuía no início da década de oitenta cerca de cem mil habitantes. A Vila Piratini abriga o Centro Comunitário Piratini, vinculado institucionalmente à Comunidade Evangélica de Porto Alegre (CEPA) da IECLB e é uma das quarenta e nove vilas que constituem Alvorada na época. E é neste momento histórico que, a nível de Brasil, o Movimento Popular toma força e vai desenvolver uma série de desencadeamentos políticos. Segundo Herbert de Souza de 1979 a 1983 os/as brasileiros/as viveram o desenvolvimento do processo democrático sob o autoritarismo e a égide de um presidente militar que ao fim do

mandato pedia para que o povo o esquecesse.¹¹ Este início de trabalho para uma pastora luterana foi bastante significativo, pelo fato de ser um dos poucos ensaios de pastoral na área urbana na IECLB.

"Comecei a pensar como iniciar. Me afastei do grupo político que agitava em torno do antigo pastor, pois nossa linha de pensamento era completamente diferente. Juntei o pessoal: uma assistente social do SESI, uma estagiária de serviço social, um formando em direito. Não lembro mais se tinha mais alguém... O projeto foi bolado por estas pessoas. Era uma situação difícil porque o Bruno (estagiário do direito) conhecia a nossa Igreja, enquanto que as duas, a Sandra e a Iva (da área do Serviço Social), não. Por mais que a gente explique, é uma questão de fé entender a Igreja (risos). Acreditar que funciona. Uma universidade está lá instituída, mas um projeto de Igreja é uma coisa assim mais etérea, era difícil para elas entenderem. Eu discutia mais com o Bruno. Este grupo que vinha do tempo do pastor Roberto começou a ter problemas comigo, pois começaram a perceber que eu estava construindo um outro grupo de poder ao lado. Começaram um trabalho de enfrentamento comigo via paróquia. Nesse meio tempo, nós estávamos em contato com o sindicato dos metalúrgicos, um outro pessoal que estava iniciando o PT em Alvorada na vila. Começamos a discutir o trabalho. Eu tinha muito medo, não por causa do projeto, mas porque era uma época política difícil, eu tinha resistência em fazer ata, registrar nomes e o pessoal do projeto, as estagiárias pelo menos, precisavam de coisas palpáveis por causa do estágio. Como não estávamos numa situação política segura, e a CEPA sempre em cima de nós. Resisti muito. Não deixei fazer muitos desses registros do tipo: teatros, reuniões, fichas, etc." (Ana Maria)

A relação dada entre pessoas que resolvem planejar um

¹¹ Herbert de SOUZA. É Preciso Estar Atento e Forte. in Tempo e Presença. 12(294):5.

trabalho pedagógico em conjunto, nem sempre é passível de harmonias. A compreensão de equipe na realidade eclesiástica e, especialmente, na realidade luterana não parece ser a mais simples. O poder instituído pela autoridade pré-consentida revela nas palavras da pastora a realidade "pastor-centrista." A autoridade pré-consentida ou concedida tem, para mim, a característica do individual que pode gerar a visão de um trabalho personalizado com o perigo de: se determinada pessoa sai do projeto, ele termina. No caso do projeto "Grupos de Vizinhança" ele já nasceu sob o sonho de uma pessoa (a pastora) que estava no local sem maiores raízes, via instituição. E, ao tentar "enraizar-se" na linguagem de Eclée Bosi, foi conquistando espaço e confiança da comunidade. Esta por sua vez era constituída pelas pessoas da vila, onde a minoria era luterana. Esta pessoa que, no caso, é a pastora teve uma dupla responsabilidade: Uma que era a instituída e que garantia um certo "poder instituído", outra, era a responsabilidade da construção de seu próprio sonho, onde o trabalho alternativo e crítico se fazia presente. Há uma distinção entre o, e neste caso é a, representante do sagrado e os/as demais participantes do projeto e da vila. Carmem Cínira Macedo apresenta de maneira muito clara a característica da instituição de caráter religioso como tendo uma "estrutura hierárquica, um projeto comunitário e o apelo universal."² E, embora ela esteja considerando a Igreja Católica, faço uma relação com a Igreja Luterana pelo fato de, também ela, manter a distinção entre ministério pastoral e leigo. O que se

² Carmem Cínira MACEDO. Tempo de gênese. p. 41.

Considera nesta reflexão é o fato de que a instituição é preservada e ela mantém o significado da religião que é o de suportar o sofrimento e luta, recebendo ânimo para lutar contra este sofrimento. O chamado a participar das lutas por melhoria de vida na vila se constrói através da Igreja, ou do simbólico dela, porém o que menos aparece nas falas das pessoas entrevistadas é justamente a característica religiosa do chamamento. Parece-me que neste aspecto a ênfase depende da linha teológica que a representante do sagrado mantém como sua estrutura e direcionamento. Uma forma muito própria de compreender o fenômeno religioso.

Diria ainda que foi um determinado momento histórico que acentuou o aspecto sociológico em detrimento do teológico, um desequilíbrio que tornou o discurso da fé até certo ponto desnecessário.

Um outro aspecto a ser destacado, a partir do que foi dito anteriormente, é a duplicidade de relações entre a pastora com a instituição. A instituição representada aqui pela Comunidade Evangélica de Porto Alegre - CEPA, apresenta uma postura tradicional ao ponto de "forçar" a pastora a exercícios de estratégias políticas a fim de chegar onde se quer chegar: Executar o projeto com a globalidade maior possível da vila juntamente com a paróquia luterana. Este foi um ponto conflitante na trajetória do projeto.

"A CEPA foi um entrave no trabalho?" (Edla)

"Foi. Com todos aqueles pastores eu uma mulher, pastora nova, nós não tínhamos liberdade de agir. Os grupos inicialmente eram para funcionar dentro, a partir, do Centro Comunitário. Nós não tínhamos a idéia das associações, mas aí a conjuntura política atropelou. Acabei organizando bem os serviços do centro comunitário para que a CEPA não nos pressionasse. Com este trabalho de assistência bem feito, eles (CEPA) não teriam como nos atacar. Fiz todo um esforço para isso acontecer. E o que era a idéia inicial de formar grupos que discutissem seus problemas das condições de vida nas vilas, nós levamos para dentro das associações de moradores. E de fato não digo que foi um resultado, mas o nosso trabalho foi de alinhar e não de formar as associações. Num certo momento tínhamos nas três vilas cinco associações de moradores e nós trabalhávamos juntos. O que nos fez separar a proposta inicial foram questões de política interna (eclesial) e externa. Eu não pude assumir este trabalho dentro do centro comunitário, foi uma coisa minha de dizer: - Olha, não quero nada disso dentro do Centro, não podemos, a conjuntura não permite. Estabeleci os serviços por causa da CEPA. O projeto ganhou uma diferenciação, ficou diferente daquilo que havíamos planejado." (Ana Maria)

Os "serviços" são todo trabalho de assistência social gerado a partir do Centro Comunitário. Existiam na época alguns convênios com a Secretaria da Saúde do Estado e outras instituições não governamentais que mantinham o fornecimento de comida, material para confecção de acolchoados, etc. Se a pastora ficasse neste lastro de envolvimento com o social as coisas ficariam mais fáceis. A questão é que o envolvimento com os sindicatos, partidos, enfim, o compromisso político com as classes populares interferiu de fato no relacionamento com a instituição.

"E onde vocês detectavam reações das pessoas no sentido de elas darem-se conta de serem sujeitos do processo? A conscientização aparecia de que forma?" (Edla)

"é uma coisa meio difícil de não misturar as datas, por que o que aconteceu em 1984,85 e 86 é fruto dos dois primeiros anos, sem dúvida. Em dois níveis: tanto no que o projeto me fez aprender, porque tu te conscientiza dos dois lados e isto é o mais rico, como no que eu via acontecendo enquanto projeto em execução. Nós começamos com coisas, pra juntar esse pessoal, com coisas bem simples: colônia de férias, mutirão, almoço das crianças, médico, além do projeto em si que desembocou nas associações. Todo trabalho de assistência foi pensado pra se trabalhar junto e nós usávamos e aí era bem usávamos mesmo, pois estes serviços traziam as pessoas para os grupos. Isso funcionou. Na programação das férias que incluía a colônia de férias, tínhamos uma casa na Praia de Fora onde os pais das crianças eram responsáveis num grupo de 15 crianças cada vez. Durante o ano iam dez turmas. A Vera, a Sandra e a Iva organizavam as sessões e os pais discutiam como devia ser. Cada final de colônia de férias nós fazíamos avaliações em assembleias que superavam o comparecimento dos 10% clássicos, não vinham todos, mas conseguíamos bem mais do que 10%. Estas movimentações foram dando corpo e deram frutos na participação das pessoas. E a base dessa participação era acreditar que as pessoas raciocinavam, que elas podiam se comprometer, que podiam errar, mas também acertavam. Um outro exemplo dessa participação foi que, um ano antes de eu sair -1986- a AMENCAR⁹³ resolveu que não ia mais financiar um programa de alimentação das crianças da creche. As mães dessas crianças, que participavam de outras atividades no Centro - cursos de pintura, tricô, acolchoados, foram na AMENCAR numa reunião que nós havíamos marcado, porém quem falou nesta reunião foram elas. Elas se organizaram, escolheram quem iria e foram conosco. Tu podes imaginar mulheres negras, sem dentes, sem estudo, ir lá na AMENCAR e dizer por que este programa não podia terminar. O programa

⁹³ AMENCAR - Associação de Amparo ao Menor Carente financiada pela Organização Não Governamental "Kindernothilfe".

continuou por mais um ano. Isto só foi possível com o trabalho anterior." (Ana Maria)

Aqui está o retorno do trabalho, do sonho que se via em parte conquistado. Uma compreensão de conscientização que foi sendo construída, e, que hoje não é mais a mesma. A participação é tida como critério para indicar uma mudança de consciência. Ao que parece já não se está no estágio da apatia, consciência dogmática ou intransitiva, mas sim a construção de uma consciência crítica se faz presente. A mudança que me parece muito efetiva é com relação à dinâmica da consciência. O indivíduo não é visto como o sujeito bonzinho, que está sendo explorado e simplesmente é a vítima no processo. O processo pedagógico que busca a conscientização considera que o indivíduo ao dar-se conta de si pode, num ato de liberdade, escolher o seu caminho. Ele não faz isto sozinho. A consciência de si sempre é um caminho solitário, porém a escolha de prosseguir neste ou naquele caminho dependem da conjuntura em que o indivíduo se encontra. Lembra-se da águia? ela só não continuou no galinheiro, por causa do alpinista que ia passando por ali perto e percebeu algo de errado. Ela na verdade sabia que não era uma galinha, fazia de conta e achava que era feliz. Nas palavras de Paulo FREIRE:

"Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma

atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade.⁵⁴

A libertação é um ato coletivo, que se constrói na iminência do risco. A transformação social tão desejada constitui-se de indivíduos que desejam, e, desejantes, tornam-se passíveis na busca pelo seu próprio prazer. Quero dizer que, na medida que avançamos o olhar para práticas sociais que consideravam e consideram a transformação da consciência ingênua em consciência crítica (conscientização) como mola propulsora de todo processo, no qual tinha que se chegar à plena participação das pessoas envolvidas para se ter certeza dos objetivos alcançados, a conscientização foi acontecendo, na verdade, em quem "dirigia" o processo e se achava dono dele, mesmo que inconscientemente. E por quê? Porque ninguém reage da mesma forma a um processo que na verdade é um processo de aprendizagem, conhecimento. É um processo epistemológico. Muito mais profundo do que uma seqüência de procedimentos ou linguagens que garantem a "conscientização" do ser humano.

"A base de tudo está na maneira de compreender a pessoa. O que queríamos na vila era que as pessoas participassem, opinassem. Desenvolver o espírito crítico sem dar a elas a chance de descobrir, arcar com as conseqüências não vai ser possível nunca a conscientização." (Ana Maria)

As formas pelas quais a participação era objetivada tem uma característica que geralmente aparece no trabalho relacionado com

⁵⁴ Paulo FREIRE. Medo e ousadia, p.135.

a Igreja. Uma prestação de serviços, a visão de fundo que é a "ajuda", compromisso com o próximo.

De uma forma mais oculta aparece a visão luterana da "justificação pela fé" que dá a compreensão do ser humano livre para aceitar ou rejeitar a salvação. A decisão é pessoal o que pode-se fazer é proporcionar condições para que o ser humano aceite a graça. Isto traz muito mais liberdade. Lutero é um homem do seu tempo, ele discute e discorda da postura da Igreja de Roma do seu tempo. O que me ocorre é que a conscientização pode muito bem acontecer, mesmo que o sujeito reaja da forma contrária às minhas expectativas como "agente transformadora". Não há controle sobre o que se faz desencadear no ser humano.

4.3.2 Um Olhar de Fora para Dentro.

A assistente social teve sua trajetória de estudante, a partir de 1981, envolvida no Centro Acadêmico da Pontifícia Universidade Católica (PUC), apoiava o Movimento dos Sem Terra e estava inaugurando, com sua experiência em Alvorada, um novo jeito de fazer um estágio na área do Serviço Social.

O que aparece muito claro nesta fala é a aprendizagem, o crescimento desta mulher. A Sandra é negra e constrói todo um

relacionamento com pessoas que geralmente possuem dificuldades de relacionarem-se com os/as negros/as. Pela tradição do povo imigrante alemão, Sandra teve a oportunidade, nada agradável de perceber a discriminação. Não por parte da equipe de trabalho, mas especialmente das/os membros da paróquia luterana de Alvorada e da Comunidade Evangélica de Porto Alegre. Outro aspecto importante e enriquecedor é ter a oportunidade de ouvir alguém que não tem vínculo com a Igreja Luterana e que pode com facilidade diagnosticar determinados vícios. Um destes é citado quando falamos sobre a relação da instituição com uma proposta de trabalho comunitário como a do projeto Grupos de Vizinhança.

"E a questão da Igreja luterana? Quem são esses "alemães" que querem trabalhar com o "popular"? (Edla)

"O que eu entendia, possível de ser compreendido era que aquela comunidade estava saindo de um trabalho onde havia um pastor muito querido e bem quisto, mas que era na verdade um "pai dos pobres". E por outro lado na instituição, a CEPA no caso, desencadeou toda uma visão de revolucionário, pois ele encabeçou movimentos reivindicatórios. O gancho que nós pegamos foi enfatizar que não tem que ter pai. Todas pessoas devem estar com sua metade pai e mãe presentes, tendo a consciência do coletivo. O coletivo tem que ser desenvolvido, se não nada se cumpre. Ai a pastora sai e o trabalho acaba, a Sandra sai e o trabalho morre. Este novo trabalho vinha com uma equipe, onde uma pastora jovem, bonita, solteira trazia consigo um monte de intelectuaizinhos, "meninas" como a gente ouvia dizer. No início não incomodaram a gente, por que queriam ver o nosso trabalho. Eu cheguei a ir na CEPA em algumas reuniões e percebi o que significa o movimento popular dentro de uma religião como a luterana. Como era a visão de quem dirigia a Igreja, dos limites desta visão.

À gente encontrava pessoas dentro da instituição que eram aliadas com a proposta e, outros estavam lá nas reuniões mais pra se justificar. Havia a concorrência. Outras Igrejas que estavam bem mais avançadas nas questões de envolvimento com o movimento popular e, com isto a Igreja luterana estava perdendo campo. Era importante garantir um novo campo. Eu não percebia uma compreensão mais global. A Ana é que fazia todo esse exercício de macro-estrutura. Tentava jogar e ganhar mais espaços pra que o trabalho tivesse mais respaldo nas outras instâncias da Igreja. Não era uma coisa fácil porque a gente percebia que ela ia sozinha e nós ficávamos na base. Havia um distanciamento. Até que algumas vezes começamos a participar das reuniões com a CEPA, mas muito pouco e aí deu pra perceber as diferenças entre nós e a Igreja. Eu não concordava com a separação entre a macro-estrutura e a base. Eu estava na base e não entendia o que acontecia na CEPA, nos encaminhamentos. A coisa foi indo e a gente só trabalhava. Quando havia o contato com a instituição gerenciadora era sempre no sentido de fiscalizar. E este era o choque. Um corte terrível que gerava atritos homéricos, não tinha como contornar." (Sandra)

De fato a Igreja Luterana tem pouca experiência com os movimentos populares e seus desdobramentos. As tentativas na década de oitenta foram quase todas experiências que terminaram com sérios conflitos e não conseguiram se reerguer. O trabalho de base é completamente distante da compreensão da macro-estrutura. A instituição cumpre seu papel de fiscalizadora desconfiada com um trabalho que envolve poucos luteranos. No caso em estudo, a postura do primeiro pastor aparece de forma assistencialista (paternalista) e que dá um certo viés delineador para o trabalho futuro da equipe do projeto. O exercício que tento fazer é lembrar o que D. Noemi e D. Valda disseram sobre o trabalho da pastora: "era igualzinho ao trabalho do pastor". A noção de ajuda e presença protetora

permaneceu em boa parte. Não é de todo exagero afirmar que a separação entre macro-estrutura e base revela uma postura centralizada por parte da pastora. Ela estava sozinha na linha de frente em confronto direto com uma estrutura que não estava acostumada com um trabalho de uma mulher com uma equipe multidisciplinar e com uma opção política definida. O choque do tradicional e o alternativo é irremediável. Trago aqui a reflexão que Paulo FREIRE elabora no livro "Medo e Ousadia" sobre o "mapeamento ideológico da instituição." A capacidade de considerar o campo de trabalho como pesquisa constante e conquistar aliados dentro da instituição. De certa forma a equipe dominou o próprio medo e conseguiu criar no espaço do projeto uma via concreta de ação, porém acredito que houve desgastes desnecessários pelo fato de haver pouca visibilidade de pessoas que, na instituição dessem crédito a uma proposta como esta do projeto.

"...Estamos com medo porque estamos tentando fazer alguma coisa diferente. O terrível é que o que podemos fazer em algumas faculdades não é nada que poderia pôr em perigo o establishment. Mas o establishment é tão exigente, no que diz respeito a sua preservação, que não permite nada, nem mesmo algo ingênuo que diga não a ele."⁵³

A estratégia de mapear ideologicamente teria dado maiores condições de trânsito e organização das atividades que envolviam a instituição e o movimento a ser desenvolvido. Parece-me que a pastora estava muito sozinha neste embate ideológico. Se a equipe

⁵³ Paulo FREIRE e Ira SHOR. Medo e ousadia. P.76.

conhecesse mais do cotidiano eclesiástico luterano, talvez facilitaria o diálogo e a própria problematização em torno da participação e entrada dos movimentos populares no âmbito da Igreja Luterana.

Outro aspecto importante ressaltado pela Sandra é a relação teoria e prática e o alcance do objetivos. O ideal e o real sendo medidos depois de um tempo tem sabor de maturação que estabelece um crivo qualitativo das ações. E, junto a isto, a pessoa de carne e osso, com sentimentos que me certificam o quanto estava claro para estas pessoas uma utopia, uma verdade de transformação social misturada com prazer de estar construindo a utopia maior.

"Os recursos do projeto demoraram a vir e quando vieram algumas coisas já haviam mudado no projeto. Dividimos os núcleos para gerar grupos que fomentassem associações de bairro. O objetivo era possibilitar a participação e reivindicação. Pra resgatar isto a estratégia era criar pequenos grupos de vizinhança. Algumas dessas iniciativas foram possíveis, outras não. Outras ficaram só no plano. O grande mérito foi o aprendizado próprio. A nível pessoal o exercício da união do planejamento com a execução. Tu te depara com uma certa lacuna, e de repente tu te dá conta que tens que deixar a teoria de lado e te voltar mais pra realidade, te dispor a colocar o teu saber a serviço dos objetivos. Do contrário vai ser um choque permanente e não vai se chegar a objetivo algum. Não atingimos toda comunidade, mas parte dela. Todo projeto sofreu alterações, conseqüentemente em termos de resultados, foram resultados pontuais. Atingimos objetivos parciais. Queríamos que nosso trabalho fosse uma alavanca de formação de novos quadros. Não houve a fixação em algumas pessoas, queríamos desenvolver a consciência de que todos eram capazes. O nosso papel era de incentivar, vanguarda. Nós tínhamos consciência de que quem

deveria tomar a frente era o pessoal da comunidade. Quem se apossava do palco não éramos nós. Os debates que foram realizados onde as pessoas se apossavam do palco eram da comunidade, nós organizávamos a estrutura do palco. No início elas diziam: - Não, mas vocês é que sabem falar. Nós fomos desmistificando isto. É super lento este processo. É cultural. Tem que agir com outras forças. Por exemplo, o Encontro Municipal de Mulheres, onde havia um confronto com os homens que nos viam como umas meninas tentando colocar coisa na cabeça das mulheres deles. E de repente o processo se inverte e elas próprias falando o por que das suas posturas, o que elas pensavam. Tudo isso são coisas pequenas que diante do nosso objetivo, que era macro, daí a despontar a revolução na cidade (risos). (Sandra)

"Vocês estudavam Paulo Freire?" (Edla)

"Sim. Nós estudamos Paulo Freire com a Zilá Tota. Principalmente no processo pedagógico, conscientização, comunidade, intelectual na participação da comunidade e ainda os técnicos da área do Serviço Social. (Sandra)

"Houve sintonia da teoria com a prática?" (Edla)

"Se eu entendi a tua pergunta... a gente sai em busca da prática querendo vestir uma camisa na realidade com as teorias. É uma coisa que te dá segurança e estrutura no trabalho com a comunidade. E quando lá pelas tantas, tu está trabalhando com uma realidade totalmente nova, as pessoas lá já tem um histórico de politização. À medida que entramos na realidade se percebe que desenvolvemos outros sentidos. E aí sim tu vai perceber em que esta teoria vai poder ser útil. Em alguns momentos eu percebi que a teoria de Freire foi muito útil, eficaz. E para outros ela não foi adequada. A teoria te dá o esquema geral, quem te dá o conteúdo é a práxis. Neste trabalho tudo era muito carente. E daí trabalhar com conscientização onde a gente se deparava com situações de morte, doença, de assalto, tráfico... Às vezes o próprio líder da comunidade desempenhava a dupla função, né, aí eu me desencantava, por que tinha a visão de que todo

líder era conseqüentemente um "semi-Deus" na comunidade, e percebe-se que não. Comecei a entender mais sobre a condição humana. O que é o Ser, que valores estão em jogo desse Ser. Pra mim esta foi a escola básica, grande inserção. (Sandra)

O processo educativo é evidente. A relação criada com a prática proporciona a flexibilidade e a liberdade de indicar novas situações. A teoria constituída na formação acadêmica é oxigenada no momento em que entra no mundo, na realidade social. José de Souza Martins em vários dos seus textos salienta o fator tempo como sendo essencial na decifração dos movimentos sociais. O que me parece enriquecedor no processo de recontar uma experiência como a do projeto "grupos de vizinhança" é que as pessoas amadureceram conceitos, posturas e sonhos e, com isso, facilitaram sua linguagem.

"Esta tua avaliação é amadurecida. No tempo do projeto você falaria assim?" (Edla)

"Eu vou dizer assim: sofri muito com a realidade. Eu percebi que não conhecia a realidade, não só a realidade de Alvorada, mas a realidade das relações sociais. O sofrimento me amadureceu. Posso dizer que esse processo foi rápido, foi tão violento quanto foi rápido. Entende? Era tipo assim - pegar ou largar - e eu enfrentei, não foi fácil. Havia conflitos internos." (Sandra)

"Como tu avalia o processo de conscientização do projeto hoje em dia?" (Edla)

"É um processo e faz parte. O que se tentou semear era que essa participação se efetivasse.

Que a pessoa tivesse consciência que podia participar. Que ela tivesse perspectiva de escolha sobre alguma participação. Pra onde tu queres ir, quais os elementos que tu dispões pra participar. E isso é difícil pois mexe com os valores das pessoas. Tem que se ver que às vezes as pessoas do próprio partido ou movimento vão pra linha de frente e militam, militam, tentando mascarar certos problemas. Quando se vê tu tem uma péssima relação na família, uma relação discriminadora entre homem-mulher, branco-negro, quer dizer, a qualidade dessa participação deixa a desejar. Então as pessoas recebem esta semente, à medida que amadurecem elas escolhem o que mais lhes atrai como modo de participar, o que lhes é mais a fim. E acho que sempre garantindo o individual e o coletivo por que não pode descolar. O fortalecimento do indivíduo, por que este indivíduo tem que estar bem estruturado pra poder se doar e contribuir para o coletivo. Do contrário, vai ser mero discurso, demagogia, pueril quando vê desapareceu...né? E nem sempre isto é possível de conquistar no tempo de um ou dois anos." (Sandra)

O tempo aqui pode ser considerado também para o andamento da proposta de um projeto. Neste caso a minha pesquisa revela o tempo do projeto, o tempo de algumas pessoas que estavam dentro dele e o meu tempo. O tempo de relacionar nas experiências faladas a possibilidade de uma construção com começo, meio e fim.

4.3.3 O Tempo Como Limite.

A terceira pessoa é o Bruno que tem uma passagem na religião luterana. Assim como a trajetória da pastora, ele também vem de um grupo de jovens que se envolve com a questão social. Coursou o

primeiro ano da Faculdade de Teologia. Depois trabalhou na contabilidade da Comunidade Evangélica de Porto Alegre, quando conheceu o trabalho do pastor Roberto e depois foi convidado pela pastora para atuar no projeto.

No projeto havia um espaço reservado para a atuação na área dos direitos do cidadão que era chamado de "Assessoramento Jurídico". A justificativa deste espaço era de que não havia um serviço dessa natureza no município e por que os moradores já possuíam consciência de que eram injustiçados, mas não tinham como recorrer e articular sua própria defesa. Sendo assim, o trabalho do Bruno no planejamento do projeto consistia em:

1. Atendimento Individualizado: que era o atendimento de casos, com o objetivo de esclarecer questões de legislação.

2. Atendimento Comunitário: tinha a proposta de realizar cursos de orientação sobre legislação trabalhista e grupos de discussão dos próprios problemas da localidade, além de discutir a questão da

sindicalização e direito previdenciário.

O que de fato funcionou foi o atendimento individual. Havia um atendimento de final de semana, onde as pessoas buscavam esclarecer dúvidas, orientações com relação a questões de ocupações de terrenos, além do apoio jurídico que eventualmente fosse necessário para as pessoas da vila.

Na elaboração do nosso diálogo apareceu também a relação de aprendizagem detectada e avaliada nas outras entrevistas. O grau de intensidade parece menor e quando eu destaco esta postura o Bruno salienta que ele percebia o entusiasmo das suas colegas, mas que não tinha o mesmo grau de envolvimento emocional por conhecer outros trabalhos comunitários. A sua presença no cotidiano do projeto era menor e, com isso, o envolvimento diminuía. As coisas não estavam tão vivas quanto para aquelas pessoas que estavam lá todos os dias.

"Você poderia contar como foi a tua trajetória neste projeto?" (Edla)

"O meu trabalho não era de contato contínuo com a comunidade. Eu ia nos fins de semana atender problemas específicos na área do direito, mas tomei um contato mais de perto com a realidade. Tinha um compromisso com o trabalho, pois ajudei a planejar. (...) Fazíamos reuniões com a comunidade quando elaboramos o estatuto do Centro Comunitário, para discutir o que deveria constar no estatuto. Eu vivia as coisas muito intuitivamente, não tinha formação na área teórica enquanto que a Sandra vinha com paralelos teóricos muito claros. Acho que eu e a Ana

tinhamos um pouco disso em comum." (Bruno)

"E você via mudanças na vida das pessoas?" (Edla)

"Acho que a vida delas evoluiu, mas não por causa do projeto em si. Acho que a gente contribuiu na consciência da cidadania, mas a gente não conseguiu desmanchar o individualismo que existe nas pessoas. Houve mudanças na época no senso crítico das pessoas, mas a formação, o processo continuo não sei se houve." (Bruno)

Este "individualismo" detectado pelo Bruno, me parece que vem de longa data. Os encaminhamentos dados pelo pastor Roberto, depois um certo centralismo da pastora Ana revelam que coletivamente poucos foram os avanços de consciência. A relação de poder parece destacar o indivíduo e muito pouco a organização social. Uma coisa é o Ser consciente estruturado em si mesmo; outra é a sensibilização do coletivo que se compromete com a realidade social.

Observe mais um aspecto indicado pelo Bruno que foi a sua "intuitividade". O trabalho com as classes populares, me parece, que vai muito por este caminho da intuição, do risco, do incerto. Isto gera um pouco, quando não muito, de improvisação. Tenho dificuldades em aceitar o intuitivo como regra... Avalio que estamos mais do que na hora de, na Educação Popular, aprofundar conceitos que valorizem a prática.

5 - PERSPECTIVAS

Longe de mim a arrogância da academia que se coloca a julgar a prática na sua distância tão bem conhecida. Tenho apenas o desejo de reunir dados significativos que contribuam no diálogo, que não pode ser compreendido como sinônimo de passividade, e sim, de conflito e de uma ação problematizadora.

Resgatando a pergunta norteadora da pesquisa: foi possível conscientizar a população da vila no período do projeto? Dentro da compreensão de uma consciência crítica ideal compreendida aqui como um processo linear e em desenvolvimento, como apontei no início do segundo capítulo, digo que não. Antes as/o agentes perceberam sua própria ingenuidade e deram um salto de consciência com relação ao que se refere a trabalho na área da Educação Popular. Na verdade não posso resgatar a pergunta como feita no início, pelo fato de que também eu fui recriando a pergunta na medida em que percebi diferentes momentos de consciência. Não mais aquela conscientização linear em seus estágios compreendidos por Freire, mas uma conscientização que vem de ambos os lados: de quem vem de fora (agente) e de quem está na vila. Vários estágios estão ao mesmo

tempo fazendo parte da mesma pessoa...

Pensar a existência não apenas individualmente, mas também coletivamente. O desejo de se colocar a serviço das classes populares muitas vezes supera a compreensão que a/o agente possui sobre as classes populares, sua lógica, seu saber e sua resistência. É importante salientar que as pessoas envolvidas no projeto de fato entraram em ação com a comunidade. Este é o primeiro passo para que aconteça uma mudança de consciência, segundo Paulo Freire e Julio Barreiro. Considero, porém, que a ação precisa ser mediatizada pela própria conscientização das/os agentes que nela se envolvem. Enfatizo isto, por que muitas vezes em vários Projetos de Desenvolvimento gerenciados pelas Organizações Não Governamentais ou mesmo qualquer outra organização do Governo e talvez até da Sociedade Civil, acontece o que Brandão (1986) define por objetivos pré-estabelecidos sobre/para a comunidade.¹⁶ Pensar como foi a aproximação deste Projeto de Desenvolvimento é identificar nesta aproximação o desejo apenas das/os agentes em transformar aquela realidade. Além de perceber toda implicação do trabalho pastoral que poderia seguir numa linha paroquial, mas justamente por não haver esta compreensão de trabalho tradicional, o projeto surge como uma possibilidade alternativa e um ensaio de Educação Popular que é novidade na Igreja Luterana. A avaliação de projetos como este merecem destaque pelo fato de que, ele mostra em seu interior um enfoque ainda bastante contraditório sobre quem

¹⁶ Carlos R. BRANDÃO. A educação como cultura. p.77

conscientiza o que, a quem e sob que condições.

Considero valiosas as palavras de Brandão:

"A articulação sempre difícil entre programa-e-comunidade, não será difícil porque envolve a invasão, não raro bem intencionada, de uma ordem popular de vida e trabalho? Supostos aliados políticos de um mesmo horizonte de construção da liberdade, não seremos nós, educadores, pequenos inimigos culturais de um mundo e de uma classe cuja essência de vida e representação da vida até hoje não conseguimos compreender?"¹¹

A "invasão bem intencionada" é fruto de uma consciência que ainda não está em seu estágio maduro, ou seja, uma consciência crítica por parte de quem planeja e entra numa proposta de trabalho com as classes populares. O respeito às formas de expressão das classes populares e a maneira de intervenção junto a elas, caracterizam a consciência crítica por parte dos agentes. Este foi na minha avaliação um dos limites do projeto: A falta de leitura da vida das pessoas da vila no seu cotidiano. Acredito que a leitura da conjuntura estava bem mais colocada. Isto se percebe no planejamento do projeto. Sabia-se no geral que as pessoas da vila estavam com muitas dificuldades e que já havia serviços oferecidos pelo Centro Comunitário que poderiam ser melhorados e ainda, que a participação poderia gerar uma maior articulação inclusiva para o bom andamento das Associações das vilas (Piratini, Caxambú, São Pedro). Continuo citando Brandão:

¹¹ Carlos R. BRANDÃO. O ardil da ordem, p.12.

"O desconhecimento não assumido da realidade do outro, autoriza percebê-lo como eu quero, para intervir sobre ele transformando-o segundo a imagem e o horizonte que antecipadamente a minha boa consciência desenhou para ele através do meu trabalho."¹¹

O que me parece ter sido pouco aprofundado foi como funcionavam as relações sociais na vila, quais as implicações com a paróquia que aliás poderia ter entrado no Projeto na mesma intensidade com que a vila foi considerada. A impressão que me ocorre é que a equipe de trabalho do Projeto não sabia muito bem o que fazer com o trabalho tradicional da paróquia. A D. Margarida percebeu esta separação:

"Eu não sei se era a Ana Maria, talvez fosse todo grupo eles queriam que ficasse separado né. Paróquia uma coisa e Centro outra. Isso não podia. A gente tinha que caminhar junto, era uma coisa só." (Margarida)

Outro aspecto que D.Margarida apontou e que cabe nesta reflexão é o limite da permanência no lugar. A equipe se desfez, a pastora saiu daquela paróquia, enfim, quem ficou foram as pessoas que moravam lá... "Quem fica é que sofre". (D.Margarida)

A heterogeneidade da consciência vem registrar o que descobri em relação à dinâmica do fazer conscientização. Não dá pra vestir uma "camisa teórica" (Sandra), classificar a consciência em seus

¹¹ Carlos R. BRANDÃO. O ardil da ordem. p.14

vários estágios e, a partir daí, atuar no campo da prática com a ansiedade de enquadrar reações já estabelecidas anteriormente. Há uma fluidez que possibilita, na compreensão da heterogeneidade, a cautela necessária para se trabalhar com as classes populares sem a angústia de querer induzi-las a uma consciência crítica pré-estabelecida. Ao analisar as fases da consciência, refleti sobre o movimento de "fluxo e refluxo" ou um "ir-e-vir" onde, a partir desta reflexão, consigo perceber que houve conscientização em determinados momentos do projeto. Especialmente naqueles momentos onde as pessoas se organizaram em torno de determinados objetivos que surgiram por causa de necessidades concretas.

O sonho de trabalhar com as classes populares com o objetivo de transformar a realidade na qual ela se encontra, conscientizando as pessoas para uma vida comprometida com a ação libertadora, delimita a trajetória das/o agentes entrevistadas/o e a trajetória de todas/os nós: Educadoras/es Populares. A verdade é que estamos em crise. Não encontrei ninguém melhor do que José de Souza Martins para definir esta crise:

"A crise atual não é dos grupos subalternos, mas dos grupos de mediação, grupos de apoio intelectual às lutas populares. (...) É uma crise de classe média e de sua intelectualidade. Supõe, equivocadamente, que qualquer teoria à esquerda das idéias dominantes seria adequada e suficiente para dar sentido aos movimentos sociais e às lutas populares dispersas e aparentemente fragmentárias."¹¹

¹¹ José de Souza MARTINS. Caminhada no chão da noite. p.135.

Concluir um trabalho de dissertação falando em crise não é estranho em tempos e terras brasileiras... Ao longo de toda elaboração da pesquisa fui identificando o meu estágio de consciência com relação ao tema. Primeiramente me preoquepei em definir níveis de consciência, depois fui verificar se estes níveis "serviam" nas falas das pessoas entrevistadas. Não! Não serviram. Então chegou o momento em que a conscientização se efetivou em mim: pesquisadora iniciante, para não dizer tímida... E esta foi uma das fortes sensações: saber-me misturada na história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, Rubem. Dogmatismo e tolerância. Paulo: Paulinas, 1982. 172 p.
2. _____. Estórias de bichos. São Paulo: Loyola, 1991. 31 p.
3. BARTHES, Roland et alii. Lo verossímil. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo. 1972.
4. BARREIRO, Julio. Educação popular e conscientização. Petrópolis: Vozes, 1980. 186 p.
5. BECKER, Fernando et alii. Apresentação de trabalhos escolares. 5. ed. Porto Alegre: Redacta-Prodil, 1981. 51 p.
6. BEISEGEL, Celso Rui. Política e educação popular. a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática: EDUSP, 1982. 304 p. Tese (Livre Docência em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

7. BORNHEIM, Gert Alberto. Introdução ao filosofar. 8. ed. São Paulo: Globo, 1989. 113 p.
8. BOFF, Leonardo. Teologia do cativo e da libertação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. 255 p.
9. _____. e Clodovis Boff. Como fazer Teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 1986. 46 p.
10. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação popular. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 86 p.
11. _____. La educación en América Latina. 2. ed. Madri: Tarea, 1987. 106 p.
12. _____. (Org.) Pesquisa participante. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 211 p.
13. _____. Educação como cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. 195 p.
14. _____. Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador. Rio de Janeiro: Graal, 1982. 186 p.
15. _____. O Ardil da ordem: caminhos e descaminhos da educação popular. 2. ed. Campinas: Papirus, 1986. 115 p.

16. CENTRO COMUNITÁRIO PIRATINI. Grupos de vizinhança. Coordenação de Ana Maria Koch. Alvorada, 1982. 9 p. Projeto Assitencial.
17. CERVO, Amado Luiz & BERVIAN Alcino. Metodologia científica. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983. 249 p.
18. CORTELLA, Mario e VENCESLAU, Paulo de Tarso. Entrevista com Paulo Freire. Revista Teoria e Debate. São Paulo, v.1, n. 17, p. 28-40, 1992.
19. DIAKONISCHES WERK der EKD. Justica para os pobres. Stuttgart: Schwäb Druckerei, 1990. 35 p.
20. FÁVERO, Osmar. (Org) Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. 283 p.
21. FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da liberdade: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1984. 102 p.
22. _____. Paulo. Educação e mudança. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 79 p.
23. _____. Educação como prática da liberdade. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 150 p.

24. PAULO, Paulo. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 224 p.
25. _____. Pedagogia do oprimido. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 218 p.
26. GRAMSCI, Antônio. Concepção dialética da história. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986. 341 p.
27. _____. Os intelectuais e a civilização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. 244 p.
28. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Diretrizes para projetos de desenvolvimento. Florianópolis, 1987. 4 p.
29. KRANZ, Frederick. (Org.) A outra história. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991. 401 p.
30. LOPES, José de Souza (Org.) Cultura e identidade operária. Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.
31. MARTINS, José de Souza. Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais do campo. São Paulo: Hucitec, 1989. 147 p.

32. MACEDO, Carmem Cinira. Tempo de gênese: o povo das comunidades eclesiais de base. São Paulo: Brasiliense, 1986. 294 p.
33. MEJÍA JIMENEZ, Marco RAUL. Educação popular: pedagogia e dialética. Ijuí: UNIJUI ed., 1989. 77 p.
34. MELLÓ, Sylvia Leser de. Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo. São Paulo: Ática, 1988. 192p.
35. PAIVA, Vanilda Pereira. Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1987. 362 p. (Mestrado em Educação) Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
36. _____. Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 202 p.
37. PETRINI, João Carlos. CEBs: um novo sujeito popular. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 147 p.
38. SEMINÁRIO "O RETORNO DO ATOR", 1989, São Paulo. movimentos sociais em perspectiva. São Paulo: USP, Faculdade de Educação, 1991. 192 p.

39. SCHÜNEMANN, Rolf. Do quieto à participação: a emergência da consciência sócio-política da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil entre 1960-1975. Rio de Janeiro: PUC, 1989. 342 p. (Mestrado em Teologia)
40. TORRES, Rosa Maria. Discurso e prática em educação popular. Ijuí: UNIJUI ed., 1989. 89 p.
41. WANDERLEY, Luiz Eduardo. Educar para transformar: educação popular, Igreja Católica e política no Movimento de Educação de Base. Petrópolis: Vozes, 1984. 524 p.
42. WESTHELLE, Vitor. Uma fé em busca de linguagem. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 1, n. 32, p. 68-81, 1992.

ANEXOS

Alvorada, 5 de julho de 1982.

A

Prot fur die Welt,
A/C IECLB.

IECLB	
VISTO	RELATOR
15911 28.10.92	
REM.	/ /
ARQUIVO	

Prezados senhores:

Estamos encaminhando aos senhores um projeto de trabalho a ser realizado em Alvorada, pelo Centro Comunitário Piratini a partir do mês de agosto de 1982, para o qual pedimos a sua apreciação e financiamento!

O projeto é resultado de muitas reuniões de planejamento a partir do trabalho já existente (exemplificado pelos documentos n.ºs 5, 6 e 7 em anexo) e que pretendemos dinamizar.

A Vila Piratini, área a ser atendida, situa-se no município de Alvorada, distante uma hora de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. O município na sua totalidade é um aglomerado de vilas (conforme documento n.º 3 em anexo), sem mesmo que se possa definir exatamente um centro. A cidade se forma ao longo de uma estrada parcialmente calçada, onde se situam casas comerciais e uma empresa de ônibus. Tem aproximadamente 100.000 habitantes, distribuídos em 49 vilas. É uma cidade-dormitório, isto é, seus moradores trabalham em Porto Alegre, vindo à noite ou somente nos fins de semana para dormir. A predominância dos moradores é trabalhadora assalariada, onde a maioria faz parte da classe da construção civil e onde as mulheres são faxineiras ou empregadas domésticas em Porto Alegre. A média salarial atinge somente de um a três salários mínimos, sendo que o salário mínimo atual é de R\$ 10.608,00. Os problemas existentes em Alvorada são muitos, semelhantes às demais cidade-dormitórios: loteamentos irregulares em clandestinos, falta de água, luz, esgotos, escolas, falta de saúde, transporte deficiente e caro (o trabalhador gasta cerca de 20% do salário em transporte), todos problemas decorrentes do baixo índice salarial: habitações precárias, alimentação insuficiente, falta de condições de saúde e educação. Esta situação é decorrente do êxodo rural crescente e da problemática situação de desemprego pela qual passamos.

A Vila Piratini, especificamente, sofre de todas estas carências. Para termos uma idéia, foram vacinadas numa campanha de vacinação infantil em junho de 1982 a mais de mil crianças na faixa de até 5 anos somente na vila Piratini e em duas vilas

vizinhas.

REM. / /
ARQUIVO

00191 00.07.02

Dentro deste quadro econômico-social se insere o Centro Comunitário Piratini, vinculado institucionalmente à Comunidade Evangélica de Porto Alegre (CEPA)- IECLB. A CEPA, atualmente, passa por situação financeira difícil e não mantém o trabalho no Centro Comunitário, que é realizado com recursos como segue:

1. trabalho de secretaria e contabilidade, por voluntários;
2. manutenção da cancha de esportes, com recursos da comunidade local;
3. manutenção do prédio, com recursos da comunidade;
4. educação infantil, pelas instituições MORRAL E FEBEM (90 crianças);
5. lares vicinais, pela FEBEM, para 130 crianças;
6. cursos diversos, pelo SESI (corte e costura, criatividade)
7. assistência odontológica, por trabalho voluntário de dentista;
8. alimentação infantil para 120 crianças, pela AMENCAR (Kindernothilfe);
9. atendentes, mantidas pelos médicos; e
10. assistência médica, pelo INAIMPS.

A nossa preocupação, no entanto, não é de somente prestar assistência de serviços à comunidade. Pensamos que é necessária a organização comunitária com um conteúdo de conscientização e valorização do ser humano e para isso motivamos a todas as pessoas que atuam no Centro Comunitário e também a Paróquia Luterana. O desenvolvimento do trabalho existente proporcionou uma experiência positiva com as estagiárias de outras entidades junto aos membros da comunidade e cresceu na colocação de metas de trabalho conjunto.

A nossa dificuldade atual e a nossa preocupação está voltada para a continuidade do trabalho destas estagiárias e para o aprofundamento do trabalho na área jurídica. Atualmente as instituições que mantinham estagiárias não demonstram interesse em continuar, pois não apoiam nem observam o trabalho comunitário como um todo. Estas instituições, que são governamentais, têm objetivos de serviços específicos. Além disso, a realidade que vivenciamos é a de transferência de estagiárias ou cancelamentos de estágios constantes, que prejudicam enormemente tanto a comunidade local quanto as próprias estagiárias, que perdem a oportunidade de um aprofundamento de seu trabalho, prejudicando a experiência conjunta.

Os recursos financeiros da comunidade local nos impedem de assumir os custos de estágios e a Comunidade Evangélica de Porto Alegre não prevê nenhum recursos para isto. A própria forma de estágio, como alternativa de atuação, já significa uma economia de gastos para o Centro Comunitário e uma possibilidade de continuar a manter os custos da Universidade para as estagiárias, pois isto impede que os estágios sejam feitos voluntariamente.

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFRGS

Unidade Pública Federal Decreto nº 86.072 - 04.06.81
Unidade Pública Estadual Decreto nº 19.774 - 25.07.69
Unidade Pública Municipal Lei nº 4024 - 03.10.75
Fundação de Fomento Educacionais Processo nº 263.262/76 - 12.01.76
Conselho Nacional de Serviço Social - MEC nº 33.705/80 - 10.04.87

Secretaria de Trabalho e Ação Social nº 583 - 10.05.72
Secretaria Municipal de Saúde e Serviço Social - Registro nº 01
Ata Declaratória de Isenção de I. do Renda nº 21/1/73 - 14.03.73
C.G.C.M.F. nº 02.843.941/0001-93 - Inscrição Estadual: Isenta
Data de Fundação: 17 de fevereiro de 1850

FILIADA À IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL - IECLB

visando a continuidade do trabalho comunitário com aprofundamento de objetivos, pensamos que é necessário buscar recursos que nos possibilitem manter estágios do próprio Centro Comunitário Piratini, dentro da área de serviço social e da área jurídica, especificados os objetivos e planos de trabalho nos documentos n.ºs 1 e 2, em anexo, e recursos que nos possibilitem manter um boletim informativo quinzenal do Centro Comunitário Piratini, especificado no documento n.º 4, em anexo.

Considerando que dispomos de instalações e equipamento necessário para o desenvolvimento do trabalho projetado, apresentamos aos senhores o pedido de auxílio para manutenção dos estágios e do boletim informativo para o período de dois anos, como segue:

estagiário	custo em cruzeiros	custo em dólares	IECLB	
			VISTO	RELA
SERVIÇO SOCIAL (2)	Cr\$ 1.300.000,00	US\$ 7.544	15911	28
DIREITO (1)	Cr\$ 700.000,00	US\$ 3.772		
boletim informativo	Cr\$ 80.000,00	US\$ 464		
total	Cr\$ 2.080.000,00	US\$11.780		

Esperamos contar com a atenção dos senhores e estamos a disposição para maiores informações que forem necessárias.

Fraternalmente,

Ana Maria Koch
 Ana Maria Koch,
 pastora da IECLB.

15911 28.10.92

06747 09.07.82

Dados de identificação:

REM. / /
ARQUIVO

REM. / /

09.07.82

Programa: ação comunitária

Entidade: Centro Comunitário Piratini - departamento da
Comunidade Evangélica de Porto Alegre,
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Área de atuação: Vila Piratini - município de Alvorada.

Pessoal: duas estagiárias de Serviço Social. *

1. Apresentação:

O presente projeto propõe-se à organização de grupos de vizinhança a fim de impulsionar uma maior participação dos moradores da vila Piratini, em Alvorada, integrados ao processo de mudança, visando a solução de seus problemas.

Com base nesta proposta, apresentaremos um projeto direcionado ao "atendimento às exigências humanas de subsistência de desenvolvimento e de participação do homem na sociedade onde está inserido", visando uma promoção política, humana e social do homem.

Através de um processo de conscientização, educar o homem para enfrentar as mudanças cada vez mais fortes, tendo em vista a libertação de todos, respeitando os princípios da união, solidariedade e participação no processo decisório.

Este projeto terá uma coordenação composta por uma pastora da IECLB, três estagiários, dois na área de serviço social e um na área de direito, e de agentes comunitários. O processo de desenvolvimento do projeto está embasado em um referencial teórico de desenvolvimento comunitário e em referencial prático, a partir do trabalho já desenvolvido no Centro Comunitário Piratini.

2. Estratégia do Projeto:

Finalidade: através deste projeto visamos a integração dos moradores da Vila Piratini, para que os mesmos assumam seu papel no próprio desenvolvimento, participando e conscientizando-se, tanto junto à Associação de Moradores quanto do Centro Comunitário Piratini e nas demais entidades que identifiquem a dinâmica da problemática social vivida.

Justificativa: considerando a realidade de pobreza que paralisa a população, neste sistema de dependência e exploração, onde são usados os mecanismos da política social e econômica como instrumentos de dominação, ou seja, criando a riqueza de poucos a partir da manutenção na pobreza da grande maioria. Através da união

dos moradores, com vista ao desenvolvimento social e favorecendo uma promoção integral do homem, como ser histórico, como sujeito da ação e responsável diante da criação de Deus, pois entendemos que o desenvolvimento social depende da atuação do ser humano em primeiro lugar e não depende somente do desenvolvimento econômico, como querem nos fazer acreditar.

Delimitação do problema: as situações vividas no Vila Piratini, como em todo o município de Alvorada podem ser assim resumidos: há desorganização familiar, com a geração de grupos de delinquentes, prostituição, menores abandonados, analfabetismo em grande escala de adultos e crianças, subnutrição, índice alto de doenças crônicas e contagiosas, entre outras disfunções sociais. Há evidentes problemas de relacionamento entre vizinhos; constatação de problemas de saneamento e urbanização, sem a conseqüente apresentação de soluções por causa da falta de organização e participação da comunidade. Existência de alto índice de desemprego, principalmente de menores de 18 anos e grande número de empregados não-qualificados (serventes, auxiliares) e de subempregados, biscateiros, o que cria dificuldades para a operacionalidade de encontros. Ausência de recursos materiais da própria comunidade para resolver problemas de saneamento básico, infra-estrutura, escolarização, transporte e segurança, devido ao baixo salário da maioria (o salário da maior parte não faz um salário mínimo regional, de onde precisam descontar previdência, transporte e providenciar a manutenção da família)

Análise da situação: a realidade social da Vila Piratini nos faz observar que, devido a falta de orientação e preparo a população se torna acomodada e "obediente", não desenvolvendo por si só interesse por atividades da mesma comunidade e pela solução de seus próprios problemas; tendo em vista a atual conjuntura político-social, que enfatiza ainda a continuidade desta situação e ainda mais o estado de acomodação e de passividade quanto a expectativas de bem-estar social em que se encontra a população, se faz necessária uma atuação adequada ao desenvolvimento comunitário, diferenciada daquela assumida pelo Estado e por muitas Entidades, de caráter unicamente paternalista - de assistência social.

Proposta do Projeto: ao analisarmos a realidade social da Vila Piratini, observamos que não basta a elevação dos níveis de renda para que o homem se integre e participe solidaria e responsavelmente na sociedade em que vive. Procuramos, sobretudo, a participação efetiva da comunidade, na busca e concretização de

IECLB
VISTO RELATOR

15911 28.10.92

na auto-determinação de seus caminhos e na conquista de uma vida melhor. O projeto visa o desenvolvimento da população no sentido da participação social, onde não sejam mais enganados por lideranças que venham de outros meios sociais, e que pela própria promoção, tenham condições de dar espaço a lideranças autênticas, ao mesmo tempo que se procura o desenvolvimento de liderança de todos para o estímulo à participação na vida comunitária. Procuramos mobilizar a população a participar das atividades desenvolvidas na vila através do Centro Comunitário Piratini.

Repercussões sócio-econômico culturais: formação de uma associação de moradores realmente participativa, onde o encaminhamento concreto das propostas partam da necessidade real da comunidade, que assumirá o papel de entidade de reivindicação.

Em pequenos grupos os moradores terão condições de manter um relacionamento de integração social, respeitando os padrões culturais e a caminhada de cada indivíduo no processo de conscientização.

3. Tática de atuação:

Dimensão do projeto: VILA PIRATINI - Alvorada (mapa anexo)

Duração do projeto: dois anos.

Áreas de influência: são consideradas áreas de influência as vilas TIJUCA, CAXAMBÚ e SÃO PEDRO, devido a localização do Centro Comunitário Piratini, que até agora desenvolveu suas atividades e continuará desenvolvendo-as atendendo com seus serviços a toda a área. Através do apoio de lideranças das respectivas vilas procuramos um desenvolvimento conjunto, e a experiência e conhecimento existente nestas lideranças poderá enriquecer o projeto e mobilizar moradores de outras vilas.

Devido a localização da Vila Piratini, onde se situa o Centro Comunitário, há facilitação para atuação e ao mesmo tempo favorece a continuidade da oferta de serviços do Centro Comunitário (recursos médicos, odontológicos, cursos, alimentação infantil, educação infantil).

- Metas:
- formação de grupos de vizinhança e assessoramento a estes grupos, em toda a área da Vila Piratini.
 - treinamento de lideranças que surgem a partir da formação dos grupos de vizinhança e dos grupos de trabalho do Centro Comunitário Piratini.
 - descentralização da ação comunitária que está

VISTO

IECLB
RELATOR

15911 28.10.92

tro Comunitário Piratini.

RE.M. /
(APR: /)

- formação de um conselho comunitário para o Centro.
- organização de atividades que estimulem o trabalho conjunto, o lazer e a criatividade dos moradores da vila.

IECLB	
VISTO	RELATOR
15911 28.10.92	
REM.	ARQUIVO

Dados de Identificação:

15911 28.10.92

06747 09.07.82

REM. _____
ARQUIVO _____

Programa: ação comunitária

Entidade: Centro Comunitário Piratini, departamento da Comunidade Evangélica de Porto Alegre.
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Área de atuação: Vila Piratini e vilas adjacentes: Tijuca, Caxambú e São Pedro - município de Alvorada.

Pessoal: um estagiário de Direito.

1. Apresentação:

A inclusão deste serviço dentro de um projeto de ação comunitária deve-se a ausência deste atendimento profissional na área, assim como em todo o município. Deve-se também ao alto custo dos honorários deste profissional, o que impossibilita que os moradores possam recorrer a ele para solução ou encaminhamento de seus problemas.

Pensamos que o assessoramento jurídico contribuirá para gerar maior aceitação de todo o projeto de trabalho junto a comunidade, pela presença constante de alguém dedicado à comunidade e também porque os moradores do lugar tem já consciência de que sofrem injustiças continuamente, seja no seu trabalho, seja por causa de ações arbitrárias da autoridade policial, mas não acreditam ainda na sua própria capacidade de articular uma defesa. Outros fatores que justificam este serviço junto à comunidade são:

1. o alto índice de criminalidade, resultado da marginalidade social, que traz o risco constante das famílias serem chamadas à justiça e pelo trabalho já iniciado de pastoral penitenciária para atendimento no Presídio Estadual do Jacuí de familiares dos moradores que participam no trabalho do Centro Comunitário Piratini; 2. o fato de que muitos moradores da Vila Piratini (aproximadamente 120 famílias) e da vila Caxambú (aprox. 300 famílias) residem sobre áreas de terra que invadem, de onde podem ser expulsos pelos proprietários se não estiverem conscientes de seus direitos.

2. metas:

Considerando as necessidades, o trabalho terá o caráter de:

1. Atendimento individualizado, para assistência de casos, com o objetivo de adquirir a confiança e aceitação dos moradores. Este trabalho consiste em dar informações sobre legislação e encaminhamento de problemas existentes; a predominância destes casos nestas áreas de periferia estão relacionados com direito previdenciário (apoentadoria e pensão), direito do trabalho (despedidas, demissões e seus reflexos), direito civil e penal, informações de natureza familiar (pensões, separações, regularizações) e sobre documentação (registros, serviço militar).

2. atendimento comunitário, voltado a um trabalho preventivo isto é, realização de cursos de orientadores sobre legislação trabalhista e grupos de discussão.

ARQUIVO

den como participação nos grupos de vivinhança, com caráter informativo. Os aspectos a abordar neste trabalho preventivo se relacionam aos direitos trabalhistas e principalmente a sindicalização e também sobre direito previdenciário. Nas discussões em grupos objetiva-se o amadurecimento das pessoas e a conscientização da situação a que estão submetidos para busca de mudança. Isso deverá levá-los a participar conscientemente de lutas maiores, como a luta pela terra resultante do êxodo rural. Muito mais do que a perspectiva jurídica, objetiva-se, neste caso, a consciência da responsabilidade política e da solidariedade da população.

IECLB
VISTO RELATOR
15911 28.10.92
REN

3. Recursos:

Neste aspecto jurídico, o trabalho se desenvolverá em conjunto com o Centro de Trabalhadores "Santo Dias", que atende a área de Alvorada.

Documento Final do Seminário "Diaconia e Movimento Popular" IECLB
Belém, PA - 27 à 30 de agosto de 1990

Nós, membros e obreiros da IECLB, majoritariamente ligados e engajados em diversas expressões do Movimento Popular, e provenientes de diferentes regiões eclesiais da IECLB, estivemos reunidos em Belém, PA, entre os dias 27 e 30 de agosto de 1990 para o Seminário "Diaconia e Movimento Popular". Na ocasião ocupou-nos especialmente o tema sobre o Papel da Igreja junto ao Movimento Popular. A realização deste Seminário específico sobre o tema é fruto da reivindicação de participantes do Seminário Nacional de Diaconia na IECLB ocorrido em Rodeio 12, SC, em agosto de 1989.

No Seminário refletimos a partir de nossa prática e da atuação luterana em Belém e sobre o histórico e a atual conjuntura do M.P. à luz dos textos bíblicos de Mt 3.9-12, I Rs 12.1-24 e Lc 24.13-35, avaliamos e aprofundamos teologicamente o papel da Igreja, de suas comunidades e de seus agentes de pastoral junto ao M.P., traçando perspectivas e encaminhamentos para o trabalho futuro. Reportamo-nos igualmente ao tema e ao documento final da 8ª Assembléia da FLM que levam o título "Ouvir o clamor do meu povo", bem como ao documento "Manifesto em defesa da Arazônia" expedido pela IECLB em 1989.

Como resultado deste Seminário, trazemos a público o presente documento visando um aprofundamento em meio à IECLB, ao M.P. e às entidades que o apoiam, bem como um posicionamento e um comprometimento claro por parte da Igreja.

1. Papel da Igreja junto ao Movimento Popular

1.1. - O papel de cada cristão junto ao Movimento Popular:

No caminho de Emaús Jesus nos ensina uma pedagogia que parte da realidade na qual os discípulos se encontravam. Ouve suas angústias, caminha e reflete com eles (Lc. 24.13-35). Esta prática nos constrange a uma inserção solidária e comprometida com os empobrecidos, os quais já vêm historicamente se organizando no Movimento Popular.

Tal inserção deve observar, entre outros, especialmente os seguintes pontos:

- refletir constantemente nossa prática de uma maneira crítica e auto-crítica;
- colocar o conhecimento que temos e que adquirimos a serviço da organização popular;
- fortalecer a mística revolucionária própria do MP;
- relacionar a prática específica com a realidade estrutural e conjuntural, tendo em vista um projeto político mais amplo;
- tal "projeto político mais amplo" concretiza-se, especialmente, no engajamento em partidos políticos efetivamente comprometidos com as lutas populares.

1.2. - Papel das comunidades junto ao Movimento Popular:

Compreendendo ser tarefa das comunidades pôr suas atividades a serviço da justiça no mundo, cabe a elas:

- aprender com o MP uma nova forma de compromisso evangélico;
- articular, com a ajuda do Espírito Santo, uma pregação vivencial, a prática da solidariedade, e a ação comunitária concreta em direção à transformação da sociedade;
- ser espaço de expressão da mística revolucionária da ação transformadora do Evangelho.

15911 28.10.92

- 2 -

REM. / /
ARQUIVO

1.3. - Papel da Igreja (IECLB) junto ao Movimento Popular:

Da mesma forma, afirmamos que compete à Igreja:

- Fazer uma clara opção pelo Movimento Popular, reconhecendo-o como organização legítima do povo na luta pela transformação da sociedade;
- Exercitar o respeito aos espaços conquistados pelo Movimento Popular;
- Colocar à serviço do Movimento Popular seus espaços, seus instrumentos, seus obreiros e agentes.

1 - Perspectivas

temos sinais concretos de uma práxis que está sendo construída. É necessário avaliar, sistematizar, documentar, avaliar e divulgar as experiências que vêm sendo feitas.

Não obstante ainda é necessário que se busque uma maior abertura para caminhada com o Movimento Popular. Aí há que conscientizar-se da existência do conflito em tal opção. Urge, igualmente, uma capacitação qualitativa e quantitativa de agentes do meio da Igreja para o Movimento Popular, propiciando assim uma ação mais efetiva junto a este.

- Encaminhamentos

Necessitamos valorizar a prática que está acontecendo os projetos com MP, com a participação da IECLB, e para tanto apresentamos os seguintes encaminhamentos:

Desencadear um processo de avaliação e planejamento, em todos os níveis, a fim de definir o objetivo que se quer alcançar como Igreja, bem como a serviço de quem ela se coloca;

Sistematizar o saber vivenciado no MP e nas práticas populares através de pequenas pesquisas (qualitativas), onde cada projeto continue articulando o seu saber;

Proporcionar espaços de debates, nos quais se apresentem produções e elaboradas a partir da prática;

Manter um registro detalhado (qualitativo e quantitativo) das experiências vivenciadas junto ao Movimento Popular, em forma escrita, feita e visualizada;

Valorizar, incentivar e viabilizar práticas alternativas de formação que partem da realidade vivenciada;

Elaborar subsídios para as comunidades sobre as discussões realizadas no Seminário;

Comprometer-se com uma postura ecumênica, inclusive com não-cristãos, isto ser o único caminho para se construir coletivamente o projeto de uma nova sociedade;

Estimular a leitura bíblica na ótica do oprimido;

Estimular e viabilizar o engajamento de seus obreiros e membros em práticas alternativas e no Movimento Popular, bem como garantir um espaço de articulação e fortalecimento daqueles já engajados.

Belém, PA, 31 de agosto de 1990

Justiça para os pobres

Declaração de
PÃO PARA O MUNDO

IECLB	RELATOR
VISTO	15911 28.10.92
NEM	
ARQUIVO	


11-21

Brot
Für die Welt

A MEXO - 3 p. 92

1. Há três décadas que organizações e entidades de auxílio para o desenvolvimento vêm envidando ingentes esforços para combater a pobreza em países do hemisfério sul, no assim chamado «Terceiro Mundo». Os resultados são quase imperceptíveis. Parece mesmo que, na região, apenas houve um enriquecimento de minorias, enquanto a maioria da população empobreceu cada vez mais. Apesar disso, a fé cristã não esmorece em seu empenho de ajudar. Os cristãos tampouco fecham os olhos perante as causas do empobrecimento e ante a sua própria parte de culpa. Ao contrário, estão dispostos a assumir corresponsabilidade.

Já em 1973, o memorandum da Igreja Evangélica da Alemanha (IEA) sobre «O Serviço de Desenvolvimento da Igreja — uma Contribuição para a Paz e a Justiça» frisou que os cristãos devem ser os advogados da justiça no mundo. E em 1976, o estudo de PÃO PARA O MUNDO intitulado «Crise Mundial da Alimentação ou Crise do Desenvolvimento?» estimulou o debate sobre o nexo existente entre fome e fartura, a fim de aguçar a consciência de nossa responsabilidade.

2. A nova declaração de PÃO PARA O MUNDO, aqui apresentada sob o título de «Justiça para os Pobres», leva adiante estas reflexões, com base nas experiências feitas durante os últimos anos nos países da África, Ásia e América Latina, mas também na Europa. Representa uma tentativa de inserir estas experiências práticas tanto no contexto da atual discussão sobre teoria do desenvolvimento como no

das expectativas colocadas pelo Evangelho a nós, cristãos.

A declaração «Justiça para os Pobres» pretende servir de subsídio para a Comissão de Diaconia Ecumênica (CDE), bem como para o quadro de colaboradores(as) de PÃO PARA O MUNDO, fornecendo critérios para o trabalho dos projetos e para as decisões sobre a ajuda. Também tem em vista o público interessado em política do desenvolvimento. Procura estabelecer um consenso quanto ao tipo de desenvolvimento em curso atualmente nos países do Terceiro Mundo e quanto às suas conseqüências sociais, econômicas e políticas. Também deseja suscitar a compreensão para com os motivos particulares subjacentes ao serviço de desenvolvimento das Igrejas evangélicas.

Há mais perdedores do que ganhadores

3. A análise da situação apresentada na Parte I tem como ponto de partida a observação de que, em sua concepção tradicional (centrada no crescimento econômico e industrialização), o desenvolvimento está ligado a um processo de polarização. As sociedades sofrem uma divisão cada vez mais profunda entre ricos e pobres, entre ganhadores e perdedores.

A progressiva pauperização pôs a maioria da população, em muitos

-se claro, ao mesmo tempo, que a pobreza e a injustiça também têm causas políticas que não podem ser simplesmente aceitas como dadas. Ante estas condições, os cristãos têm que dar ouvidos às passagens do Evangelho referentes ao Juízo e à conversão, bem como à promessa do Antigo e Novo Testamento.

4. A Parte II representa um apelo ao reconhecimento e à assumida de corresponsabilidade pela pobreza e as injustiças reinantes no Terceiro Mundo. Com efeito, o nexo inequívoco existente entre nossa fartura no Norte e a pobreza no Sul pode ser demonstrado não só a partir do condicionamento estrutural histórico, mas também com base nas estruturas atualmente vigentes.

5. A Parte III desenvolve as principais concepções e expectativas do pronunciamento «Justiça para os Pobres» sob o ponto de vista bíblico-teológico,

Parte I: Análise da situação

7. Pobreza, catástrofes de fome, crise de endividamento, decréscimo da renda *per capita*, violações dos direitos humanos, destruição do meio-ambiente, eis apenas algumas das palavras-chaves a serem mencionadas quando se descreve a situação social, econômica e política dos países do Terceiro Mundo na atualidade. Por outro lado, também se pode observar, na região, fenômenos aparentemente opostos à caracterização esboçada: crescimento econômico, êxitos nas áreas da indus-

para o futuro trabalho de PÃO PARA O MUNDO. Pois o seguimento de Cristo e sua mensagem do Reino de Deus vindouro, vinculada à sua solicitude para com os necessitados, obrigam a tirar as conclusões dos conhecimentos assentados.

6. A Parte IV coloca a questão relativa ao modo pelo qual PÃO PARA O MUNDO poderá enfrentar, no âmbito da Diaconia Ecumênica, o desafio da crescente pauperização. Tiram-se assim as conseqüências tanto para o apoio a projetos e programas no âmbito como para o aprendizado ecumênico, a conscientização e a assumida de responsabilidade pública no próprio país. Os cristãos não julgam poderem instaurar, com as próprias forças, um paraíso na terra. Mas eles são chamados, em Cristo, a tomarem-se colaboradores do Criador, cuidando e preservando sua criação. Acompanha PÃO PARA O MUNDO também participa desta obra.

15911
28.10.97

rialização e exportações, geração de empregos industriais, aumento da produção de alimentos e da renda real.

8. A discrepância destas observações não constitui uma contradição mas reflete, isto sim, o desenvolvimento às avessas que caracteriza a atual situação social e econômica dos países do Terceiro Mundo. De um lado, ambos os últimos decênios representaram, para alguns países, um período de considerável crescimento eco-

nômico aliado a uma progressiva industrialização. Estes países receberam, no contexto do debate sobre a política do desenvolvimento e, por fim, também no da estratégia e prática de ajuda ao desenvolvimento, a denominação de «países recentemente industrializados», de modo a distinguirem-se conceptualmente dos países mais pobres e menos desenvolvidos — os chamados «least developed countries» (LIDCs).

Apesar disso, registra-se mesmo nestes países relativamente «bem-sucedidos» uma ampla difusão de pobreza e fome, pois numerosas pessoas, sobretudo em áreas rurais, ficam privadas da participação no processo de crescimento. Não encontrando trabalho assalariado nem mesmo nas aglomerações urbano-industriais destes países recentemente industrializados, estas pessoas são jogadas à margem da sociedade, nas favelas. Sua renda não dá para comprar alimentos em quantidade suficiente, apesar da disponibilidade dos mesmos no mercado. O desenvolvimento dos países latino-americanos, e particularmente o do Brasil, apresenta exemplos impressionantemente elucidativos deste fato.

Fome e fartura

9. Por outro lado, grande número de países sofreram um retrocesso em seu desenvolvimento econômico. Sua renda *per capita* decaiu e a produção de alimentos, freqüentemente, não dá nem para abastecer a população do país. Ante a profunda crise do desenvolvimento agrícola, deve-se considerar particularmente dramático o fato de que, em muitos destes países atin-

gidos, a população continua a crescer acentuadamente. A capacidade de abastecer com alimentos a crescente população diminuiu cada vez mais sobretudo no continente africano.

A catástrofe da fome sofrida pela África nos anos de 1984 e 1985 tornou terrivelmente visível o caráter ameaçador desta situação. O prolongado período de seca nunca teria acarretado tão terrível fome se não tivessem ocorrido, igualmente, profundas crises nas esferas econômica e social.

Enquanto, em muitos países, as pessoas passam fome, em outros (tais como os da Comunidade Européia e EUA), produzem-se consideráveis quantidades de excedentes alimentares. A exportação destes excedentes a países do Terceiro Mundo, realizadas geralmente a preços de «dumping» ou a título de auxílio alimentar da Comunidade Européia, revelou-se nociva para o intento de assegurar um abastecimento autônomo de alimentos nos países mais pobres do Terceiro Mundo.

Cada país apresenta um quadro bastante específico no tocante à estrutura social e econômica, bem como no que diz respeito às condições de vida da população. É o que se vê, por exemplo, a partir de uma comparação entre os países africanos ao sul do Saara e os chamados países recentemente industrializados da América Latina (Brasil, México) ou do Sudeste Asiático (Coreia do Sul, Taiwan). Enquanto os países africanos, em sua maioria, se constituem de sociedades agrárias, países como a Coreia do Sul, Brasil e México já dispõem de estruturas industriais e sociais altamente desenvolvidas e, respectivamente, de um elevado

número de operários(as) industriais.

Nestes países, por conseguinte, uma vida consoante à dignidade humana já não pode ser julgada unicamente com o critério da superação da pobreza e da fome. Será preciso incluir padrões como o da vigência de direitos fundamentais, entre os quais liberdade de organização sindical, níveis mínimos de qualidade no ambiente de trabalho, proteção à saúde etc., direitos estes já firmados nas convenções da Organização Internacional do Trabalho (IAO/ILO).

10. Em consequência, os conceitos de «desenvolvimento» e «subdesenvolvimento» tornaram-se equívocos e ambivalentes. O de «subdesenvolvimento» perdeu sua univocidade porque os processos de mudança social e econômica na África, Ásia e América Latina tiveram um decurso diferente em cada caso e assim se tornaram praticamente incomparáveis entre si nos países do Terceiro Mundo.

O conceito de «desenvolvimento» também tornou-se ambíguo, pois apenas designa, atualmente, um processo de mudança social ou econômica, sem conferir-lhe um caráter normativo, por exemplo, no sentido do progresso social ou da melhoria nas condições de vida (satisfação das necessidades básicas). O termo tanto pode designar progresso como estagnação ou retrocesso. A característica mais saliente do desenvolvimento social e econômico dos últimos decênios foi, em todos os casos, a do progressivo aprofundamento do abismo entre pobres e ricos — um abismo existente não apenas entre os países do Norte e os do Sul. As injustiças sociais agravaram-se igualmente e antes de tudo dentro

dos próprios países do Terceiro Mundo. A polarização da sociedade não se restringe à esfera econômica, mas abarca também a da política.

Traço comum a todos: o processo de polarização social

Dentro de cada país do Terceiro Mundo teve lugar um considerável processo de diferenciação. No entanto — apesar das acentuadas diferenças existentes entre os mesmos quanto a pré-condições naturais de superfície territorial e dotação de recursos — cada país, bem como no tocante a sistemas políticos, às estratégias, concepções, características e resultados do processo de crescimento e modernização econômica —, todos têm um ponto em comum, embora com diversas conotações: O desenvolvimento sempre se caracteriza atualmente por um processo de polarização social.

11. As sociedades estão divididas em minorias que ganham com o crescimento e em maiorias da população que, além de não terem parte mesmo, ainda têm de arcar com seus custos e ônus. Sob as condições estruturais vigentes, em que também se fletem as relações de poder e dominação, a pobreza revela-se como característica inconfundível do tipo de desenvolvimento acima descrito e de sua ambivalência inerente. Esta asserção válida tanto para a situação social econômica de cada país como para o sistema da economia mundial, e suas extremas desvantagens para os países do Terceiro Mundo. Um exemplo crasso dos desequilíbrios remonta em vários países do Terceiro Mun-

REM ARQUIVO	VISTO	RELATOR
	15911	28.10.92

está na exclusão e na discriminação — praticada, aliás, também em nosso país — de minorias étnicas, culturais e religiosas, bem como de estrangeiros em geral.

Nos últimos anos, tem aumentado continuamente o número dos que vivem na pobreza absoluta e em condições indignas do ser humano, pessoas famintas, subnutridas e desempregadas, sem acesso às chances de formação e atendimento sanitário, expostas aos efeitos da destruição ambiental. Nem mesmo as contribuições de ajuda ao desenvolvimento prestadas por todas as organizações estatais e não-estatais em seu conjunto conseguiram deter este processo de pauperização de vastas camadas da população durante as três décadas de desenvolvimento.

12. As publicações de Gunnar Myrdal, Lord Bauer e outros, sem esquecer o provocante livro de Brigitte Erler intitulado «Tödliche Hilfe» («Ajuda Mortal», Friburgo, 1985), detonaram uma veemente controvérsia sobre o sentido da ajuda ao desenvolvimento como tal e, em etapas posteriores do debate, sobre os diferentes graus de utilidade de que se revestem, sob o prisma do combate à pobreza, a ajuda ao desenvolvimento prestada por instituições estatais e a proporcionada por organizações não-governamentais (ONG). Houve, pelo menos, um consenso quanto ao fato de que, avaliada pelo critério do combate à pobreza, a cooperação para o desenvolvimento oferecida por instituições não-governamentais — entre as quais se encontra o Serviço de Desenvolvimento das Igrejas — se distingue vantajosamente do trabalho desempenhado por organizações estatais de desenvolvimento. Esta observação aplica-se igual

mente para as diretrizes de política do desenvolvimento elaboradas pelo Ministério da Cooperação Econômica de Bonn, que em nossa opinião negligenciam a necessidade de relações de parceria baseadas na igualdade de direitos.

Estudos de organizações internacionais de ajuda ao desenvolvimento — tais como os do Banco Mundial ou da Organização Mundial da Criança das Nações Unidas UNICEF — comprovam um nítido aumento da pobreza. A crescente pauperização é, em parte, uma consequência direta da crise do endividamento ou, respectivamente, da maneira praticada para administrar a dívida e da política de condicionalidades imposta pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Em seu conjunto, a debilidade econômica e a exigua margem de manobra financeira, ainda mais reduzida pela crise do endividamento, são os fatores essenciais responsáveis pela total insuficiência, em muitos países, dos serviços estatais nas áreas da educação e saúde. Mais uma vez constata-se que o desfavorecimento sofrido pelos pobres nas áreas rurais foi mais acentuado do que o observado nas áreas urbanas.

13. Nos países do Terceiro Mundo, a mulher é particularmente afetada por estas desvantagens. Para elas, o desemprego e as más condições de trabalho representam um ônus adicional. As mulheres também têm de arcar, além disso, com a responsabilidade principal pela sobrevivência das famílias e da prole. Por este motivo, sofrem de modo especial com a má situação alimentar. Acrescem ainda os inúmeros infortúnios suportados pelas mulheres por causa de conflitos militares.

E mais. Muitas vezes, as mulheres são tratadas desvantajosamente por

programas de modernização agrícola, ao serem deslocadas de seu lugar tradicional. A indústria dos chamados «países de baixo nível salarial» — que abastece nossos mercados com produtos de baixo preço — emprega sobretudo mulheres jovens em condições de trabalho freqüentemente miseráveis e desprovidas de proteção jurídica suficiente. Elas praticamente não têm acesso aos estabelecimentos de ensino nem, muito menos, à participação em processos de planejamento e decisão.

14. As perspectivas futuras de crianças e jovens nos países com elevadas taxas de aumento populacional também são determinadas, em sua essência, pelas seqüelas da pobreza e da carência social. Uma alimentação insuficiente ou errada inibe o desenvolvimento físico e mental das crianças. O deterioramento das condições de vida acarretou, em alguns países, uma elevada mortalidade infantil. Em muitos países, a oferta educacional é extremamente insuficiente e o acesso à mesma fica muitas vezes restrito à minoria. A experiência de numerosos países mostra, além disso, que a qualificação prestada pelo sistema formal de ensino não corresponde às necessidades e exigências dos jovens. A falta de possibilidades de emprego adequado faz com que eles cresçam sem grandes perspectivas quanto ao futuro.

Destruição do meio ambiente,
causa e efeito da pauperização

15. Reconhece-se hoje, com clareza cada vez maior, o nexos existente entre

pauperização e destruição ambiental. Na maioria dos casos, são as pessoas mais pobres as atingidas pela progressiva desertificação ou as vítimas de enchentes e terremotos. O número de «refugiados ecológicos» está em constante aumento no mundo inteiro. Simultaneamente, porém, os pobres são os que, em sua luta pela sobrevivência têm menos condições para levar em conta a proteção ambiental, por exemplo, ao buscarem lenha para preparar a comida.

16. Freqüentemente existe uma correlação direta entre a carência sócio-econômica e a repressão política. «Estruturas injustas baseiam-se, com freqüência, na distribuição injusta do poder. Por conseguinte, a respectiva reformulação das relações de dominação pode ser o pressuposto para maior justiça» (Memorandum da Igreja Evangélica da Alemanha, 1973, número 29, pág. 27).

Uma causa essencial do empobrecimento e da fome no Terceiro Mundo reside na falta de participação no poder político e na falta de direitos por parte das pessoas. Isto evidencia-se, por exemplo, no fato de que os pobres não gozam da proteção do Estado em situações de conflitos com latifundiários, comerciantes ou grupos econômicos (transnacionais) que, estes vivem seus interesses representados pelo Estado. Não é por acaso que, em países de maciças violações dos direitos humanos, também reinam a pobreza e a carência social, além de uma distribuição extremamente desigual de renda e da propriedade, particularmente fundiária.

REM ARQUIVO	15911-28.10.92	VISTO RECLB RELATOR
----------------	----------------	---------------------------

O poder prevalece sobre os direitos humanos

É por isso que os pobres devem organizar-se, tendo em vista tanto a defesa de seus interesses e a reclamação de seus direitos, como a autoproteção contra as investidas e a violência das instituições estatais. Só unidos na comunidade de um grupo de pessoas com iguais interesses é que os pobres terão a correspondente capacidade de negociação e competência conflitiva.

17. Apoiada na força militar e policial, a dominação ditatorial visa, sem considerações de qualquer outra ordem, a assegurar e ampliar, em benefício de pequenos grupos de poder, a distribuição desigual da propriedade e as estruturas econômicas vigentes. Simultaneamente, amplas camadas da população vão empobrecendo cada vez mais. A injustiça social e uma distribuição escandalosamente desigual do poder econômico e da renda ficam preservadas com auxílio da violência estatal. Os que, ao contrário, lutam em defesa de seus legítimos direitos são submetidos à opressão política e à ameaça de violência por parte do regime. Em muitos países, parceiros de PÃO PARA O MUNDO têm sido testemunhas e freqüentemente até vítimas de prisão arbitrária, tortura e atentados à vida.

18. Os habitantes dos países industrializados devem ter sempre em mente o fato de que os bens de consumo com preços tão baixos para nós, não raro, são produzidos nos países de baixo nível salarial com o auxílio de métodos policialescos do Estado e sob

condições de trabalho indignas do ser humano. Um exemplo pode ser visto na Coréia do Sul, onde atualmente ainda são totalmente desrespeitados os padrões internacionalmente reconhecidos de proteção do trabalho e os direitos sindicais dos trabalhadores. Neste país, conflitos trabalhistas são encerrados, em numerosos casos e particularmente nas filiais de empresas transnacionais, mediante a intervenção violenta da polícia. Nestas ocasiões, muitos operários e operárias são feridos e alguns são mortos. Numerosos sindicalistas integram o rol de presos políticos do país.

Em tais países não são respeitados os direitos fundamentais de liberdade da população. Praticamente inexistem imprensa ou justiça independentes. Em alguns países, grupos de Igreja que denunciam estas irregularidades são classificados como «subversivos» e, conseqüentemente, perseguidos.

Violações de direitos humanos são «justificadas», por exemplo, com a afirmação de que a segurança nacional está sendo ameaçada por forças subversivas. Foi o que sucedeu, muitas vezes, com grupos de ação social fundados por pobres para pobres e também com grupos de Igreja.

Por exemplo, em conflitos relativos a direitos sobre a terra entre pequenos agricultores, arrendatários e latifundiários, os pobres geralmente não recebem apoio para seus interesses e posições de direito por parte das autoridades públicas e dos governos. Ao contrário, vêem-se confrontados com uma poderosa aliança de interesses entre o Estado e empresas econômicas nacionais e internacionais. Muitas vezes, os interesses dos poderosos são

impostos mediante o uso da violência, mesmo contrariando os postulados do direito vigente. Os membros de minorias étnicas são particularmente desprotegidos, pois geralmente não possuem títulos registrados de propriedade da terra, cultivando sua área apenas com base em direitos tradicionais de propriedade e posse.

De um modo geral, constata-se um empobrecimento das comunidades (no Brasil) e um gigantesco movimento migratório que, além de impossibilitar um trabalho constante e construtivo, também leva à alienação eclesial de muitos membros da Igreja. Responsável por tudo isso é uma política que privilegia o latifúndio e a mecanização da agricultura, ao invés de favorecer o pequeno agricultor e sua economia de subsistência. O processo de concentração da propriedade na mão de um número cada vez menor de proprietários acentuou-se nos últimos anos. (...) O número dos assim chamados agricultores sem terra já se eleva a milhões de pessoas que, em parte, se reúnem em acampamentos e representam um problema social de primeira grandeza» (Gottfried Brakemeier, Entwicklungsdienst als Herausforderung und Chance aus der Sicht der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses/IECLB - «O Serviço de Desenvolvimento como Desafio e Chance na Perspectiva da Igreja Evangélica de Confissão Luterana, apud: DÜ-Texte 37, p. 55).

19. Aqui expostos como causas essenciais da pobreza e da pauperização, os fatores internos referentes a estruturas sociais injustas e a sistemas políticos opressores não estão isolados, mas devem ser vistos inseparavelmente no contexto das estruturas da econo-

mia mundial. E não se trata apenas de uma hipoteca histórica herdada do colonialismo. Ante a profunda crise econômica mundial na atualidade e perante o crescente endividamento das nações, os fatores externos tornaram-se hoje decisivos para a evolução social econômica nos países do Terceiro Mundo. São eles que determinam e delimitam a margem de manobra de «países em desenvolvimento», dado elevado grau de dependência internacional de suas economias em relação à evolução do mercado mundial e particularmente quanto à política comercial e monetária dos países industrializados.

Esta afirmação aplica-se não só aos países produtores exclusivamente de bens primários, mas também aos países recentemente industrializados. Além da queda brusca sofrida pelos preços das matérias-primas nos mercados internacionais e além do consqüente deterioramento dos «terms of trade», os países do Terceiro Mundo ainda têm de enfrentar um maciço protecionismo, apto a cercar consideravelmente suas possibilidades de exportação para os países industrializados. Mais particularmente no mercado agrário, eles ainda sofrem, em contrapartida, a concorrência das exportações subsidiadas pelo Estado e reazadas a preços de «dumping» pela Comunidade Econômica Européia (CEE) e EUA.

Vítimas do endividamento:
Os pobres da cidade e do campo

O atual dilema do desenvolvimento nos países pobres está na seguinte co-

RECEBIDO
15911-28-10-92
VISTO
IECLB
RELATOR

nos países em desenvolvimento aumentou dramaticamente; por outro, foram claramente reduzidas suas possibilidades de exportações, apesar de constituírem-se numa condição essencial para o reembolso da dívida em divisas. O fato é que, nesse interim, o fluxo líquido de recursos está ocorrendo no sentido Sul-Norte, um fenômeno que afeta de modo particularmente fatal os países da África.

20. A experiência dos anos passados mostrou que a política econômica e de desenvolvimento dos governos no Terceiro Mundo — geralmente pautada unilateralmente pelo crescimento econômico, industrialização e implementação de programas para a modernização da agricultura — teve muitas vezes consideráveis efeitos sociais negativos. Se, por um lado, as classes médias urbanas e os agricultores proprietários de terras são os que saíram ganhando com a política oficial, os perdedores foram os pobres da cidade e do campo. Estes é que tiveram de suportar as conseqüências nefastas e, conseqüentemente, de arcar com os custos sociais nos casos em que:

- as medidas de política econômica para o ajustamento estrutural, requeridas em virtude do alto grau de endividamento externo, consistem em cortar despesas sociais do Estado na área da educação e saúde e em eliminar subsídios alimentares que anteriormente revertiam em benefício dos pobres;
- nos casos em que a baixa nos preços das matérias-primas (por exemplo, chá, café, açúcar ou estanho), o deterioramento dos «terms of trade» e as depreciações cambiais reduzem o

trabalhadores rurais ou mineiros (por exemplo, nas minas de estanho da Bolívia);

- nos casos em que os governos negligenciam o setor agrário em favor do setor urbano-industrial ou quando o discriminam diretamente investindo os recursos estatais de desenvolvimento não na agricultura, mas sim na indústria e simultaneamente deixando de remunerar os agricultores com preços compensadores por seus produtos, no intuito de manter em baixo nível o custo de vida para os habitantes da cidade;
- nos casos em que agricultoras africanas perdem sua autonomia em decorrência de programas de modernização, vendo dificultada sua tarefa de abastecer a família com alimentos e, portanto, de assegurar a sobrevivência da mesma;
- quando se constrói uma represa destinada a abastecer de eletricidade a indústria do país, deslocando-se previamente, com este intuito, centenas de famílias de agricultores sem dar-lhes uma indenização suficiente;
- quando a floresta pluvial tropical é derrubada por firmas nacionais ou também estrangeiras em vista da exportação de madeiras de lei tropicais, ao mesmo tempo em que se aniquila o espaço vital da população que lá vive (índios, minorias étnicas), provocando o desenraizamento das pessoas de suas respectivas comunidades e roubando-lhes a identidade cultural;
- nos casos em que danos ambientais (erosão do solo, salinização, desma-

tamento etc.) arrasam sistematicamente as bases de sobrevivência de muitas pessoas, tomando-as refugiados e apátridas em seu próprio país;

- nos casos em que favelados são obrigados a ceder lugar às patrulas empregadas no saneamento ou na construção de novas casas para pessoas da classe média e cujos aluguéis são inacessíveis para a classe baixa;
- quando esgotos industriais e agentes químicos envenenam as águas, impedindo seu aproveitamento como água potável e impossibilitando a pesca como meio de ganhar a vida e alimentar-se;
- nos casos em que, com auxílio do Estado, conglomerados transnacionais se apropriam da terra de agricultores que só dispõem de direitos tradicionais de posse mas não, de títulos registrados de propriedade;

— quando arrendatários são expulsos por latifundiários, sendo obrigados a ganhar sua vida como agricultores sem terra;

— quando a ingestão e a aplicação de produtos da indústria química, tais como certos medicamentos e pesticidas, geralmente importados do exterior, acarretam graves danos à saúde;

— nos casos em que o turismo é aliado à exploração e degradação da mulher como objeto sexual que, por sua vez, não tem outra chance de escapar da pobreza em sua sociedade.

Os exemplos acima citados foram extraídos de um grande número de áreas-problemas e conflitos em que com seus projetos e programas, os parceiros de PAO PARA O MUNDO estão empenhados na luta pelos direitos dos pobres.

Parte II: Nossa corresponsabilidade ante a pobreza e a injustiça social

21. Nossa análise da situação reflete a visão sóbria de cristãos. A Bíblia revela Deus como o Criador do mundo. Ele convida todos os homens a assumirem como administradores, na terra por Ele criada, a responsabilidade pela Criação.

Só em Jesus Cristo nos foi tirado realmente o ônus da culpa, pois ele sofreu em nosso lugar e morreu por nós.

Ele conclama todos os homens a entrarem numa nova comunidade com Deus e com o próximo. O Espírito Santo presenteia a Igreja com a experiência da presença real de Cristo. Da comunhão da Santa Ceia e do Batismo surgem a gratidão e a alegria que suscitam o amor e desdobram sua eficácia no mundo externo. É assim que somos introduzidos no serviço de Cristo, voltado à superação da necessidade física e espiritual de todos os homens.

RECEBIDO	RELATOR
15911	28.10.92
REM	ARQUIVO

por Cristo, torna-se possível modificar em profundidade a situação deste mundo. No âmbito deste serviço integral da Igreja, PÃO PARA O MUNDO assumiu a tarefa especial de dar subsídios destinados a garantir as condições externas da vida. O chamado de Deus nos incita a uma vida de partilha mútua. Ele se dirige a todos os homens, mesmo aos que não crêem em Cristo (Gálatas 6,9). Daí resulta um estilo novo de vida, oposto a uma vida egoísta em meio à opulência material e a estruturas desumanizantes. É esta a atuação de Deus também nos dias atuais. Ele está em ação em todas as áreas de nossa vida, na vida de cada um e na responsabilidade pela Criação.

Entretanto, os homens não são capazes de instaurar, deste modo, o Reino de Deus. Na fé em Cristo e em sua ressurreição, os cristãos esperam pela vitória final dele sobre as forças da destruição e do mal. Desta fé brotam a esperança, a coragem e a força para prestar serviço a nível mundial com brio e humildade na obediência ao Criador. Isso ocorre na expectativa do cumprimento de sua «promessa de um novo Céu e de uma nova Terra, em que não haverá mais injustiça, pois a vontade de Deus estará reinando. É por este novo mundo que esperamos» (2 Pedro 3,13).

22. A determinação e avaliação das causas da pobreza e subdesenvolvimento sempre têm sido pontos controversos tanto ao nível científico da teoria do desenvolvimento como ao nível do debate político. O principal aspecto da discussão é a divergência de avaliação dos fatores internos e dos fatores externos, ou seja relacionados à economia mundial, quanto ao seu respectivo

e subdesenvolvimento nos países do Terceiro Mundo.

Na fase inicial da ajuda ao desenvolvimento, predominou nos países industrializados a posição de que os povos africanos, asiáticos e latino-americanos eram atrasados e não «desenvolvidos». O padrão de avaliação adotado prendia-se ao modelo das sociedades industrializadas do Norte. Por conseguinte, o objetivo do desenvolvimento consistia na modernização, aviada pela transferência de técnica e capital para aqueles países por empresas privadas ou por instituições estatais de ajuda ao desenvolvimento. Presumia-se erroneamente que o crescimento e a modernização iriam atingindo progressivamente também a massa da população pobre. Mas já em 1973 o então presidente do Banco Mundial, Robert Mac-Namara, teve de admitir o fracasso desta estratégia unilateral de desenvolvimento. A conclusão que tirou na época foi a seguinte: Só se pode combater a pobreza se o crescimento econômico e a distribuição forem realizados simultaneamente.

Graves dúvidas foram formuladas já em meados da década de 60 por cientistas sociais latino-americanos tanto no que diz respeito à estratégia da modernização como no atinente ao caráter unilateral da subjacente análise das causas, que pretendia ater-se unicamente a fatores internos. Foi com um certo atraso que a teoria da dependência, por eles formulada, encontrou acesso, no início da década de 70, à nossa discussão relativa à teoria do desenvolvimento.

Estratégias fracassadas de desenvolvimento

Destas pesquisas concluiu-se que, a par das causas sociais, econômicas e políticas internas de cada país do Terceiro Mundo, a dependência econômica externa também constitui uma das causas decisivas da pobreza destes países. Ao mesmo tempo considera-se o subdesenvolvimento como um problema estrutural, impossível de ser superado unicamente por processos dinâmicos de crescimento. Sob o aspecto da teoria do desenvolvimento, é este o fundamento em que também se baseia a crítica tanto à produção orientada demasiado unilateralmente para a exportação, principalmente agrícola, dos países do Terceiro Mundo como a algumas atividades questionáveis de conglomerados transnacionais nestes países.

Seria, portanto, indispensável reduzir nos países do Terceiro Mundo as dependências econômicas externas e reforçar a confiança nas suas próprias forças. A concepção de política do desenvolvimento consistiria, conseqüentemente, na tentativa de um desenvolvimento baseado nas próprias forças, em contraposição à total dependência ao mercado mundial vigente até agora. É neste contexto que se enquadra, igualmente, a reivindicação levantada pelos países do Terceiro Mundo nas organizações das Nações Unidas em prol da instauração de uma Nova Ordem Econômica Internacional (NOEI). No entanto, vários pressupostos essenciais da teoria da dependência foram submetidos a críticas de peso considerável, baseadas tanto no processo de

fato de que os «êxitos de desenvolvimento» dos países recentemente industrializados do Sudeste Asiático foram obtidos, justamente, graças à intensificação da produção voltada à exportação. Eis por que, na falta de concepções explicativas coerentes, a discussão sobre a teoria do desenvolvimento se caracteriza atualmente pela insegurança; as posições outrora inconciliavelmente contrárias parecem tomar uma direção convergente; o debate contemporâneo está sendo conduzido em termos mais objetivos e diferenciados do que anteriormente.

23. Neste contexto, as contribuições das mulheres representam um fator novo e que vem ganhando peso. Delas — e particularmente das que vivem nos países do Terceiro Mundo — provém a reivindicação de que o desenvolvimento passe a orientar-se por novos objetivos; segundo elas, não basta intensificar a promoção das mulheres no âmbito dos atuais processos de desenvolvimento e modernização. As condições de vida de grupos e sociedades tomados cada qual por si constituem o ponto central de sua resistência a concepções e estratégias vigentes e representam o cerne dos princípios de suas novas concepções de desenvolvimento. Neste contexto, o respeito pelo trabalho apto a sustentar a vida, a autodeterminação, a coexistência pacífica e em igualdade de direitos entre os sexos e os grupos populacionais são os elementos essenciais que, se conseqüentemente observados, poderão modificar em sentido positivo, na opinião das autoras referidas, a situação da mulher em todas as áreas.

24. A catástrofe da fome na África e a crise mundial do endividamento são

MEM. /
ARQUIVO /
15911 28.10.92

VISTO /
IEOLB /
RELATOR

provas claras de que não se pode considerar um único fator como causa exclusiva da pobreza e da carência social. As causas são internas e externas a cada país. Entre elas se encontram tanto a referida queda nos preços das matérias-primas como os erros de política econômica e agrícola dos países africanos. Neste caso, fracassou igualmente a elite política da África. Mas de nada adianta uma atribuição unilateral de culpa, pois deste modo se evita facilmente a admissão de uma parte própria de culpa, relegando a solução dos problemas, em última instância, exclusivamente para as próprias vítimas. Em todos os casos, a política de comércio exterior dos países ricos do Norte também tem de ser posta na alça da mira.

Além disso, as concepções de desenvolvimento devem levar em conta a necessidade de encontrar, em cada país, uma resposta diferente para o problema da pobreza no Terceiro Mundo; pois em cada país é necessário dar uma avaliação diferente das condições do setor interno e externo da economia, bem como das condições sociais e políticas. Em todo caso, os países ricos têm de levar em consideração a capacidade inferior de autoafirmação dos países pobres.

Da parte na culpa à corresponsabilidade

25. Vista sob o prisma da política de desenvolvimento, a experiência de muitos anos de PÃO PARA O MUNDO levou ao reconhecimento de um nexo causal entre a riqueza dos países industrializados do Norte e a pobreza da população do Sul. Nisso está implícita, para os cristãos, a admissão de uma parte de culpa. Esta posição leva diretamente a assumir uma corresponsabilidade voltada à defesa dos fracos.

PÃO PARA O MUNDO vê um interrelacionamento entre, por um lado, a conduta dos países industrializados com seus próprios interesses políticos e econômicos e, por outro, um trabalho bem-sucedido de desenvolvimento capaz de superar paulatinamente a fome e a pobreza nos países do Terceiro Mundo. Neste contexto, os cristãos têm que assumir, cada qual em seu lugar, uma responsabilidade correspondente. Esta deverá manifestar-se tanto em afirmações claras sobre estruturas prejudiciais como em advertências contra o egoísmo econômico. Em sua experiência de muitos anos, PÃO PARA O MUNDO tem constantemente trazido a público esta mensagem.

Parte III: A campanha PÃO PARA O MUNDO como incumbência de Cristo

26. O nome da campanha «PÃO PARA O MUNDO» penetrou na consciência de nossa população no curso destes trinta anos. Emprega-se este nome numa acepção ora apelativa, ora crítica e por vezes mesmo satírica. Ao que se vê, ele veicula uma afirmação reconhecida como importante e provocante, mesmo em meio à multiplicidade de mensagens que nos assediam diariamente através dos meios de comunicação social e da publicidade. Este fato constitui-se numa chance, com a qual é preciso lidar com cuidado e eficiência.

Muitas pessoas de todos os continentes têm comunicado a colaboradores e colaboradoras de PÃO PARA O MUNDO, nos últimos anos, as experiências espirituais e políticas que colheram como parceiros na luta por pão e justiça para os pobres. Em nosso país, graças ao trabalho de PÃO PARA O MUNDO, numerosos colaboradores voluntários ou contratados puderam aprofundar sua compreensão relativa à situação vital caracterizada pela pobreza das massas, opressão e exploração. Em sua marcha, eles próprios viveram processos de desenvolvimento e mudança pessoal que, para eles, também tiveram um significado espiritual.

Como cristãos, temos o direito de esperar que, por este caminho, consigamos ver com maior clareza, posicionar-nos com maior firmeza e testemunhar com menor ambigüidade o que devemos fazer, em favor de quem temos de intervir e para o que

nos desafia o seguimento daquele que se doa a si mesmo como Pão da Vida para seus amigos e para todo o mundo.

27. O número das pessoas afetadas pela fome e suas seqüelas elevou-se assustadoramente nos últimos trinta anos. Eis por que muitos dos que receberam a ajuda de PÃO PARA O MUNDO se interrogam sobre o sentido da ajuda prestada para a autoajuda. Muitas vezes, o que mais presenciavam são as conseqüências da ação de forças destruidoras, apesar do esforço mundial de países e organizações em prol da justiça, paz e preservação da Criação divina.

PÃO PARA O MUNDO sente-se tocada com estas colocações, mas não desanima ante estes fatos. Ela sabe que nem todas as organizações e iniciativas cristãs, juntas, poderão salvar a Criação divina dos perigos que a ameaçam. Em última instância, o mundo permanece nas mãos de Deus. «Seja feita sua vontade assim na terra como no céu» — faz parte da oração dos cristãos. Ao trazer-nos seu Reino, Jesus Cristo fez ao nosso mundo o anúncio simultâneo da salvação e do juízo (cf. Mateus 6,33 e 7, 21 s).

Uma nova comunidade no mundo...

Porque acreditamos que o mundo todo está nas mãos de Deus. PÃO

MEM. ARQUIVO	15911	28.10.92	IECLB
VISTO			RELATOR

PARA O MUNDO vê, como tarefa a desempenhar no mundo que sofre sob o pecado, a de apontar para a crassa desproporção existente entre as possibilidades materiais de ajuda, por um lado, e as forças destruidoras mantidas em ação pela política e pela economia mundial, por outro.

Tudo o que os cristãos fazem juntos tem por referência a mensagem de Jesus sobre a irrupção de seu Reino, em que se fundamenta uma nova comunidade no mundo. Em seu Reino, a defesa que ele assume para com os pobres e os que vivem na miséria não se refere apenas ao espírito, mas também ao corpo.

Como Senhor do mundo, morto e ressuscitado por nós, Cristo envia ao seu mundo todos os que com Ele e nele vivem, para agirem como mensageiros de seu amor e justiça. Ele próprio realiza, neles, o ato de «servir na nova realidade do Espírito» (Romanos, 7,6), dando-lhes o discernimento, a força, a paciência e a perseverança necessários para tais boas obras (cf. Colossenses, 11,10-14).

28. O reino incoativo de Cristo ainda sofre resistências e falta muito para que sua ordem de amor e justiça seja vazada em termos de direito constituído, tanto entre os povos como nas relações individuais e nas estabelecidas entre grupos de poder e interesses. O fato de que o domínio amoroso de Deus no mundo é freqüentemente oprimido por governos não tem suas causas apenas na subserviência a ideologias e à ganância humana. No fundo, elas são uma expressão do distanciamento do homem em relação a Deus, uma expressão de seu pecado e culpa.

Testemunhar o amor e a justiça de Deus

Quem vivencia o perdão de sua culpa através de Cristo, sente-se comprometido a lutar, juntamente com outras pessoas de boa vontade, pela melhoria das condições sociais e da sociedade em seu meio e a nível mundial, de modo a corresponder às expectativas de Deus a seu respeito.

Fracassaram todas as tentativas empreendidas com os recursos do poder secular, no decorrer da história, para impor politicamente o Reino de Deus vindo através de Jesus. Nem é este o caminho de Jesus. Cristo envia seus fiéis a todo o mundo para que anunciem o Reino de Deus. E todo trabalho desenvolvido por PÃO PARA O MUNDO e por seus parceiros pretende concretizar este serviço de mensageiro, testemunhando o amor e a justiça reinantes no Reino de Deus em benefício de todos. Eis por que, pela campanha PÃO PARA O MUNDO, os cristãos são convocados a contribuir com oração e amor, amizade, vigilância, verdade e disposição para o sacrifício. Em meio a toda a aparente desproteção e vulnerabilidade, eles sabem-se conduzidos, acompanhados e protegidos pelo Espírito de Cristo. Ele nos ajuda nesta tarefa, pois sem Ele nada podemos fazer (João 15,5).

29. Quando, no mundo que a Ele pertence, os homens são vítimas de opressão, Cristo não tolera o silêncio, a neutralidade de quem espera para ver como fica e nem, muito menos, a inoperância de cristãos e Igrejas. Ele sofre com os explorados. Somos, portanto,

conclamados a uma «diaconia da reconciliação» (2 Coríntios 5,17-21) que tem a justiça de Deus como objetivo e que transmite o amor de Deus através da pregação e do auxílio prático.

O espectro destas tarefas inclui a solicitude pelas necessidades básicas vitais, tais como a comida, bebida, vestuário, e isto para todos os homens e em particular para os que não contam com ninguém a defender-lhes os direitos. O plano de Deus continua sendo o de que todos os homens vivam de sua mão aberta (cf. Salmo 145,15-16). Ele quer que sua justiça se reflita também nos regimes pautados pelo exercício justo do poder político. Os cristãos devem colaborar, neste contexto, como indica a 2ª epístola a Timóteo (2,12): «Se perseverarmos, com ele reinaremos».

Na prática, isto significa, entre outras coisas, que os abastados dos países ricos do Norte são chamados a doarem parte de seu patrimônio. O duplo preceito do amor a Deus e ao próximo tem validade irrestrita. Os que gozam de influência econômica ou política nos países ricos — e igualmente nos países pobres — são conclamados pelo Evangelho a pautar suas ações e atitudes, no íntimo de sua consciência, pela medida em que efetivamente reverterem em benefício dos que vivem na miséria.

30. Todos os esforços empreendidos na superação da fome e pobreza no Terceiro Mundo devem estar voltados à justiça social e econômica, bem como à corresponsabilidade política de todos. Uma vida em condições dignas do ser humano exige a observância abrangente dos direitos humanos em todos os países. Onde estes são desres-

peitados e persistentemente violados, onde as condições concretas de vida são caracterizadas pela injustiça política e social, ali reinam a fome, a pobreza e a carência social; ali existe um profundo abismo entre as camadas ricas e as camadas pobres da população.

Crerios de pobreza

Quem são os pobres? Por compreender o combate à pobreza no Terceiro Mundo como parte do empenho mais abrangente pela justiça, paz e preservação da Criação, a Diaconia Ecumênica não deve definir dentro de limites muito estreitos o público-meta constituído pelos pobres. Pobres são os sem-nome e os sem-importância, ignorados por muitos. Eles não têm como satisfazer suas necessidades básicas materiais, espirituais, culturais e religiosas, necessárias para uma vida conforme à dignidade humana. Eis, por que toda ajuda voltada à satisfação das necessidades básicas — tais como nutrição, saúde, habitação, educação, vestuário, trabalho assalariado, comunicação e liberdade de religião — também deverá considerar se o condicionamento social permite uma vida conforme à dignidade e à autodeterminação. Uma atividade de sobrevivência que, mesmo com um baixo nível econômico, não impede as pessoas de moldarem suas características constitui freqüentemente um terreno propício para esforços conjuntos em prol da melhoria de sua situação de vida. Estas pessoas devem ser apoiadas. Por isso, a superação da pobreza não se deve pautar por critérios inspirados no bem-estar do Ocidente.

BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFRGS

ITEM ARQUIVO
VISTO
15911 28.10.92
RELATOR

PÃO PARA O MUNDO dirige suas atenções para os pobres que passam fome e vivem em condições de injustiça, procurando dar-lhes uma ajuda abrangente. PÃO PARA O MUNDO tem por incumbência esclarecer o Norte rico, sem ambigüidades, sobre as conseqüências de suas ações e omissões em relação ao Terceiro Mundo, explicitando se pratica ou não a justiça exigida por Deus no relacionamento com os pobres. Na medida em que há um envolvimento dos direitos humanos, PÃO PARA O MUNDO deverá inculcar sua observância e acompanhar com seu apoio os grupos empenhados no respeito dos mesmos. O conceito de direitos humanos é aqui empregado no sentido desenvolvido nos últimos decênios pela comunidade internacional dos povos representados nas Nações Unidas e por elas codificado em diversas convênções. Longe de restringir-se a um mero direito de defesa, ele hoje tem o caráter de um objetivo abrangente, que inclui tanto os direitos sociais e econômicos como os políticos. Por esta interpretação, a violação dos direitos humanos não ocorre unicamente a nível de Estado, mas também, por exemplo, ao nível de estruturas injustas do sistema da economia mundial em vigor.

Parte IV: Conclusões para a Diaconia Ecumênica

32. Já há trinta anos a campanha PÃO PARA O MUNDO vem prestando auxílio em casos de catástrofe, bem como para a superação da fome, pobreza e penúria social em todo o mundo. Este trabalho é feito em coo-

peração com numerosas organizações parceiras de além-mar, que há já muito tempo desenvolveram, por própria conta, programas e projetos adequados às necessidades das respectivas camadas populacionais pobres e desva-
para indivíduos isolados, que passam necessidades nem se limita a praticar obras de misericórdia em situações de necessidade aguda a serem atenuadas ou remediadas. O amor cristão preocupa-se em eliminar as causas da carência e das injustiças, deixando-se acionar neste sentido pela vontade de Deus voltada a paz e à justiça. Deste modo, com seus conselhos e obras, o agir do cristão também tem desdobramentos políticos. A satisfação das necessidades básicas, a defesa do espaço vital contra uma destruição ameaçadora da própria sobrevivência e a proteção dos direitos sociais e políticos — tais como a garantia dos direitos sobre a posse da terra ou a formação de grupos organizados para a realização de interesses comuns, a de organizações de mulheres ou grupos de direitos humanos, grupos conservacionistas ou iniciativas sindicais — fazem parte do rol de direitos humanos a serem protegidos tanto no Terceiro Mundo como em qualquer outra parte do mundo. O respeito a estes direitos deveria constituir-se, portanto, em importante critério para o engajamento da Diaconia Ecumênica a favor de seus parceiros no além-mar.

peração com numerosas organizações parceiras de além-mar, que há já muito tempo desenvolveram, por própria conta, programas e projetos adequados às necessidades das respectivas camadas populacionais pobres e desva-

uas. Por este motivo, PÃO PARA O MUNDO fortalece simultaneamente com seu auxílio as Igrejas, suas parceiras, para que desta forma possam desincumbir-se melhor de sua tarefa ecumênica.

Os objetivos, conteúdos, concepções e formas organizacionais destes programas e projetos foram-se desenvolvendo progressivamente no correr dos anos. Comparando-se os diversos continentes, notam-se claramente entre os mesmos diferenças que tornam impossível uma concepção única para todos. As situações problemáticas e de crise surgem de acordo com a respectiva evolução econômica, social e política, exigindo conseqüentemente princípios apropriados de solução.

33. Em princípio, deve-se ter por assente que, além do fortalecimento de um trabalho adequado ao nível de projetos no âmbito da ajuda em casos de catástrofes e na área da ajuda à autoajuda, deverá dedicar-se maior atenção, futuramente, às seguintes áreas e conjuntos de problemas:

- Direitos humanos: ou seja, a proteção dos direitos sociais, econômicos, culturais, religiosos e políticos;
- a participação dos pobres nos processos sociais, na elaboração e planejamento de programas e projetos, bem como nas decisões políticas;
- o ônus especial a que são submetidas as mulheres e o grau, ao todo, insuficiente de defesa de seus próprios objetivos e interesses;
- a proteção do meio-ambiente e dos fundamentos naturais da vida.

34. O empenho pela justiça e respeito aos direitos humanos exige das organizações da Diaconia Ecumênica — em estreita colaboração com a Associação dos Serviços das Igrejas Evangélicas para o Desenvolvimento (ASIED) — uma intensificação do engajamento junto às próprias Igrejas e à própria sociedade em prol de uma ordem econômica internacional mais justa. Este engajamento implica um maior esforço para:

- o aprendizado ecumênico enquanto conscientização e educação para o desenvolvimento («development education») e
- para a assumida de responsabilidade pública («advocacy»).

Revigoreamento da força dos pobres

35. Difundiu-se, nos últimos anos, a visão de que o «aprendizado ecumênico» tem muito maior importância do que se presumia até o momento. Reconheceu-se que as pessoas visadas pela ajuda não podem continuar sendo meros objetos de solicitude, mas sim que deverão tornar-se sujeitos de seu próprio agir. Por este motivo, embora respeitando as consideráveis diferenças regionais, os programas de formação e aperfeiçoamento no Terceiro Mundo deverão orientar-se, mais do que até agora, para o «revigoreamento da força dos pobres».

Nem por isso se atribuirá unilateralmente, às próprias vítimas de injustiças, a responsabilidade por mudanças

TEM	15911	28.10.92
ARQUIVO		
VISTO	15911	28.10.92
RECLB		
RELATOR		

no Norte rico, tirar conclusões tanto da constatação da própria parte de culpa no surgimento da pobreza como das indicações sobre os caminhos que conduzem a uma maior justiça e a melhores chances de sobrevivência no Terceiro Mundo. Neste sentido se deverá questionar as decisões políticas e econômicas do próprio país quanto às suas eventuais conseqüências — porventura indesejadas — para o empobrecimento nos países no Sul. Futuramente, PÃO PARA O MUNDO continuará alertando seus benfeitores e a população alemã em geral sobre o contexto destes efeitos.

Advogado para os pobres e oprimidos

36. «Quando um membro sofre, todos sofrem junto» (1 Coríntios 12.26), diz o Apóstolo. Para a campanha PÃO PARA O MUNDO, isto também significa interceder com preces, expor as necessidades dos parceiros e intervir em favor dos mesmos.

Deste modo, a campanha PÃO PARA O MUNDO assume com intensidade crescente, no país, o papel de advogado e porta-voz de seus parceiros de além-mar. Temos por tarefa tornar compreensíveis, para nossas Igrejas e para a opinião pública em geral, as expectativas justificadas e as reivindicações dos pobres e oprimidos. Temos de intensificar a oferta de nossos serviços quando se trata de desenvolver concepções voltadas ao respeito da dignidade humana e dos direitos humanos no Terceiro Mundo e

concepções orientadas para a instalação de estruturas mais justas. Queremos estar entre os que ajudam a melhorar as condições para o combate à pobreza.

Nossa responsabilidade pública não poderia omitir-se perante processos que, partindo de nossa própria sociedade, freqüentemente têm desdobramentos nefastos para o Terceiro Mundo. São dignos de menção, em primeiro lugar: as exportações de material bélico, a política agrária da Comunidade Econômica Européia, as estruturas do comércio internacional, os esforços ainda insuficientes para prestar contribuições positivas para a superação da crise do endividamento e, não menos importante, o racismo existente em muitos lugares, bem como o apoio direto ou indireto recebido daqui pelo regime do «apartheid» na África do Sul.

37. A Comissão da Diaconia Ecu-
mênica, juntamente com o quadro de pessoal da campanha PÃO PARA O MUNDO junto à Secretaria Geral da Obra de Diaconia da IEA, considera as colocações apresentadas como um elemento central de seu mandato em favor dos pobres no mundo. Neste sentido, está consciente de seu dever perante os benfeitores, as Igrejas evangélicas e o público em geral, de contribuir com suas decisões para que se faça «justiça para os pobres».

Publiert von Diakonisches Werk der EKD e.V. im nome
de PÃO PARA O MUNDO, P.O. Box 10
D-7100 Stuttgart 10, República Federal da Alemanha

Tradução: Gilberto Callegari

Impresso em papel reciclado

Impresso na Alemanha Ocidental/Printed in
West Germany (2/1990)

06/Schwab-Druckerei

ARQUIVO
15911 28.10.9

SECRETARIA DE MISSÃO - DEPARTAMENTO DE DIACONIA - SERVIÇO DE PROJETOS

DIRETRIZES PARA PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO

IECLB	
VISTO	RÉLATOR
15911 28.10.92	
REM.	/ /
ARQUIVO	

Preâmbulo

O amor de Deus foi até as últimas conseqüências para nossa salvação. Por isso estamos liberados para assumir a cruz de Cristo, presente em todos os pequeninos irmãos (Mt. 25) na firme esperança por novos céus e nova terra (Ap. 21).

Somos justificados por graça e fé. Salvação, libertação, graça e fé têm por conseqüência o serviço ao próximo, preferencialmente empobrecido e necessitado.

Deus nos promete a realização de seu reino. Com sua graça e a fé nos libera para cooperarmos na realização de uma nova sociedade, de um mundo novo. Isto acontece através da colocação de sinais de seu reino entre nós (2 Pd. 3.13).

Conforme testemunho bíblico, Deus tem um grande projeto com o mundo. Identificamos-nos com a visão que Isaías teve desse grande projeto de Deus, quando, no cap. 65, fala de uma realidade: "... nunca mais se ouvirá nela nem voz de choro nem de clamor. Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus. ... Eles edificarão casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam. ... Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade, porque são posteridade bendita do Senhor, e os seus filhos estarão com eles..."

É uma esperança que Deus nos autoriza a ter, através da fé, que nos transforma e impede para cooperarmos, em parceria e sob sua vontade, na construção desse mundo, mediante o empenho pela justiça, pela paz e pela integridade da criação de Deus, bem como a utilização dos recursos e das potencialidades que nos conferiu.

Sabemos que Deus nos mostra caminhos, que vamos descobrindo à medida que caminhamos na direção da efetivação do compromisso que nos advém da fé.

Nem sempre concordamos uns com os outros na interpretação das indicações que Deus nos dá de seus caminhos, pois não temos a visão plena do reino. Conforme o Evangelho, é incontornável para nós, cristãos, o compromisso de não nos conformarmos com as estruturas que nos alienam de nosso próximo e que oprimem os pequeninos, os fracos, a maioria marginalizada.

Diretrizes

Os projetos deverão se alicerçar em decisões e prioridades do povo empobrecido que vai se organizando, promovendo a libertação, autonomia e superação de estruturas injustas. Os projetos de desenvolvimento não podem ser considerados como esmolas aos marginalizados, aos oprimidos e, em geral, ao povo empobrecido. Pois, se assim fossem, estariam contribuindo para a perpetuação da dependência. Para desincumbir-se de sua tarefa de preparar, aprovar e avaliar estes projetos, a IECLB se norteará pelas seguintes diretrizes:

- 1 - Os projetos devem visar aos empobrecidos e aos marginalizados, cultural, social e economicamente, para facilitar-lhes a ruptura de estruturas injustas e opressoras.
- 2 - Os projetos devem investir na preparação, formação e manutenção de profissionais de diversas áreas engajados no trabalho de base.
- 3 - Os projetos devem abrir espaço para iniciativas de organização do povo e/ou apoiar as já existentes.
- 4 - Os projetos devem evidenciar a participação das bases, inclusive com seus recursos, na sua preparação, elaboração, execução e avaliação dos resultados.

... e elaboração de material para o aprendizado, a

7 - Os projetos devem apoiar encontros de formação, estudo, intercâmbio e capacitação de líderes.

8 - Os projetos devem beneficiar o povo (conforme item 1) sem discriminar raça, cor, sexo, credo e idade.

9 - Em casos de projetos de outras Igrejas, a condição é que sejam filiadas a organismos ecumênicos aos quais a IECLB também pertence.

10 - A entidade solicitante deve estar legalmente constituída ou encaminhar o projeto com o aval da instância competente da IECLB, de acordo com a abrangência do respectivo projeto.

Projetos Recomendáveis

De acordo com as diretrizes, recomendam-se projetos nas seguintes áreas:

a) Agricultura:

Apoio aos trabalhadores rurais, em especial à luta pela Reforma Agrária, entendida não só como conquista da terra pelos sem terra, como a permanência nela daqueles que a possuem. Este apoio deve também ajudar os trabalhadores rurais na luta por saúde, educação, aposentadoria, em suma, por melhores condições de vida. Os projetos nesta área podem também apoiar: assistência à produção, ao transporte, industrialização comunitária, comercialização, pesquisa em tecnologias alternativas.

b) Ecologia:

Apoiar projetos de preservação, educação e estudo do impacto ambiental. Nos projetos agrícolas a tecnologia empregada deve estar em sintonia com as leis ecológicas.

c) Saúde:

Apoio a projetos de educação popular visando a promoção da saúde, formação de agentes de saúde, hortas domésticas/medicinais/orgânicas, pesquisa alternativa. Apoio aos movimentos populares de saúde e a projetos na área de Pessoas Portadoras de Deficiência (PPD).

d) Educação:

Apoio a projetos que visam a formação de líderes e técnicos a serviço do movimento popular e sindical em áreas a serem definidas conforme as necessidades locais e regionais. Formação de líderes e multiplicadores (professores, reciclagem de agentes), cursos de treinamento e aperfeiçoamento que visem a fixação do homem no campo. Apoio à pesquisa e extensão a nível superior com uma proposta alternativa. Programa de educação para idosos.

e) Realidade urbana:

Os projetos na área urbana devem priorizar: produção alternativa, organização alternativa, resgate do ser individual e social, pesquisa do espaço urbano e sua problemática e pastoral urbana.

f) Movimentos populares:

Entendemos que são organizações das classes trabalhadoras que lutam por transformação social. Os projetos devem apoiar o movimento sindical autêntico/combativo na cidade e no campo. Apoiar oposições sindicais, sempre que a situação é injusta. Os projetos devem servir para instrumentalizar a luta por direitos à saúde, educação, trabalho, aposentadoria, habitação, terra, lazer, alimentação, transporte e demais necessidades básicas. Assessoria à comunicação e apoio à causa indígena em sua luta em defesa do patrimônio cultural.

- Movimentos ecumênicos de base:

Apoio às pastorais, assessorias teológicas e políticas, apoio a programas ecumênicos de estudos da Bíblia.

IECLB	
VISTO	RELATC
15911 28.1	
HEM.	/ /
ARQUIVO	/ /

VISTO	RELATOR
15911 28.10.92	
REM.	/ /
ARQUIVO	

-Programa de intercâmbio para diálogo:

Apoio a encontros entre Organizações Não Governamentais (ONGs) do Primeiro Mundo e ONGs do Terceiro Mundo. O mesmo diálogo deve ser incentivado entre as ONGs do Terceiro Mundo.

g) Idosos:

Os projetos nesta área do idoso devem valorizar a terceira idade, possibilitando que o idoso se torne sujeito e não objeto da história. Assessoria jurídica na conquista de seus direitos.

h) Catástrofes:

Nestas situações os projetos devem receber atendimento rápido e imediato. Auxílios para a construção deverão nortear-se rigorosamente pelas diretrizes e recomendações deste documento.

Acompanhamento e Avaliação de Projetos

Todo o investimento na área do desenvolvimento humano deve estar inserido num meio, qual tem interesse na questão em pauta. O ser humano é agente ativo de seu processo histórico. Por isso:

1 - Os pareceres que acompanham os projetos, quando encaminhados para o Serviço de Projetos da IECLB, devem ser dados pelo presbitério da paróquia e/ou comunidade, ou quando possível, pela Assembléia, com citação da ata.

2 - Pelos Conselhos Distritais e Regionais, com citação da ata.

3 - Quando o projeto for de terceiros, isto é, não sendo a requerente nenhuma instância eclesiástica da IECLB, o projeto deve ter uma pessoa da comunidade e/ou paróquia, indicada pelo presbitério, como elo de ligação.

4 - Durante a execução do projeto a instância eclesiástica que deu o seu parecer será solicitada a acompanhar e fazer uma avaliação anual, por escrito, a qual será enviada ao Serviço de Projetos.

O procedimento de acompanhamento e avaliação deve ser o seguinte:

a) Se o projeto for de terceiros, deve ser acompanhado e avaliado pela comunidade e/ou paróquia evangélica luterana, em cuja área geográfica se encontra.

b) Se o projeto for e/ou estiver ligado a uma comunidade/paróquia, cabe ao Distrito Eclesiástico assumir esta função.

c) Se o projeto for de um Distrito Eclesiástico, cabe à Região Eclesiástica fazer o acompanhamento.

d) Se o projeto for de uma Região Eclesiástica, cabe à Comissão de Projetos fazer o acompanhamento.

e) Se o projeto for do Conselho Diretor da IECLB, o mesmo prestará contas no Conselho Geral.

5 - Os membros da Comissão do Serviço de Projetos farão visitas aos projetos. As avaliações e visitas devem contribuir à educação para a automanutenção dos mesmos.

6 - As instâncias eclesiásticas e a coordenação dos projetos serão informadas, pelo Serviço de Projetos, a respeito da avaliação anual. Os critérios da avaliação devem ser de acordo com as normas e peculiaridades das diferentes áreas nas quais se desenvolve o projeto. A avaliação também deve orientar-se nos objetivos descritos no projeto.

Recomendações

a) Os projetos devem visar à organização do povo e não substituir responsabilidades, especialmente as que cabem ao Governo assumir e cumprir.

b) Almeja-se que os projetos renovados, aprovados e avaliados pela IECLB, sejam bem aceitos e apoiados pelas agências doadoras.

Recomenda-se a criação de um fundo para pequenos projetos na IECLB. Considera-se pequenos projetos os que não ultrapassem 5 mil dólares.

Projetos de construções e equipamentos somente poderão ser apoiados caso sejam sensíveis para obter os objetivos previstos. A justificativa deverá ser baseada em critérios deste documento.

NOTAS EXPLICATIVAS

- Projetos de desenvolvimento são aqueles projetos que vão além das estruturas existentes. São projetos alternativos em áreas onde o poder público não investe preferencialmente.

- As comunidades, paróquias e instituições da IECLB encaminham projetos de desenvolvimento, observando as diretrizes previstas para os mesmos. Terceiros são exceção.

- Os projetos encaminhados ao Departamento de Diaconia (Serviço de Projetos) são avaliados e os recursos são buscados preferencialmente junto às seguintes entidades: Community Development Service (FLM/CDS), Pão para o Mundo (PPM) e Evangelische Stelle für Entwicklungshilfe (EZE).

- Projetos na área da criança (creche) devem ser encaminhados ao AMENCAR - Amparo e Assistência Social. Projetos encaminhados por terceiros e localizados no Nordeste e no Sudeste do Brasil onde não há comunidades da IECLB, devem ser encaminhados à CESE - Coordenação Ecológica de Serviço e à DIACONIA.

- Projetos de Missão, vinculados diretamente ao trabalho das comunidades da IECLB, aquisição de carro para locomoção, construções de casas paroquiais, centros evangelizadores, áreas de missão e outras atividades afins, devem ser encaminhados à Secretaria de Missão. Estes são projetos de Igreja para Igreja e estão sujeitos a outros critérios de análise.

Revisado e atualizado em Seminário de outubro de 1989.

Revisado pelo Conselho Diretor em março de 1990.

Anexo nº 5

Estória da Águia que quase Virou Galina.

Era uma vez uma águia que nasceu numa ninhada de pintinhos. Ovos trocados... Dessas coisas estranhas que acontecem por aí. E esta águia logo começou a se sentir meio esquisita. Seus irmãozinhos a olharam com certa estranheza, mas ela fazia de tudo pra parecer igual a eles. Só que, a cada dia que passava ela se tornava mais diferente e mais sozinha.

Até que apareceu por ali perto um viajante que era alpinista e logo observou que aquela ave não era uma galinha. Chegou até ela e disse: " você não é uma galinha e sim uma águia que voa!

" Não senhor." Respondeu ela irritada. "Eu sou uma galinha sim, me deixe em paz..."

O viajante inconformado com a atitude desta águia medrosa tornou a insistir e conseguiu convencê-la a ir com ele no topo de uma montanha e dali, o viajante soltou a águia. Então, a águia disfarçada ficou desesperada, começou a bater as asas como louca, era a única coisa possível de fazer naquele momento... E quando viu, estava voando. Voou alto. Depois mais alto e depois mais baixinho. Derepente, viu o galinheiro lá embaixo. A águia ficou com vontade de descer e contar a novidade, mas preferiu ficar voando.

